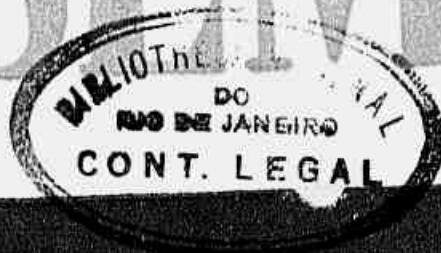


REVISTA DA SEMANA

N.º 27

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil



3-7-48





SIMONE Simon não morreu. Nem desapareceu do cinema. A intérprete de "A Besta Humana" e de "Sangue de Pantera" cansou-se de Hollywood. Voltou à Europa. E novas oportunidades se abriram à sua carreira. A Inglaterra acaba de chamá-la aos seus estúdios. Simone Simon resolveu tentar a experiência londrina. E assim se tornou a protagonista de "Pôrto da Tentação" (Temptation Harbor), um filme em que tem Robert Newton como galã. Nesta página figuram algumas cenas dessa película.

A VOLTA DE SIMONE SIMON



triste
E o
A
da c
de
Por
jard
no p
cust
se e
En
riqu
Ajo
Pre
Ele
uma
leve
com
nov
agr
fare
mel
N
faze
com
colo
no g
ao m
El
a m
natu
afin
seg
de r
"A
olho
imp
pre
bem
Par
hum
mui
vont
uma
nha
solio
esta
long
Lo
zinh
no
mais

HEL

O amigo achado e perdido

QUALQUER coisa parecia mover-se na chuva. Qualquer coisa parecia ser acionada pelos cordões grossos e brancos caindo do céu. Tudo cinzento. O próprio gramado do jardim semelha revestido de impalpável fuligem. Havia uma religiosa tristeza nas roseiras que as águas tornavam de um âmbar lúgubre. E o cheiro dos canteiros molhados subia, entontecendo um pouco. A pequena figura de fantoche movendo-se ao sabor das cordas da chuva, se foi precisando. Primeiro, esbatida tal se estivesse dentro de uma tela pontilhista; depois, tomando contornos mais positivos. Por fim, a mancha cinza em cinza diluída ganhou o portãozinho do jardim aberto, roçou sob as roseiras num ritmo manquitola, hesitou no patamar da escada. Foi subindo, degrau por degrau, numa vitória custosa e triste sobre cada um. Em seguida, o aglomerado de pêlos se estirou, ofegante, em cima dos ladrilhos.

Era um cãozinho lanudo de olhos escondidos sob uma melancólica riqueza capilar. Lamuriou algum tempo, o focinho em meus sapatos. Ajoelhei-me. Ele me estendeu uma pata mole, como desarticulada. Premi-a. O animal ganiu baixinho. Trouxe uma toalha e o enxuguei. Ele se deixou manejar pondo em mim seu olhar humilde filtrado por uma cortina de pêlos sujos. Quando ficou pronta a sumária limpeza levei-o para dentro, até a cozinha. Dei-lhe papas de miolo de pão com leite. Pôs no ágate do prato uma língua cor de mata-borrão novinho. E de vez em quando levantava os olhos numa ternura agradecida e densa. Depois da refeição, manquitolou pela cozinha, farejando. Era uma aventura muito meticulosa entre a cerâmica vermelha do piso e os alvos ladrilhos das paredes.

Nada vi mais triste que aquele cãozinho vagabundo não podendo fazer uso de uma de suas patas. Sem dúvida, não competiria com os companheiros na virada das latas, junto aos portões, seu defeito colocando-o numa dolorosa marginalidade. Lembrei-me de que tinha no guarda-comida a carcaça de um frango. Servi os ossos apetitosos ao meu novo amigo.

Ele comia com fome mas sem voracidade vulgar. Comia alternando a mastigação com ternos olhares de agradecimento. Parecia uma natureza sensível e elevada que a doença e o defeito físico haviam afinado e requintado. Ficou uma tarde comigo, silencioso e educado, seguindo-me a saia, passando entre as portas a felpuda cabeça cheia de uma indescritível dignidade.

Ao cair da noite partiu, parando de vez em quando um pouco, olhando para trás. Partiu num andar difícil, como que seguindo um imperativo a que não se pudesse furtar. Havia certa resignação desprendida e louvável naquela retirada custosa. Parecia aquilatar muito bem o valor de tudo o que deixava. Mas assim mesmo ia embora. Parou no limite do jardim. Sentou-se. Olhou-me numa branda e humilde ternura. Poderia fechar o portão, retê-lo, persuadí-lo com muito carinho... Mas havia naquele cachorro doente um poder de vontade, uma nobreza de sêr que me tolhiam estranhamente. Era uma individualidade formada a que eu não podia antepor mesquinhas barreiras. A quem devia respeitar a vontade, a tristeza e a solidão. Algum tempo ele ficou me contemplando. Sabia que ele estava decidido, que aquilo não era uma hesitação mas sim um prolongamento de despedida.

Logo a chuva recomeçou num lamento ranheta das calhas. O cãozinho se tornou indistinto outra vez, pequena mancha cinza perdida na cinza geral. Vi que se movia manquitolando, que se afastava mais e mais. Com dificuldade. Depois foi só a chuva e a noite.

HELENA SILVEIRA

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

SUMÁRIO

COLABORAÇÃO

- O amigo achado e perdido (Helena Silveira) 3
Quando a República nascia (Viriato Corrêa) 23

BIOGRAFIA

- A vida de Brigham Young (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) 18

CARICATURA

- Bom humor 16/17

REPORTAGENS

- O sensacional caso da Escola Naval (Ney Machado) 6/15
O S.O.S. do cinema francês (Ivonne Jean) 30/34

CONTOS

- As cinzas (Michel Provins) 19
O assalto (Saboia Ribeiro) 20/21
Fraternidade (H. A. Manhood) 22

SEÇÕES PERMANENTES

- A Semana em Revista 4
O Mundo Marcha 5
Cine-Revista 28
O Filme da Semana 29
Broadcast 36
Vida Literária 37
Livros Novos (João Luso) 38
Pelas Estradas do Céu 49
Cancioneiro Internacional 50
Música 52

SUPLEMENTO DA MULHER

- Nos bastidores femininos (Kitty) 39
Efeitos de plissé (Olga Obry) 41
O espírito feminino através dos tempos 44
A personalidade da semana (Sarah Marques) 45
Muro das lamentações 46
Mães e filhos (Zóia de Laet) 47
"Week-end" na cozinha (Marie Cook) 48

FOLHETIM

- Na esteira do bruxo vermelho (Garland Roark-F. R. Gruger) 57/58

ILUSTRADORES

- Fernando Pereira
Armando Pacheco
Abelardo Zaluar

NOSSA CAPA

Trazemos hoje à nossa capa uma desconhecida para os fãs do cinema. Trata-se de Glória Henry, da Columbia, que veremos brevemente no filme em cinecolor "Almas Indomáveis", ao lado de Gene Autry. Glória Henry está há muito tempo em Hollywood e nunca tivera uma oportunidade, tendo feito inúmeras pontinhas em diversas películas. Um "test" na Columbia deu-lhe a esperada "chance" e imediatamente foi elevada a categoria de "estrela". Felicitades, Glória Henry...



O SCALA DE MILÃO E AS TURRAS COM O PREFEITO



etc. Nos últimos anos, tudo isso foi ainda agravado, com a fundação da famosa Sociedade Artística Brasileira, — a SAB, — que instituiu o calote como norma de conduta, sendo acionada com escândalo pela SBAT

e estando em dívida com vários artistas brasileiros e estrangeiros, entre os quais Ferruccio Tagliavini, Eino Pinza e outros. Convencionou-se que os cariocas teriam de todos os anos subvencionar as representações das mesmas óperas, geralmente com os mesmos artistas, — e assim não se conseguiu ouvir senão o "Elixir de Amor", o "Rigoletto", a "Traviata" e a "Tosca". Intervindo energeticamente no assunto, decidiu o prefeito trazer ao Rio o elenco do Scala de Milão e o famoso maestro Victor De Sábata, considerado a maior autoridade mundial em música Wagneriana. Mas os interesses feridos se excitaram. Houve protestos. E esses protestos acabaram ecoando na Câmara Legislativa do Distrito Federal, que, por maioria, negou ao prefeito os recursos necessários à realização da nova temporada lírica, recursos que sempre estiveram com todas as facilidades ao alcance dos empresários estrangeiros que "tapejavam" de qualquer modo a platéia, com suas temporadas rotineiras e mal organizadas...

Foi realmente deplorável que um assunto como esse tivesse sido motivo de explorações políticas mesquinhas, de campanário, e que o prefeito do Distrito Federal visivelmente bem intencionado, se visse proibido de levar adiante sua iniciativa. Remediando essa situação, um deputado federal propôs, na Câmara dos Deputados, que a União financiasse a vinda do conjunto do Scala, — que, segundo alguns vereadores, não chega a existir... Assim, o Tesouro Federal parece que vai assumir um ônus que devia ser do Tesouro Municipal. Não vemos que vantagem possa resultar disso. O fato é que parece que o conjunto do Scala vem mesmo a assim as turras entre a Câmara Legislativa e o prefeito do Distrito Federal não passarão de uma tempestade em copo d'água, gerando uma irritação inútil e atrapalhando o programa de trabalho dos vereadores...

TRADIÇÕES BRASILEIRAS DIGNAS DE ESTÍMULO



A medida que se desenvolve o progresso material de um país, que a civilização vai penetrando no seu interior, que os costumes adquirem um cunho cosmopolita, vão também se dissolvendo as tradições e se modificando os costumes. E, em razão disso, quanto coisa bela e digna de ser conservada se perde, desaparece, é esquecida pelas novas gerações! Para o brasileiro de hoje, que se habituou a mascar "chiclets" e a beber "cock-tails" complicados, que expressões podem ter as fogueiras de outrora, com o milho verde assado, a abóbora de leite, o aipim e a batata doce, as sortes, os fogos de artifícios queimados enquanto crianças e moços "passam fogo", escolhendo "compadres" e rejeitando amadas? Que expressão pode ter o "Bumba-Meu-Boi", o "Burinhão-do-Meu-Amor", a "Nau Catarineta"

e outras expressões do nosso folclore, que, infelizmente, estão desaparecendo? Não têm significação nenhuma, nem podem ter, para os que as ignoram inteiramente, para os que não se habituaram a cultuá-las, — mas sem dúvida passarão a ter, se fizermos um esforço no sentido de revivê-las e de preservá-las. Por tudo isso, parece-nos digna dos maiores aplausos a iniciativa que teve o diretor geral do SABC, major Umberto Peregrino, promovendo na semana passada, no Leblon, uma grande festa popular, dedicada aos frequentadores dos restaurantes daquele serviço, na qual foi feita magnificamente a reconstituição do "Bumba-meu-boi", com todas as figurações, cantos e demais detalhes, comuns às referidas festividades nos Estados do Norte do Brasil. País jovem, com poucas tradições, precisamos zelar por aquelas que possuímos e que o tempo vai destruindo, ante a indiferença dos que mais prontamente assimilam costumes estrangeiros do que se preocupam com a conservação dos nossos...

RIO DE JANEIRO, CIDADE DOS BECOS...



Se há uma coisa com a qual os nossos vereadores devam se preocupar imediatamente é com a revisão do nosso cadastro urbano, do planejamento da cidade, de forma a evitar que o Rio de Janeiro continue a ser uma cidade provinciana, angustiada pela carência de espaço, uma cidade de ruas tortuosas, de vielas escusas, por onde o tráfego de veículos flui com morosidade irritante. Temos uma Inspetoria do Tráfego que é fértil em inovações mais ou menos inócuas, mas devemos reconhecer que nem todas as mazelas do nosso trânsito, nem todo o congestionamento que ora prevalece, resulta das medidas mais ou menos intempestivas e arbitrárias do sr. Edgard Estrêla. A engenharia municipal é gran-

demente responsável por isso, em sua criminoso imprevisão. Tomemos para exemplo um caso típico: o da rua de Santa Luzia. Estreita, estreitíssima, mesmo, — embora sendo um dos caminhos naturais para o Aeroporto e para as Barcas, a rua de Santa Luzia, ao serem demolidos os seus principais edifícios, — o do Club Militar, de um lado, e o Bonilloux-Lafont, do outro, — ficou exatamente como estava, em relação ao tráfego de veículos, sem sofrer o menor alargamento! Só foram feitos alguns vãos para a passagem de pedestres, mas o espaço para os automóveis e bondes é o mesmo. Outras ruas centrais, como as da Quitanda e do Carmo, estão padecendo quase da mesma coisa. Nessas há algum alargamento, mas um alargamento que é, de qualquer modo, insuficiente, pois em dois ou três anos essas ruas de novo serão becos. É necessário contar, também, com o estacionamento dos automóveis, coisa igualmente exasperante. O Rio de Janeiro está se convertendo numa cidade de gente apressada e neurastênica, de gente que, para cumprir um compromisso qualquer, se vê obrigada a sair de casa, geralmente

uma hora antes, sob pena de chegar atrasada. Ainda, em Botafogo, temos um exemplo de imprevidência. Com a medida adotada pela Inspetoria do Tráfego para auxiliar o escoamento para a zona sul, perde-se no Pavilhão Mourisco, onde há um tremendo engarrafamento, as vantagens de tempo conseguidas no resto do percurso. O cruzamento podia ser evitado, com a mudança da mão dos que vêm para a cidade, para o lado direito e dos que vão para o lado esquerdo. Por outro lado, tendo sido completada uma parte do atênieo de Botafogo, essa faixa aterrada já podia ter sido ligada diretamente à Urca, pela parte vizinha ao mar, com a simples demolição do Pavilhão Mourisco, da transferência do Club Guanabara e do Fluminense Yacht Club para outro lugar. Estas instituições, por muito ilustres e prestigiosas que sejam, estão instaladas em local impróprio, que bem pode ter uma utilização mais útil à coletividade sofredora da cidade dos becos e das vielas...

ANO XLVII
N.º 27 — 3-7-48

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário:
R. MAGALHAES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses — Cr\$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00
O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Telex: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", 4 rua Cap. Saicmao, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, 4 rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguilar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



Um acontecimento de larga repercussão na política norte-americana e, possivelmente, na política mundial, vem de se dar em Filadélfia, com a indicação do governador do Estado de Nova York, sr. Thomas Dewey, como candidato à presidência dos Estados Unidos, pelo Partido Republicano. Segundo os republicanos, o presidente Harry S. Truman não tem a menor possibilidade de reeleger-se, em razão de suas hesitações no campo internacional e dos maus resultados de sua administração no campo nacional... Continuam tensas as relações entre russos e americanos em Berlim. O general Lucius Clay, governador da zona norte-americana, advertiu que "somente uma guerra poderá obrigar os americanos a se retirarem da capital alemã". O Ministério do Exterior da França também declarou que os franceses não arredarão pé de Berlim. Os russos fazem as mesmas ameaças... O guarda 2121, de serviço nas proximidades do Rio Comprido, notou que uma limousine parava dentro do túnel. Dentro do veículo moviam-se sombras suspeitas. O policial chamou dois companheiros e daí a poucos instantes cercavam o automóvel. Para espanto dos guardas, havia no carro quatro pessoas em trajes paradisíacos... Terminou o inquérito sobre as irregularidades praticadas pelo sr. Gabriel de Lucena no Instituto Profissional Quinze de Novembro. Ficou provada a culpa desse ex-diretor. Foram punidos vários empregados e, paradoxalmente, só deixou de receber penalidade o maioral, o dito sr. Gabriel de Lucena... O sr. Rafael Caetano da Silva, de Itapetininga, São Paulo, possui uma galinha que põe dois ovos por dia. O operoso galináceo foi apelidado de "Amélia", porque ela é que é galinha de verdade... O filho de uma alta autoridade policial requisitou (?) um carro oficial, apresentando como única credencial ser ele filho de seu pai. O carro foi requisitado na noite de domingo transato. Horas mais tarde, depois de divertir-se a grande, lançou o carro contra um poste, espatifando o veículo e ferindo a sua companheira de farra, a empregada doméstica Carmen Rodrigues Pereira, moradora à rua Montenegro, 107. Soube-se que o herói do caso é useiro e vezeiro em requisitar automóveis do Departamento Federal de Segurança Pública. Noticiou-se também que seu pai vai punir os culpados. Os culpados ou o culpado?... Foi furtada da residência da viúva do pintor Décio Vilaros uma tela de Pedro Américo avaliada em cinquenta mil cruzeiros. Sinal de progresso. Os nossos larápios já têm bom gosto artístico... Em São Paulo foi descoberto um novo mineral radioativo, ao qual foi dado o nome de Paulistanita... O médico Renault Durval Pereira da Silva agrediu brutalmente sua sogra, dona Maria Olívia, de setenta anos, sendo a vítima transportada para o Hospital do Pronto Socorro. O motivo apresentado pelo agressor foi: incompatibilidade de gênios... O sr. João Alberto, ex-chefe de Polícia, ex-presidente da Fundação Brasil Central, ex-presidente da Câmara Municipal, externou sua opinião sobre a sucessão presidencial. Julga que o candidato de maiores possibilidades é o brigadeiro Eduardo Gomes. Será que o sr. João Alberto já é também ex-trabalhista?... Teheran, capital do Iran, foi invadida por audaciosos bandos de ladrões. A polícia não resolvia o problema. Resolveu então o rei, o xá da Pérsia, como é conhecido, acabar com a desordem. Kantasiou-se de mendigo, saiu incógnito pelas ruas e acabou descobrindo a organização de malfetores. No Oriente ainda acontecem essas histórias das Mil e uma noites... O governo turco está em luta com o comércio expansionista norte-americano, que lhe acaba de roubar o mercado consumidor de fumo na Europa. Os famosos cigarros turcos estão sendo substituídos na Alemanha e em outras zonas de influência estadunidense pelos "Camels" e "Chesterfields". Essa luta pela conquista do público fumante já fez cair um gabinete na Turquia... Cinco soldados do Exército atacaram um casal de noivos em Niterói e só não consumaram maior violência porque populares acorreram aos gritos de socorro das vítimas. A moça atacada, senhorita Nicéa Martins, está em estado grave no Pronto Socorro da capital fluminense... O jornalista Costa Rego procurou em todas as livrarias de Paris um exemplar da Constituição Francesa e, para seu espanto, nada encontrou. — "Isto porque — explicou-lhe um livreiro — todos acham que a atual Constituição não vai durar muito. Nessas condições não valeria a pena editá-la"... Por causa de um projeto que faria reverter ao serviço ativo o general Mascarenhas de Moraes, comandante da F.E.B., quase houve briga na Câmara. O deputado Acúrcio Tôrres, líder da maioria, manifestou-se contra o projeto, e o deputado Barreto Pinto interveio, declarando que o general Dutra teria dado ordem ao líder da maioria para impugnar a medida. Afinal, o projeto-lei voltou à Comissão de Justiça, por indicação do deputado Prado Kelly... O Senado chileno aprovou projeto-lei do governo considerando ilegal o Partido Comunista do Chile... O bispo John J. Swaint, da Virgínia, ameaçou de excomunhão todas as moças que participem dos concursos de sereia. Aimée ficou muito apreensiva com a notícia, e as banhistas de Copacabana pensam em lançar a moda dos maiôs até o tornozelo, a fim de evitar complicações... Falceu subitamente, no interior da casa lotérica "Fasanello", o sr. Israel Souto, ex-delegado da Ordem Política e Social ao tempo em que Filinto Muller foi chefe de Polícia... Um funcionário do Instituto do Alcool e Açúcar do Recife perdeu quinhentos mil cruzeiros — desfalcados daquela autarquia — no "jôgo do bicho". Chegava a fazer paradas de oitenta mil cruzeiros por dia... O ministro do Trabalho interveio em mais três sindicatos: Fiação e Tecelagem, de Fortaleza; Empregados de Empresas Teatrais e Cinematográficas, de São Paulo, e Indústria de Construção de Mobiliários, de Barra Mansa. Por estas e outras é que o Brasil já foi denunciado pela Federação Mundial de Sindicatos como país de regime totalitário... O ex-chefe do Estado Maior da Marinha japonesa, almirante Sankichi Takahashi, destituído da Armada, iniciou nova carreira. Trabalha agora nas ruas de Tóquio como "homem-sanduíche", carregando cartazes nas costas e no peito... E mais uma vez (a última, afirmou ele) Joe Louis saiu vitorioso num combate pelo título de campeão mundial de box de todos os pesos, pondo a "knock-out" no 11º "round". Joe Wolcott. Por hoje é só... até sábado...

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, conturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrótos, mau gôsto na boca, indigestão, muita sede e queadura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES
São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e a banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

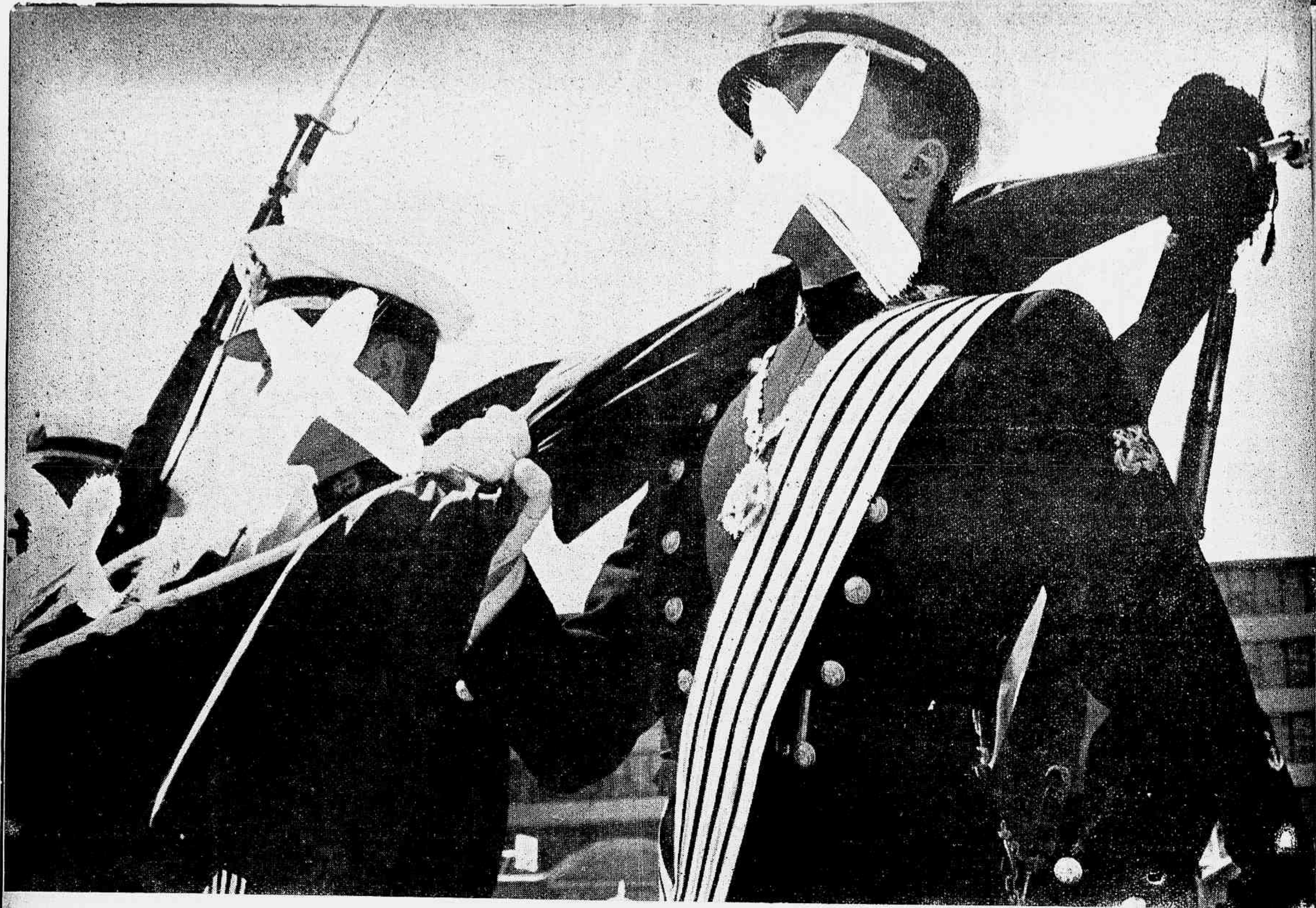
"INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO"

Vocabulário Completo de Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas.

★

Pedidos pelo Reembolso Postal para
VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 -- Apto. 3 -- TIJUCA -- RIO DE JANEIRO

PREÇO: Cr\$ 20,00



Os bons alunos são os que conduzem a bandeira e dão guarda ao pavilhão sagrado da Pátria. Mas êsses estão agora cancelados. Não há quem conduza a bandeira, nem quem lhe dê guarda, porque todos os alunos se associaram ao mesmo movimento, — certos ou errados, — numa das maiores demonstrações coletivas que já se realizaram em nosso país. EM BAIXO: cancelados estão todos os alunos da Escola Naval, para cujo preparo contribuiu o povo brasileiro com grandes somas. Estes jovens estão aliçados da carreira que abraçaram. Os conhecimentos adquiridos na Escola Naval serão postos ao serviço de empresas particulares, a menos que uma solução conciliatória, — o que parece difícil, venha a ser encontrada.





Apontando para a Escola Naval, hoje deserta, existe perto do aeroporto um sinal, numa bandeirôla. Mas o caminho para a ilha de Villegaignon está vedado. Falta ali outra seta, em sentido contrário. Foi essa a seta negra que o nosso desenhista colocou junto à seta branca da bandeirôla. Até quando ficará fechada a Escola Naval?

A SENSACIONAL CRISE DA ESCOLA NAVAL

UM CASO ÚNICO NA HISTÓRIA BRASILEIRA ★ O PODER LEGISLATIVO EM FACE DA DECISÃO DO EXECUTIVO
OS PROJETOS CAFÉ FILHO E MEDEIROS NETO, ESPERANÇAS QUE RESTAM AOS EX-ASPIRANTES ★ A OPINIÃO
DE UM DEPUTADO, EX-CHEFE DE CLASSE DA ESCOLA NAVAL ★ "NÃO SE DEVE PENSAR NA POSSIBILIDADE DOS
ALUNOS NÃO REGRESSAREM", DIZ O DEPUTADO AMARAL PEIXOTO ★ A PROVÁVEL VOTAÇÃO NAS COMIS-
SÕES ★ TRINTA E CINCO ALUNOS, O EFETIVO ATUAL DA ESCOLA NAVAL ★ QUANDO O MINISTRO DA MARI-
NHA PREVIA A NECESSIDADE DE UM NOVO REGULAMENTO ★ UMA CARTA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Reportagem de NEY MACHADO



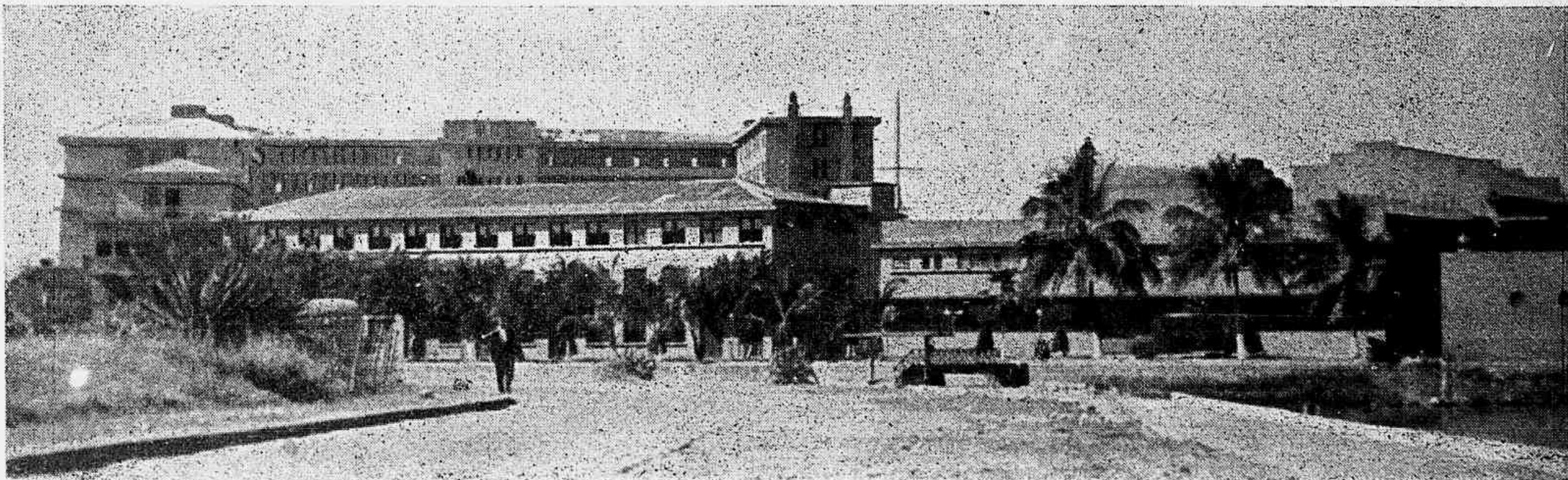
Fotos de ARNALDO VIEIRA e NEY MACHADO

DUZENTOS e sessenta e nove aspirantes da Escola Naval têm seu destino preso à sorte de dois projetos de lei que transitam atualmente na Câmara dos Deputados. A expulsão e a baixa dos aspirantes já se tornaram um caso consumado, em face da decisão do ministro da Marinha, que apoiou nos mínimos detalhes o almirante Pinto de Lima, diretor da Escola. O ministro, por sua vez, foi apoiado pelo presidente da República, general Gaspar Dutra. Para a Marinha e para o Poder Executivo, o assunto está encerrado. Cá fora, entretanto, persiste o drama de quase trezentas famílias atingidas pelos acontecimentos. Não se discute a repercussão do problema nos quadros de oficiais da Armada, que só receberão novos elementos em 1952. Ficou resguardada a disciplina e isto parece ser o essencial para o atual

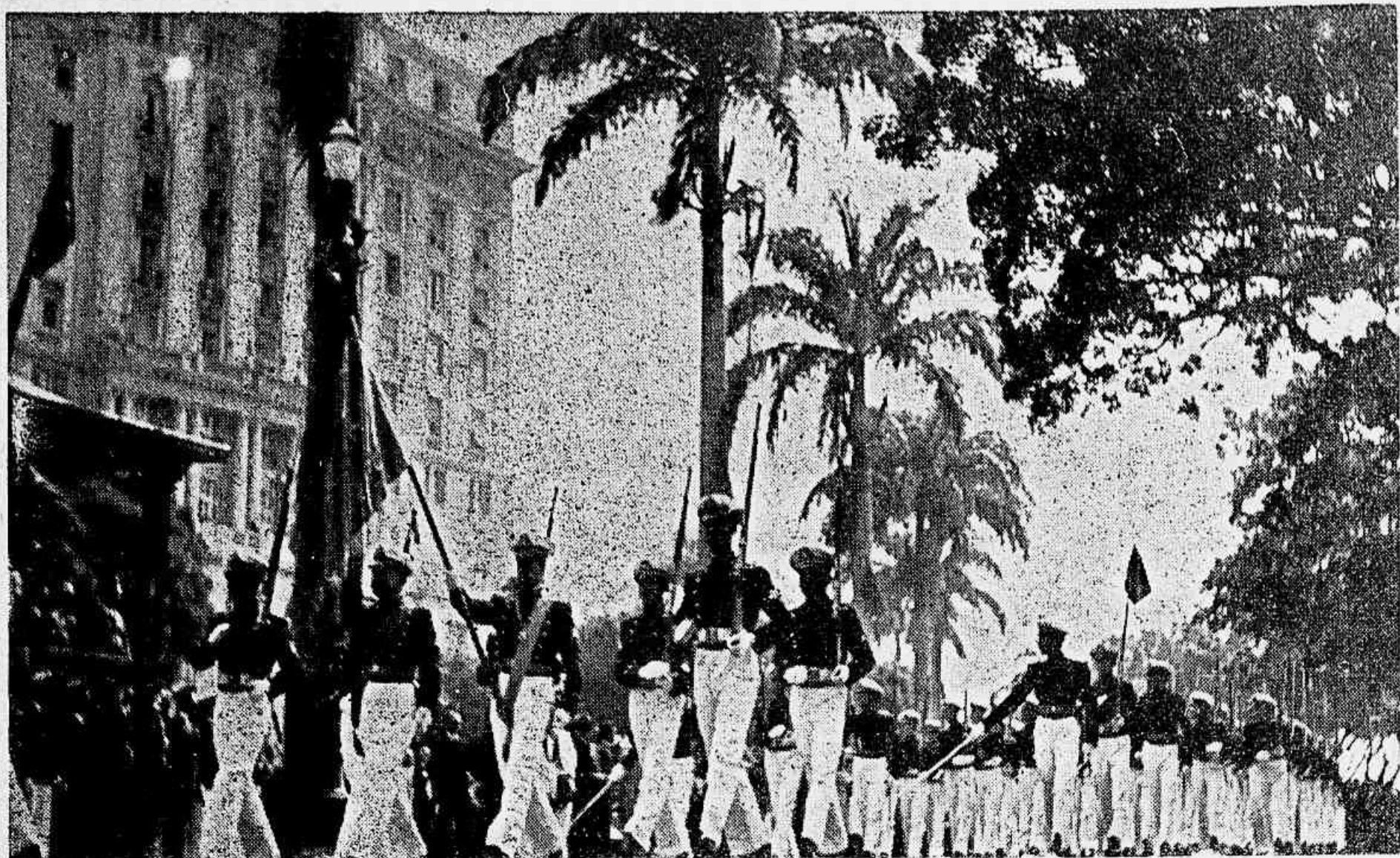
REVISTA DA SEMANA procura oferecer aos seus leitores, nesta edição, um resumo tanto quanto possível completo e imparcial sobre os graves acontecimentos da Escola Naval. Nosso intuito não é, senão, fixar opiniões de todos os matizes, dando ao público uma oportunidade de formar um conceito bem fundamentado a respeito da questão. Não somos partidários da indisciplina, nem tampouco advogados de medidas drásticas, capazes de ferir justos melindres. Ao contrário, se entendemos que a disciplina deve ser mantida energicamente nas instituições militares, entendemos também, por outro lado, que um tratamento humano e a consideração pessoal são coisas indispensáveis à manutenção desse princípio de ética profissional. Estimariamos por isso mesmo testemunhar de ambas as partes um movimento de generosidade e conciliação, inspirado nos motivos do mais sadio patriotismo, movimento que faculte um entendimento e uma solução capazes de evitar, por parte dos jovens cadetes, o desperdício de alguns anos de estudo e de vida e, por parte da nação, o gasto inútil de muitos milhões de cruzeiros, destinados à formação de novos oficiais com os quais, infelizmente, a nossa Marinha de Guerra não mais poderá contar.

titular da Marinha. Mas, dadas as repercussões do caso, para o assunto se volta a atenção do Poder Legislativo, representado pela Câmara e Senado Federal. Várias vozes, entre as quais a do ex-ministro da Aeronáutica e do Supremo Tribunal Militar, sr. Salgado Filho, se ergueram para proteger e solucionar os interesses dos alunos da Escola.

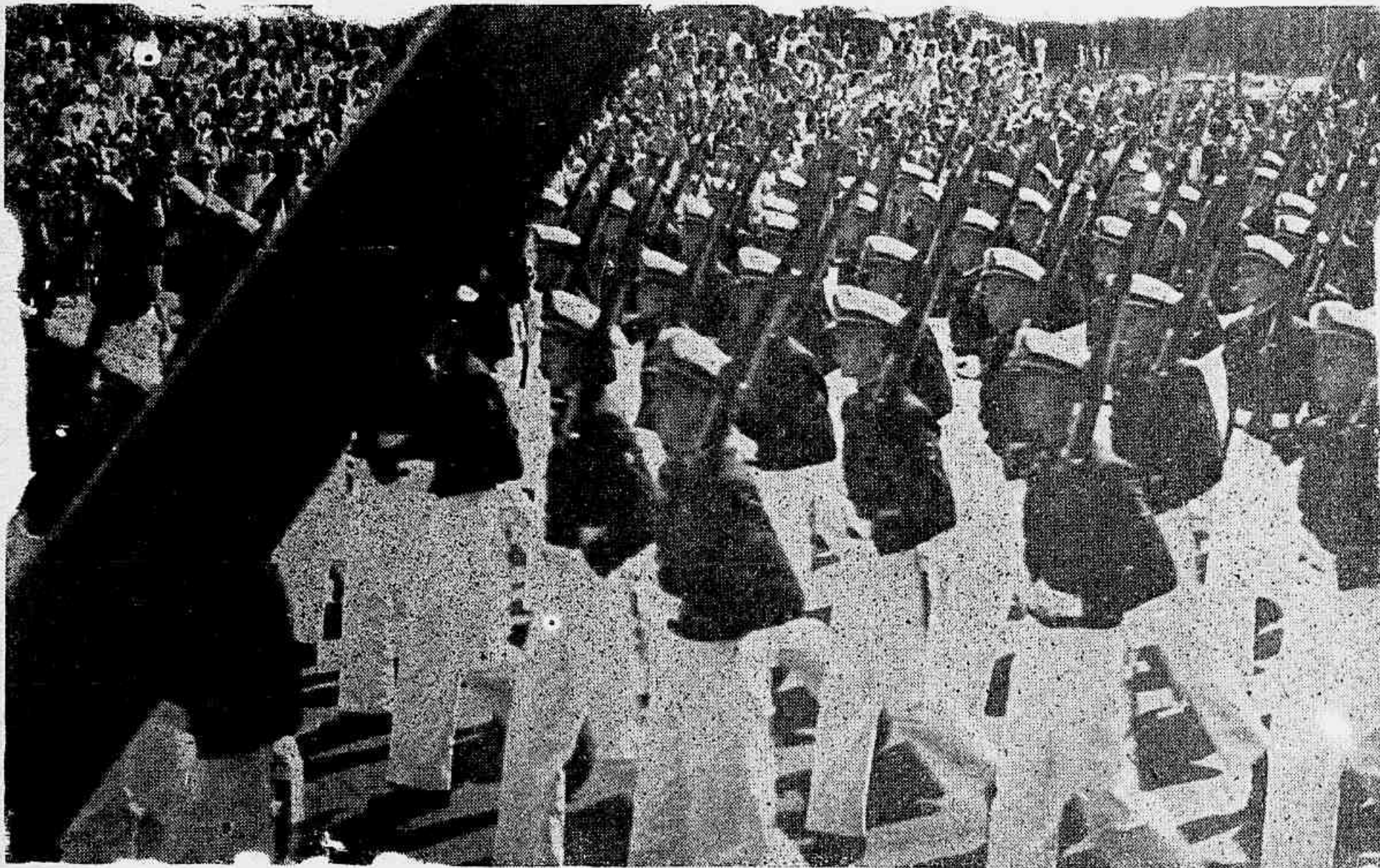
Embora haja quem acuse a imprensa e mesmo o Legislativo de estarem se imiscuindo em assunto que não lhes diz respeito, nós nos sentimos na obrigação de focalizar a crise da Escola Naval, começando pelo ponto mais interessante e momentoso: os dois projetos apresentados na Câmara, um deles o de anistia, subscrito pelo deputado Café Filho, e o projeto que facilita aos ex-aspirantes o ingresso em nossas escolas superiores, de autoria do deputado padre Medeiros Neto.



EM CIMA: a Escola Naval, hoje deserta. Sentindo-se feridos em seus melindres, os cadetes pediram baixa em massa. Sobre eles pesa a acusação de indisciplina e de baixo aproveitamento nos estudos. Mas muita gente, inclusive oficiais, reconhece que o velho regulamento deve ser mudado. Quem está com a razão?



Nas comemorações do Onze de Junho os cadetes costumavam desfilar. Mas a Onze de Junho passado a Escola Naval não formou. Somente em 1952 ela poderá voltar a formar completa.



Dois flagrantes de aspirantes a oficial de Marinha. Em cima, uma parada militar e em baixo, durante a cerimônia da entrega do espadim, quando se tornavam guardas-marinha. Os de agora estão reduzidos a 35.



A ANISTIA E A OPINIAO DOS PARLAMENTARES

O deputado Café Filho já foi entrevistado várias vezes e expôs aos jornalistas a sua opinião sobre a anistia que pretende conseguir. Falamos ligeiramente com o representante riograndense, o suficiente para que ele nos lembrasse o seguinte:

— Entendo que a Câmara, que anistiou os criminosos políticos de 30, 32 e 46; que anistiou desertores de guerra e até trabalhadores grevistas, não poderá deixar de aprovar a anistia. O presidente da República, como militar, não poderá estar ao lado do Legislativo, mas acredito que não se oporá (por intermédio de seu Partido dentro do Parlamento) ao que ficar resolvido pela Câmara e Senado.

Como se sabe, o porta-voz oficial do general Dutra na Câmara é o deputado peessedista Acúrcio Tórres, líder da maioria. Quando o deputado Café Filho expôs da tribuna as razões que julgava suficientes para a concessão do indulto aos aspirantes, dirigiu-se diretamente ao líder governamental, solicitando a interferência pessoal do mesmo para que o Catete não embaraçasse a concessão da medida. O deputado Acúrcio Tórres nada respondeu, limitando-se a sorrir. O deputado Café Filho recorda-nos agora, durante a entrevista:

— Creio que o líder da maioria não se oporá à anistia solicitada. O deputado Acúrcio Tórres fez parte de todas as Constituintes que concederam anistias aos criminosos políticos e sei que ele nunca se opôs àqueles indultos.

DENTRO DA CÂMARA, UM EX-CHEFE DE TURMA

Seria interessante ouvir a opinião dos parlamentares que, além de representantes do povo, são também representantes da nossa Marinha de Guerra. No Senado não existe nenhum oficial da Armada. Na Câmara existem três. O deputado Amaral Peixoto, o deputado Abelardo Mata e o udenista Helvécio Coelho Rodrigues. Foi com o deputado Coelho Rodrigues que falamos primeiro. Foi eleito pela chapa da U.D.N. do Piauí e é capitão de corveta reformado, ou da reserva, como se diz agora. Entrou para a Escola Naval em 1910 e pelos seus predicados intelectuais e morais chegou a chefe de turma. Sua primeira frase para a nossa reportagem foi expressiva:

— Justamente por ter sido chefe de turma e sabendo das obrigações que competem a esses alunos em relação aos seus companheiros, achei por demais rigorosa a punição que lhes foi imposta pelo diretor da Escola.

Como todos estão lembrados, os melhores alunos de cada turma — selecionados, por isto mesmo, para chefes de classe foram presos pelo diretor da Escola, como responsáveis por não terem conseguido que os seus colegas terminassem com as demonstrações de descontentamento. Esse foi o momento crucial do problema, pois na manhã seguinte ao da prisão os alunos não atenderam ao toque de alvorada para a ginástica. Pelas palavras do deputado Coelho Rodrigues, antigo oficial da Marinha, o motivo de qual resultou a rebeldia foi "rigoroso de mais" (palavras textuais).

— Faltou uma fórmula conciliatória — continua o deputado Coelho Rodrigues — ajustando os desejos dos alunos às exigências da disciplina.

O nosso entrevistado declara, em seguida, ser favorável à aprovação do decreto que anistiará os ex-aspirantes, o toca num ponto melindroso da questão. Diz-nos ele:

— Acho que o ministro da Marinha deve ser convidado a participar dos debates para a elaboração desse decreto, porque se a Câmara conceder o indulto à sua revelia isso implicará na sua demissão imediata. Proporei, assim, que o almirante Noronha seja ouvido durante os debates.

OUTRO DEPUTADO, OFICIAL DE MARINHA, TAMBÉM JULGA QUE O CASO NÃO ESTÁ ENCERRADO

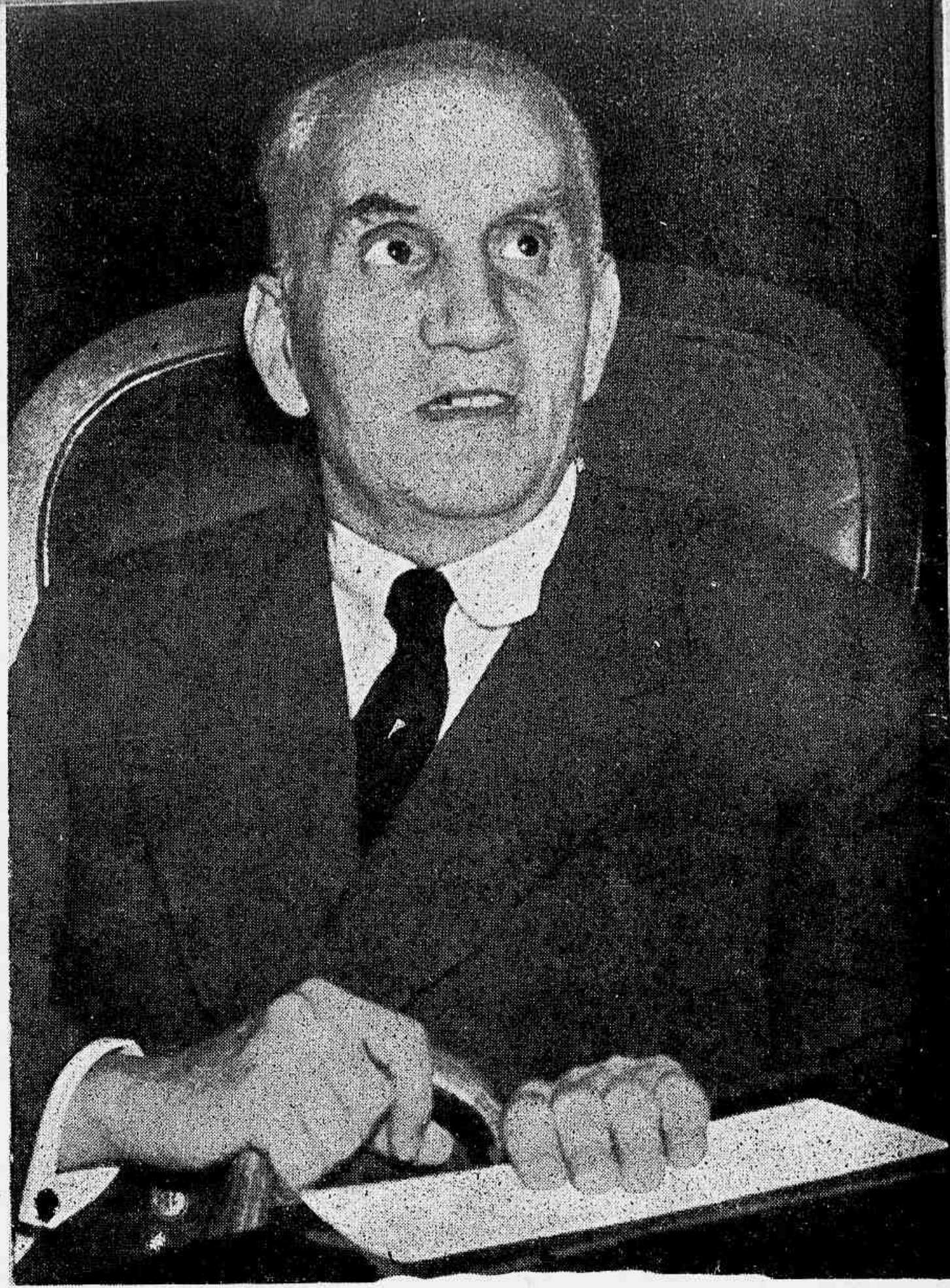
O segundo oficial de Marinha que ouvimos, entre os eleitos pelo povo para o Parlamento, foi o deputado Amaral Peixoto. Sua resposta também foi clara, e no seu modo de ver não se pode dar o caso da Escola Naval como encerrado.

— Não se deve pensar — disse-nos o representante fluminense — na possibilidade de os alunos não regressarem. Não creio, entretanto, que a anistia seja o meio de se resolver o impasse. Admito que a melhor possibilidade seria um en-



Em cima, à esquerda — O almirante de Esquadra Sílvio de Noronha, ministro da Marinha. Será demissionário caso o Congresso vote a anistia? A direita: o ministro Washington Vaz de Melo, do Superior Tribunal Militar, que procurou pessoalmente o senhor Presidente da República, acreditando encontrar uma solução para o caso da Escola Naval, junto ao Primeiro Magistrado. Na lá conseguiu. Depois, envolveu-se em um incidente com o ministro da Marinha. Em baixo, à esquerda: o deputado Prado Kelly, líder da minoria na Câmara, criticou o inquérito feito pelo comandante Pinto Lima, taxando a investigação de nula, sem valor algum. A direita: o deputado Café Filho, autor do projeto de indulto aos ex aspirantes, confia que o projeto obterá aprovação do Parlamento.





Ao alto, à esquerda — Os senadores Salgado Filho e Góis Monteiro, ex-ministro da Aero náutica e ex-ministro da Guerra, levantaram suas vozes no Senado; o primeiro condenando a atitude do comandante da Escola Naval, e o segundo aplaudindo-o. Outro que aprova a solução dada ao caso é o senador maranhense Vitorino Freire. A direita: o deputado udenista Helvécio Coelho Rodrigues, que afirmou: "A punição foi rigorosa demais". Em baixo: o deputado padre Medeiros Neto e o deputado Amaral Peixoto, que depuseram nesta reportagem.



tendimento direto entre uma delegação do pais de alunos, representando a totalidade dos responsáveis, e o presidente da República, assistido pelo ministro da Marinha. Estou certo de que conseguiriam a readmissão.

Esta foi a sugestão que encontramos de parte do representante fluminense. Devemos esclarecer que a nossa entrevista se deu dias antes de o general Dutra se haver congratulado com o almirante Noronha pela medida aprovada por este em relação à Escola Naval. Este resultado deve ter decepcionado um pouco o deputado Amaral Peixoto, que confiava no presidente da República como última instância. Por isso, acreditamos que votará também a favor da anistia, já que a sua idéia não poderá mais ser aproveitada.

Dos deputados oficiais de Marinha faltou-nos a palavra do comandante Abelardo Mata. Esse, entretanto, segundo voz corrente na própria Câmara, seguirá ele exatamente o pensamento do ministro da Marinha. Se o ministro deu o assunto por encerrado, o mesmo fará o deputado Abelardo Mata. De qualquer maneira, é significativo a exatidão de pensamento dos outros dois oficiais.

OUTRO PROJETO VALIOSO

O deputado padre Medeiros Neto teve inspiração feliz quando apresentou seu projeto à Câmara. Segundo o texto apresentado, visa obter isenção para os alunos da Escola Naval da prestação dos exames do ciclo ginasial. Os que desejarem matricular-se em qualquer das nossas Faculdades, ficarão obrigados tão somente ao exame vestibular. Todos os alunos com quem conversamos se mostraram interessadíssimos na aprovação desse projeto. Com isso eles ganhariam um ano de estudos, ficando desobrigados das provas do curso científico. Setenta e dois ex-aspirantes assinaram um memorial dirigido ao deputado Medeiros Neto, no qual manifestam a esperança que têm em ver aprovada essa idéia. Muitos dos ex-aspirantes, ao que ouvimos, não voltarão à Escola Naval, mesmo que sejam anistiados. Consideram como definitivamente cortada sua carreira militar. Para esses, o projeto apresentado pelo deputado Medeiros Neto vale muito. Será mesmo o incentivo para que continuem seus estudos, brutalmente interrompidos.

OS QUE SERÃO DO CONTRA

Ambos os projetos que visam socorrer os ex-aspirantes estão atualmente na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara. O projeto de anistia irá também à Comissão de Segurança Nacional. Segundo informação que obtivemos, serão favoráveis na Comissão de Justiça ao projeto Café Filho os seguintes deputados: Soares Filho (relator), Afonso Arinos de Melo Franco, Antônio Feliciano, Carlos Valdemar, Edgard Arruda, Flores da Cunha, Freitas e Castro, Gilberto Valente, Gurgel do Amaral, Hermes Lima, Leopoldo Peres, Pacheco de Oliveira, Plínio Barreto e Vieira de Melo.

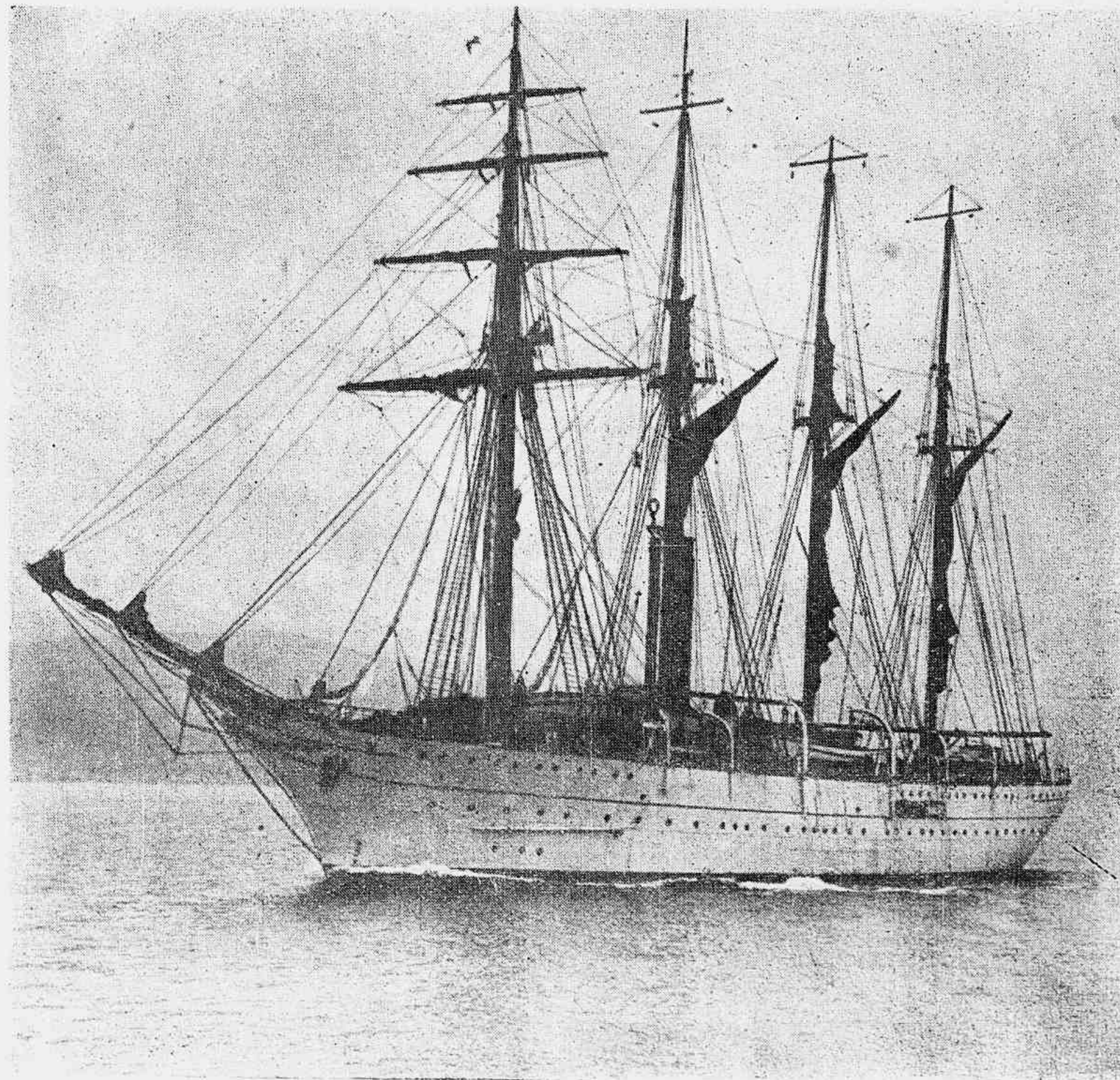
Os que votarão contra a anistia poderão ser: Altamirando Requião, Eurico Souza Leão, Benedito Costa Neto, Benedito Valadares, Eduardo Duvivier e Lameira Bittencourt. São desconhecidas as preferências dos deputados Aristides Larga e Gustavo Capanema. Esta presunção é falível. Não podemos afirmar que a votação se dê como a antecipamos. De qualquer modo, gostaríamos de receber desmentidos dos deputados que foram colocados na lista do "contra". Acredita-se, por outro lado, que a votação no plenário seja favorável por uma larga margem de votos à concessão do indulto.

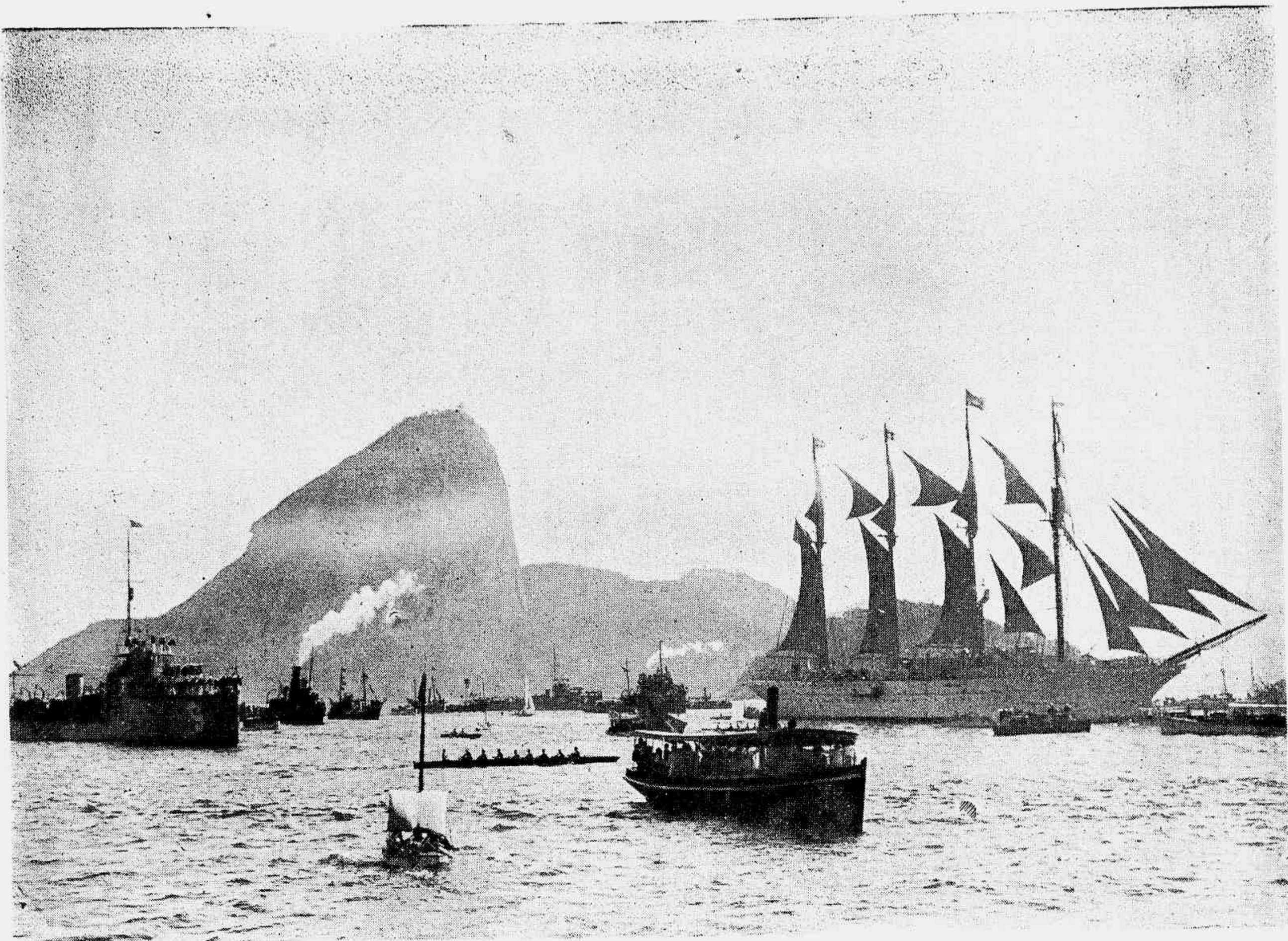
O AMBIENTE ATUAL DA ESCOLA NAVAL

Segundo informações que tivemos de ex-aspirantes, restam apenas trinta e cinco alunos na Escola Naval. O número dos que pediram baixa ou foram demitidos eleva-se a duzentos e sessenta e nove estudantes. Dos trinta e cinco que ainda continuam na Escola, trinta pertencem ao curso prévio, que não foi envolvido pelos acontecimentos. Somente cinco, portanto, de todo o efetivo dos aspirantes lá permanecem. Por que esse quinteto ainda continua? A explicação é esta: dois deles não aderiram ao movimento. Foram os únicos que ficaram ao lado do diretor da Escola, não acompanhando os companheiros. Não pudemos saber o nome deles. Seus ex-colegas, embora pertencendo no momento à vida civil, num gesto cavalheiresco, se recusaram sempre identificá-los. Os outros três, embora ao lado dos companheiros expulsos, foram obstados na sua intenção do pedido

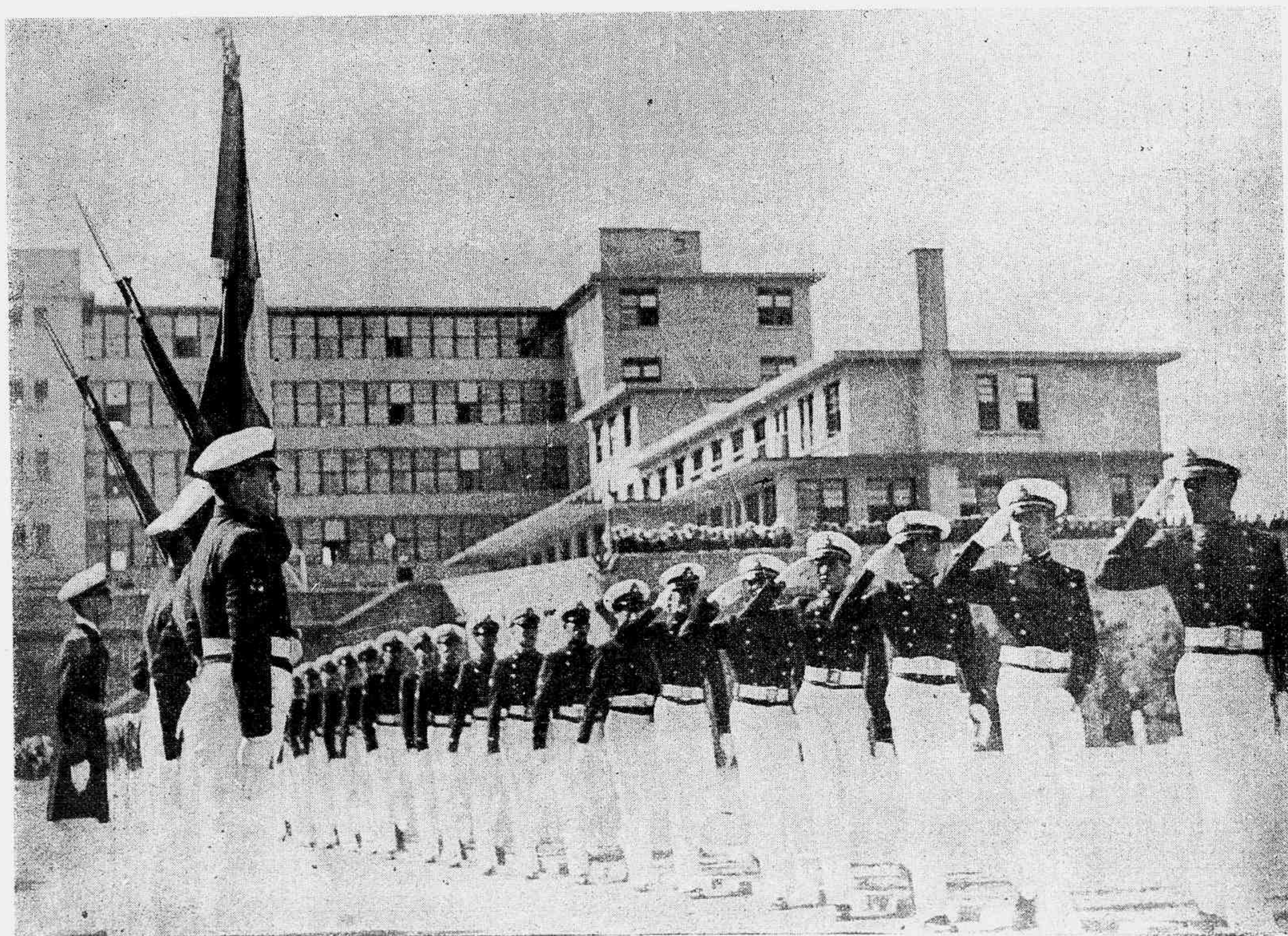


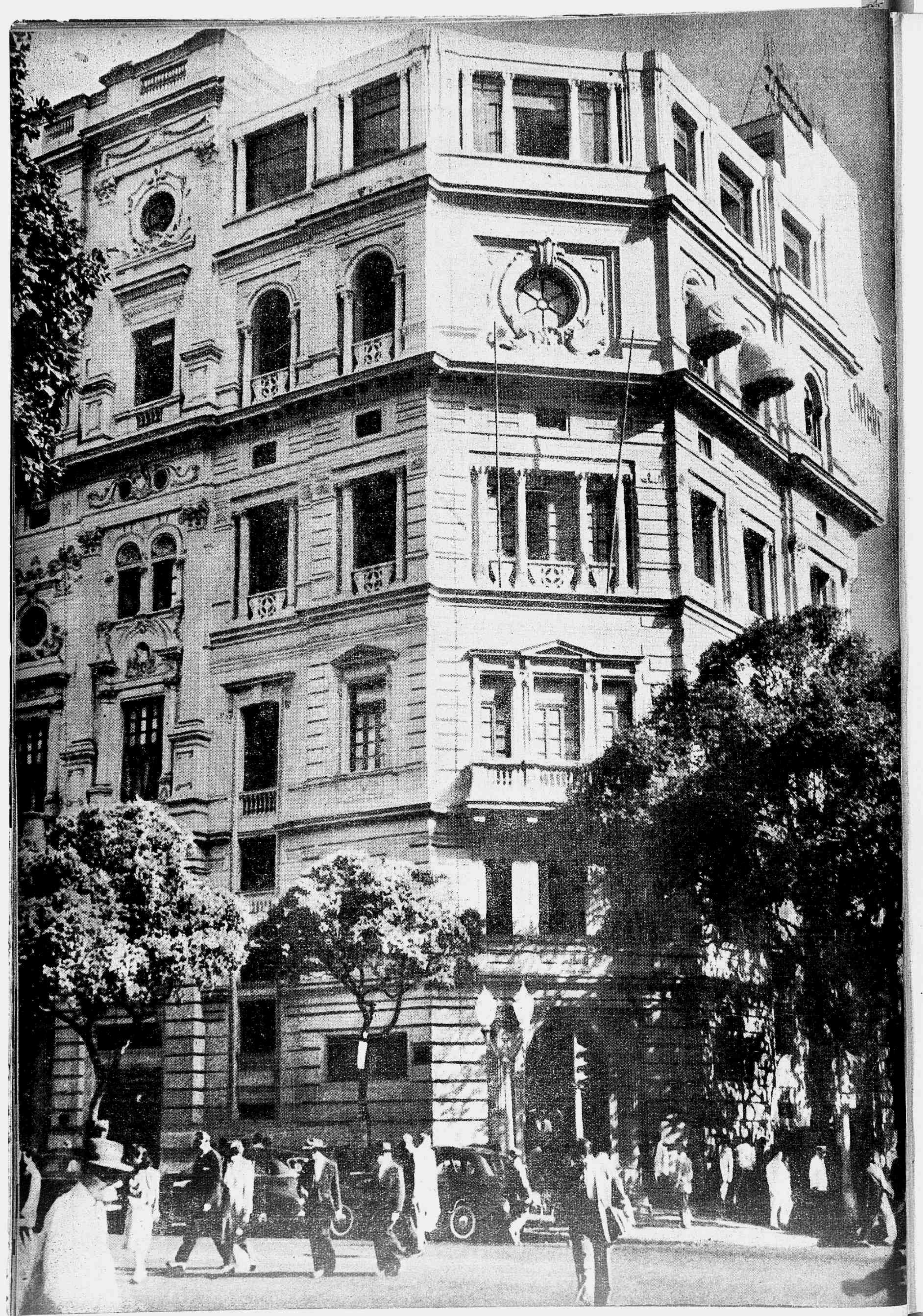
Em cima: um flagrante que nos faz lembrar a Escola Naval de antigamente, quando as competições esportivas levavam para a Ilha de Villegaignon as famílias e os conhecidos dos aspirantes. Em baixo, o navio-escola "Almirante Saldanha" que entrou em férias forçadas.





Ao alto, o navio-escola "Almirante Saldanha" entrando na barra do Rio de Janeiro, com as velas pandas. Quando voltará a navegar o famoso veleiro? Em baixo: os aspirantes em desfile num dos pátios da Escola.







Na página ao lado: O Clube Naval que acaba de se manifestar oficialmente no caso da Escola Naval. A atitude desse órgão é de apóio ao ministro Silvío Noronha e ao almirante Pinto Lima. — protestando, ainda, contra o que chama de "campanha de descrédito" de uma parte "felizmente pouco numerosa", da imprensa, visando "desagregar uma classe armada". AO ALTO, à esquerda: o Mosteiro de São Bento, onde os ex-aspirantes se reuniram várias vezes, enquanto não tinham recebido a ordem de baixa. D. Carlos de Souza, capelão da Escola Naval, reservou-lhes uma sala especial, onde os ex-alunos discutiam os seus problemas mais urgentes. A DIREITA: o almirante Saladino Coelho, presidente do Clube Naval, que se pronunciou sobre o sensacional acontecimento.

O CLUBE NAVAL MANIFESTA-SE CONTRA A ATITUDE DA IMPRENSA NO CASO DA ESCOLA NAVAL

Um novo episódio no sensacional caso da Escola Naval: esta nota, divulgada sexta-feira, pelo órgão de classe dos oficiais de Marinha, o Clube Naval:

"O Clube Naval, associação de classe, que congrega em seu seio a quase totalidade dos oficiais de Marinha, sente-se no dever de manifestar-se publicamente sobre certos fatos ocorridos ultimamente, e abertamente noticiados pela imprensa diária desta capital; de um incidente havido na Escola Naval pelo número e projeção social das pessoas envolvidas direta ou indiretamente, resultou apaixonado debate pela Imprensa e pelo Rádio. A grande maioria, exercendo um legítimo direito de crítica e de manifestação, soube apreciar o assunto com serenidade e elevação de propósitos, encarando de forma superior o aspecto doutrinário da questão, e exprimindo opiniões que, embora sujeitas a discussão, são dignas de respeito

Certo grupo, porém, felizmente pouco numeroso, por questões de ordem pessoal, com intuítos políticos ou demagógicos ou por simples vício de sensacionalismo, aproveitasse até hoje do incidente para campanhas na Imprensa e fora dela, nas quais, com argumentos tendenciosos, ferem indistintamente pessoas e o princípio da autoridade que elas encarnam.

A Marinha, habituada a considerar e resolver seus problemas com honestidade e discrição, vê-se surpreendida com a exploração prolongada de um incidente disciplinar. Ela tem apreciado e apreciará sempre todas as campanhas em favor de seu engrandecimento, mas não aquelas que apenas acobertam ressentimentos e desejos de vingança, partidos de pessoas que mostram um zelo repentino e suspeito por sua necessidade e deficiências.

A Marinha ressenha-se das mesmas di-

ficuldades e deficiências do meio e da época, mas as referidas campanhas tendem a mostrá-la aos olhos da Nação sob um aspecto imerecido e injusto. A mais grave consequência, porém, será o reflexo inevitável sobre a disciplina, tendendo a desagregar uma classe armada, por sua natureza um dos esteios da ordem interna e da segurança do país, e é para este último aspecto que os oficiais de Marinha chamam a atenção de todos os brasileiros de boa fé.

O Clube Naval, no seu dever de exprimir a opinião dos oficiais de Marinha, justamente indignados e apreensivos pelo rumo que os acontecimentos vão tomando, manifesta publicamente sua desaprovação a essas campanhas de descrédito, tendo por base o escândalo e por incentivo meros interesses pessoais, e que, queiram ou não seus autores, atingem toda a corporação nos mesmos efeitos de desconceito público."



— Ainda está cobrando Cr\$ 10,00?

BOM HUMOR

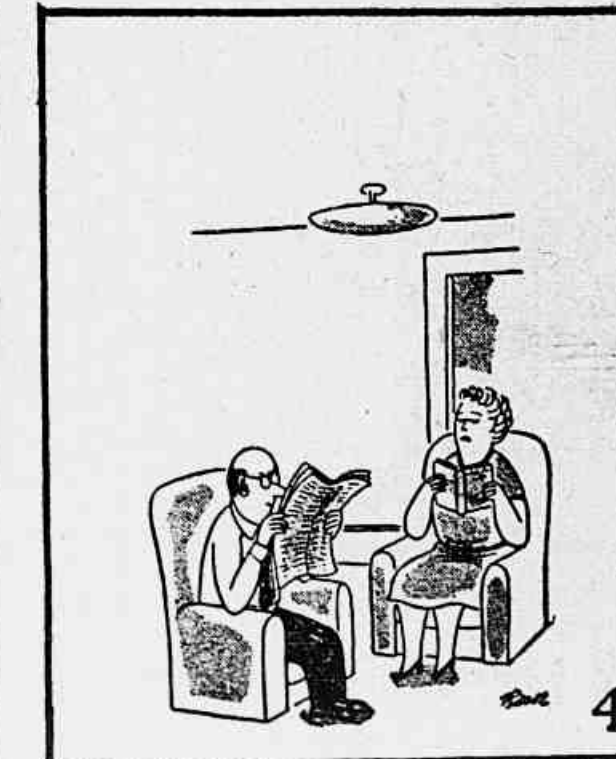
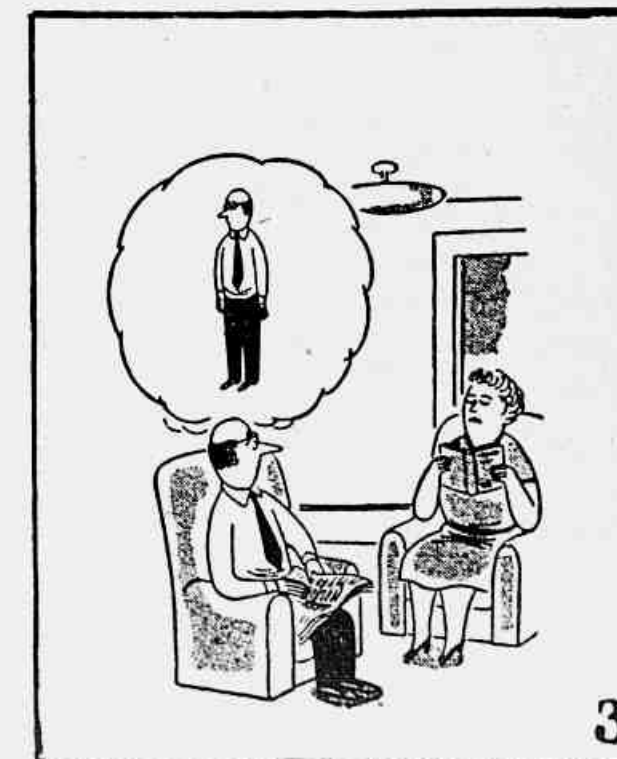
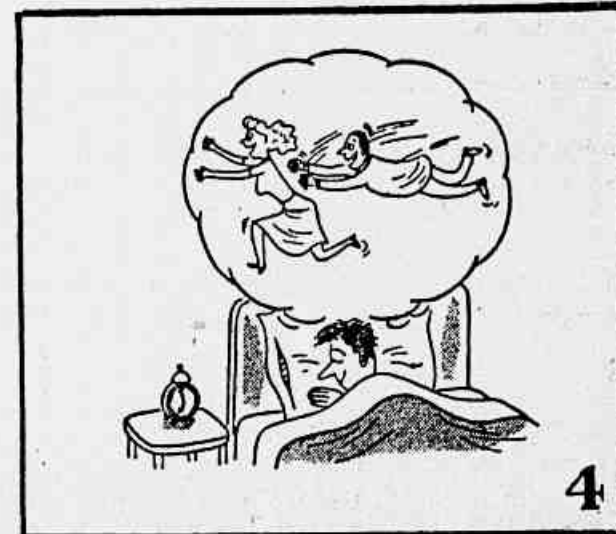
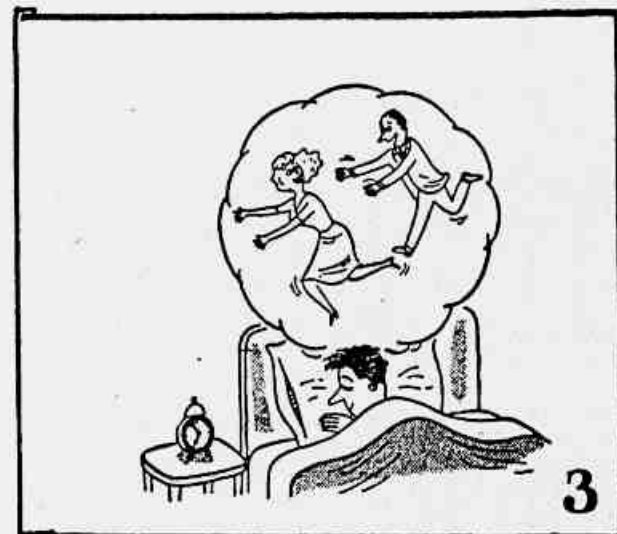
— Como é que eu posso ler, se você está sempre se mexendo?



— São gêmeos em tudo por tudo!



— Apresento-lhe nossa melhor aluna!



QUANDO A REPÚBLICA NASCIA...

É no dia 11 de Junho de 89. São duas horas da tarde. As redondezas da Câmara dos Deputados estão fervilhando de gente. Na velha casa de onde Tiradentes saiu para a forca, desde cedo, a multidão se acotovela. Galerias, tribunas, salas, janelas, escadas e corredores, tudo, tudo apinhado.

E' aquêlê o dia em que o gabinete Ouro Preto vai apresentar-se à Câmara. A cidade inteira está palpitante de curiosidade. Como que o instinto popular adivinhava ser aquêlê o último gabinete do Império.

São duas e quinze. Um sussurro, vindo da rua, sobe à sala das sessões. Era o ministério que chegava. A casa freme. Parece que, pela primeira vez, se fazia no Brasil a apresentação de um gabinete. E os ministros vão entrando com suas fardas novas, e Maracajú, o titular da Guerra, de esporas. Começa a cerimônia da apresentação! Ferreira Viana, que, no gabinete de 7 de março, tivera a pasta do Império, lê uma exposição historiando a queda da composição ministerial a que pertencia.

Em seguida fala Ouro Preto, que faz a apresentação dos novos titulares. E narra a formação do ministério a que preside: Os conservadores, seus adversários, golpeiam-no de ápartes. Ele rebate aqui, ali, prossegue e conclue:

— Não ousou esperar e menos ainda pedir a confiança da Câmara dos senhores deputados. Apenas solicito os meios de governo, necessários para a marcha dos negócios públicos que não podem ser recusados a um governo legalmente constituído.

Gomes de Castro, representante conservador pelo Maranhão, sobe à tribuna. O seu discurso é uma carta de alfinetes. Ridiculariza uma por uma as figuras dos novos ministros, conservando, por mais de meia hora, a Câmara em franca hilaridade.

A seguir, fala Cesário Alvim, deputado mineiro. E' sensacional o seu discurso: no dia em que o seu partido — o liberal — sobe ao poder, êle o abandona, fazendo profissão de fé republicana.

— Vou militar em campo mais adiantado que o do meu partido, brada. Vou adiante dos meus correligionários. Vou deixá-los para consagrar-me à causa da democracia pura.

Devem ser mais de três horas da tarde, quando o Padre João Manoel, representante do Rio Grande do Norte, assoma à tribuna. Vai ser o grande orador do dia.

O padre é uma figura simpática de homem, rosto moço, cabelo espesso bem grizalho. Não é nome de grande fulgor na oratória parlamentar, mas o povo ouve-o sempre com agrado. E' um orador eloquente, cheio de imagens floridas, voz timbrada e fogosa, muito ao gosto da época.

Começa dizendo que os últimos acontecimentos políticos mostram que, em breve, o país passará por transformações profundas e radicais, e que as velhas instituições monárquicas, que nos têm humilhado, tendem a desaparecer do solo brasileiro, onde não puderam consolidar-se nem produzir frutos benéficos.

Corre por toda a sala um frémito de sensação. Deputados aproximam-se da tribuna. Todo o mundo sente

O DISCURSO DO PADRE JOÃO MANUEL

Por VIRIATO CORRÊA

(DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

Especial para REVISTA DA SEMANA

que, dali, vai sair uma nota culminante de escândalo. E o deputado da terra potiguar continua:

— Tudo é confusão e anarquia. Confusão na ordem social, anarquia na ordem política. Mas, tenho fé em Deus que, dêste cáos medonho, em que se debatem inânes e se estorcem agonizantes, os restos de uma monarquia moribunda...

Não pôde concluir o período. Na bancada republicana estala uma tempestade de palmas e apoiados. Nas galerias e nas tribunas ressoam aplausos frenéticos. O padre espera que volte o silêncio e repete:

— ... os restos de uma Monarquia moribunda, há de surgir à luz serena e esplêndida da liberdade e da democracia...

Os aplausos o interrompem por três ou quatro minutos. Só depois que se estabelece a calma, brada êle, teatralmente:

— Senhores, os aparelhos dêste velho sistema de governo estão gastos e imprestáveis. Os antigos políticos acham-se divididos e esfacelados.

E entra a analisar a situação política do país. Os partidos estão corroídos pelo ódio, anulados pela fraqueza e apodrecidos pela corrupção, estragados pela dissidência. O Senado e o Conselho de Estado perderam a seriedade, destruíram-se na sua missão e tornaram-se facciosos e revolucionários. O Imperador abusa escandalosamente das suas augustas prerrogativas, e torna-se o poder único, supremo, absoluto, tudo mistificando, tudo amesquinhando, tudo abatendo, tudo corrompendo, e invadindo, enfim, suprimindo todos os outros poderes constituídos.

— Se a história do país não fôsse abundante em fatos que confirmam as minhas asserções, bastaria a organização do atual gabinete para nos tirar a venda dos olhos, denunciando-nos o sêgrêdo das intrigas e das conspirações palacianas.

E brada dramaticamente:

— Senhores, o Ministério de 7 de Junho é uma verdadeira monstruosidade!

A bancada liberal levanta-se em protestos. Palmas estalam nas bancadas conservadora e republicana.

O orador prossegue:

— O gabinete de 7 de Junho nada representa de grande, de nobre, de confessável. E' apenas o produto da vontade imperial.

E descreve o momento político. O que se está passando é incrível: dissolve-se a situação conservadora, pujante de força, representada na Câmara por 90 deputados e chama-se para o poder o partido liberal que, na Câmara, apenas pode contar com uma pequena minoria. Isso é a negação de todos os princípios do sistema parlamentar representativo. E continua a atacar a figura do Imperador, a sua maneira de fazer política, maneira estranha que dava em resultados a diminuição e a desmoralização dos homens mais prestigiosos da política brasileira.

A Câmara ouve-o em silêncio. O deputado nortista vai, minuto a minuto, ganhando fluência, calor e audácia. E começa a mostrar que, na queda do gabinete de 7 de Março, e na organização do gabinete de 7 de Junho, todos foram mistificados.

— Mistificado foi o nobre presidente do Conselho (João Alfredo) que chegou a acreditar na sinceridade da coroa negando-lhe a demissão coletiva do gabinete, quando êle devia conhecer há muito o grande artista com que lidava.

E, em tom humorístico, mostra as mistificações que sofreram o conselheiro Paulino, o conselheiro Corrêa, o visconde Vieira da Silva, o conselheiro Saraiva, todos êles chamados pelo Imperador para formar o gabinete que devia substituir o de 7 de Março.

— Mistificado foi o nobre visconde de Ouro Preto, que acreditava galgar o poder com um gabinete formado de acôrdo com os seus amigos, quando teve de submeter-se à vontade da coroa, que lhe impôs companheiros com quem não contava.

— Não é verdade! — clama Ouro Preto.

O orador tocado de centelha humorística, prossegue:

— O nobre presidente do Conselho, sente-se satisfeito. Satisfeito por ver a sua ambição realizada. Sua Excia. apresenta-se ao parlamento muito lampeiro, muito ancho e cheio de si, supondo-se, sem dúvida, um triunfador.

Rebentam risos. Ouro Preto abespinha-se.

— Vossa Excia. engana-se. Suponho-me uma vítima. O padre parece não ter ouvido o aparte do chefe do gabinete e brada:

— S. Excia. está inteiramente enganado. A sua vitória é uma verdadeira vitória de Pirro.

Nesse momento já toda a sala está em plena gargalhada. O orador, havia pela pilhêria, conquistado toda a Câmara.

— S. Excia., continua o padre contando com o efeito que vão causar as suas palavras. S. Excia. preparou a seu jeito uma escada, uma escada para subir; por êsses mesmos degraus escorregadios há de rolar, caindo na praça pública, execrado e coberto de maldições (choque na sala) porque nutre e afaga o pensamento sinistro de atentar contra as liberdades públicas e contra a soberania nacional.

O sussurro de um oh! sacode as bancadas e as galerias. O orador está na culminação da eloquência cáustica.

— Pouco importa, diz, que o presidente do Conselho apareça armado em guerra, procurando intimidar com a carranca de duas pastas militares.

Os risos que rebentam duram vários segundos.

Só depois de um grande rumor de timpanos nervosos, o recinto torna ao silêncio.

— Senhores, continua o deputado nortista: vós compreendeis perfeitamente que não tenho interesse em ofender a ninguém, mas considero irrisório o intento de se pretender fazer do nobre ministro da guerra um espartilho para assustar a República, quando S. Excia. não passa de um bom homem, um cidadão pacato e um militar inofensivo.

Não há quem se contenha. E' desabalada, inconveniente e anti-parlamentar a gargalhada que estoira de ponta a ponta da sala. A Câmara inteira olha o visconde de Maracajú. O titular torce-se na sua cadeira, nervoso, incomodado.

E o padre João Manoel prossegue:

— A carranca do nobre ministro da Marinha, sim (nova gargalhada) sim, esta é mais formidável e mais temerosa, porque S. Excia. é homem de luta e de ação. Não creio que o nobre barão do Ladário queira renunciar ao seu passado de glória e macular o seu nome honrado prestando-se a servir de terror, sem pesar a grave responsabilidade do papel que lhe designaram. Acredito mesmo que o nobre barão, atordoado pela surpresa da escolha, não porque não a merecesse, mas porque não a esperava, não tivesse tempo de refletir, e obedecendo somente aos impulsos do seu patriotismo, aceitava o posto que ocupa no gabinete. No momento, porém, em que S. Excia. se convencer de que está servindo de instrumento inconfessável para massacrar, para vitimar os seus compatriotas, estou certo de que S. Excia. saberá assumir a atitude que lhe impõem o seu brio militar, o seu patriotismo e a sua dignidade pessoal.

E, de olhos fitos no barão de Loreto, disse num tom de pilhêria irresistível:

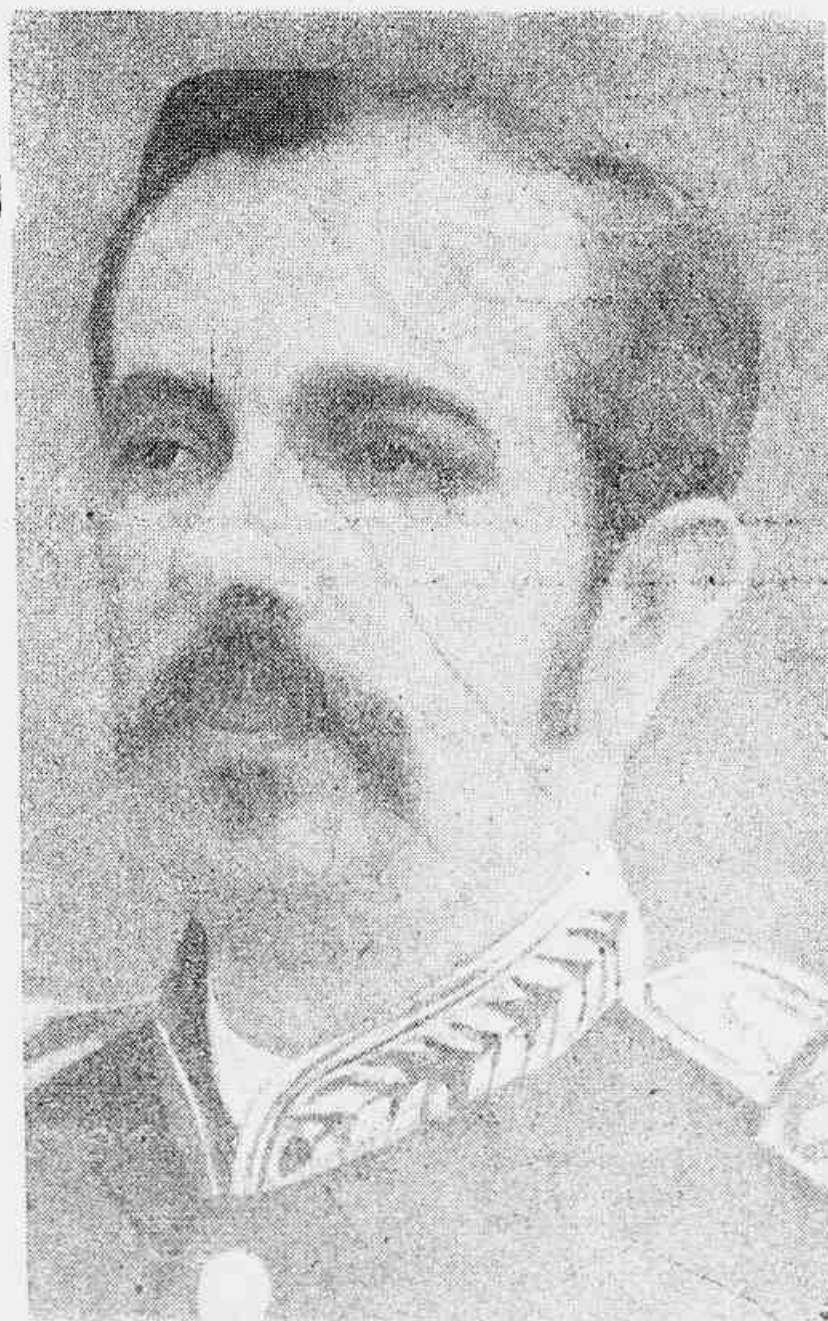
— O nobre ministro do Império não é uma carranca, é simplesmente uma careta.

Houve uma verdadeira tempestade de gargalhadas. Durante minutos e minutos as campainhas retiniram loucamente para restabelecer o silêncio.

(Cont. na pág. 54)



O visconde de Ouro Preto, chefe do último gabinete do Império, entre seus filhos Noêmia e Afonso Celso.



Floriano Peixoto.

Interior de gente antiga, de recursos, cederando-se no lixo fano, mas enfiado amente mantido, de seus quarenta anos.

Olto horas. Depois do jantar, para uma digestão tranqüila e um calmo sono, o Senhor e a Senhora Paquet, tendo entre ambos a limpada familiar encapçada dum grande abat-jour, instalaram-se mansamente de cada lado da lareira.

ELA, vendo o marido apanhar um charuto — Como, Eduardo, vais fumar? Não sabes que o médico proibiu?...

ELE — Ele não me proibiu um charuto uma vez por outra, quando eu tiver vontade. E agora estou com vontade. Não sei se porque o jantar estava excelente, o creme de amêndoas muito gostoso ou se foi o dedo de velho bordeaux que tomei, mas estou sentindo esta noite como que uma beatitude... Sinto-me contente de viver! Vamos, enquanto fazes teu bordado, deixa-me acender meu charutinho... Uma vez só. E' tão bom estarmos aqui, tranqüilos... seguir um pouco a fumaça, pensando em certas coisas...

ELA, sentando-se — Ora... o sonho dos velhos, como nós, só serve para fazer sofrer.

ELE, instalando-se numa poltrona confortável — Ah! não, não penso assim. Sofre-se quando há impedimento, obstáculo, em realizar uma coisa para a qual se sente ainda plena faculdade de ação ou de prazer. Mas, quando se está na idade em que essas faculdades se acham embotadas, o pesar desaparece, deixando em seu lugar uma impressão infinitamente mais doce, a saudade — saudade indulgente que faz as coisas do passado aparecerem como que filtradas por um prisma, com as cores da miragem.

ELA — E os desgostos, as preocupações... todas as amarguras vividas?

ELE — Tudo isso se esbate na distância do horizonte, quase não tendo mais acuidade.

ELA — Oh! quase não tendo mais acuidade?... Pode-se ir longe com teu sistema!

ELE — Chega-se à indulgência fina!... e é a verdade. Chegando quase ao fim da existência, abraçamos tudo dum golpe de vista, julgamo-la... e me parece que lhe perdamos! As inquietações, as paixões com que nos torturamos, aparecem tão ínfimas! Diante do seu minúsculo resíduo de cinzas, nem mesmo compreendemos mais os imensos incêndios de outrora.

ELA — Então pensas que na nossa idade as cinzas se acham realmente frias... sem despertar possível?

ELE — Perfeitamente.

ELA — Insensibilidade completa sobre o passado?

ELE — Completa! Mas é isto que faz a serenidade da velhice, a quietude do porto, com a satisfação de nos acharmos de novo intactos, depois de tantos naufrágios evitados.

ELA — E se tivesse precisamente havido naufrágio sem se saber?

ELE — Como?

ELA — Sim, uma falsidade, digamos, uma falta do domínio passional, que tivesse sido bastante grave para produzir um drama na época dos incêndios? Então, achas que, descobrindo essa... peripécia na época nas cinzas, a revelação não poderia produzir nenhum efeito?

ELE — Nenhum.

ELA — Oh! dizes isso dum modo geral... para apresentares uma bela teoria!

ELE — Mas, não, absolutamente, é esta minha convicção, convicção resultante do estado filosófico em que dão os meus setenta e cinco anos.

ELA — Então, se viessem contar-te — fôsse lá o que fôsse, — a meu respeito, ficarias perfeitamente tranqüilo?

ELE — Não se trata disso... Que é que queres que a teu respeito...?

ELA — Mas justamente, estás persuadido de que eu fui sempre uma mulher fiel. Pois bem! E' preciso ser lógico com teu próprio sistema: se viessem demonstrar-te que eu te enganara abominavelmente, não sentirias a mais leve emoção? E' verdade?

ELE — E' verdade.

ELA — Pensas realmente assim?

ELE — Penso.

ELA, depois duma pausa — Isto me dá prazer.

ELE — Por que?

ELA — Porque vou poder enfim ser franca e dizer um segredo que me obses-



As cinzas

Conto dialogado de MICHEL PROVINS



Ilustração de F. PEREIRA

siona e me entristece muitas vezes, por mais recuado que esteja na minha vida.

ELE, depondo o charuto — Que segredo?

ELA — Pois bem, eu te menti, eu te enganei, não fui a mulher impecável que imaginavas; não fui a Nicole exclusivamente amorosa, para quem acreditavas ser o único, aquela Nicole de quem não tinhas ciúmes, nem mesmo quando me achavam bonita.

ELE, fica um momento estatelado, depois, começando a rir — Esta é boa!... muito boa!... quiseste brincar e me pregaste uma boa. Apenas não deu resultado!

ELA — Mas eu te garanto...

ELE, continuando a rir — Não, é inútil!... Esta é boa!

ELA, grave — Sobre a cabeça do nosso filho, juro que é verdade!

ELE, subitamente pálido — Ah! (Balcuciando) E' verd... Tu pudeste... Tu me enganaste?... a mim?... Não, vamos, isto é uma loucura, é impossível!

ELA, um pouco inquieta — Ah! ora veja!... não vais te alterar assim!

ELE, a voz estrangulada — Não, não estou alterado... absolutamente!... Admirado, só isto... surpreendido... Quero

somente me informar... discutir... Em que época ocorreu o... a... essa falta?

ELA — Em 1873.

ELE — Um instante de vertigem, de loucura, não foi? E uma vez só?

ELA, à meia voz — Não.

ELE, cada vez mais alterado — Muitas vezes?... (vendo que ela não responde) Uma ligação?

ELA — Sim.

ELE — Quanto tempo durou?... Quero saber tudo... Estou muito calmo. Quanto?... Algumas semanas... Meses?

(Cont. na pág. 50)

Traduzido especialmente para REVISTA DA SEMANA por HERMAN LIMA



Vencida a travessia da mata, depois de muitas horas de anoteceado, João de Couros avistou, enfim, o arraial.

Lá estava ele, no fundo da planície que apareceu de chofre, como se a vegetação alta e cerrada se eclipsara misteriosamente, a casaria em fileira, entornando uma luz frouxa e baça por portas e janelas, como velas alumando um grande altar estranho.

A concha do crescente desenhava-se mais longe ainda, onde a agrestia empastava de novo, cintando o logarejo amodorrado.

A planície amenizava numa vaga cor plumbecente que ia do pardo ao cinza, e se tornava, aqui e ali, nitidamente livida.

Mais forte, numa extremidade do seguimento das luzes das habitações, jorava o carbureto da venda do Deolindo das Pacas, projetando, fora, uma esteira de prata, como uma placa flavescente.

O burro de confiança relinchou alto, sobrestando o passo, o pescoço estirado, como se saudasse o arraial.

Mas, com pouco, ficou somente o retintim dos arreios — a planície se alongava um pedaço — guisalhando como um sincero fraco, com o bater igual das patas do animal sobre o chão carraquento, que o silêncio avolumava dentro da grande paz reinante.

João de Couros, com pouco, se detinha à porta da venda de Deolindo das Pacas. Era meia duzia de prateleiras com espaçadas garrafas de rotulos velhos. A frente, o balcão encardido, e sobre este um rolo de fumo, u'a manita de xarque e uma bandeja com copinhos emborcados, num canto. Destacando-se, num outro canto, uma velha balança de pratos encardidos. Um caixão de sabão, uma pipa, uns sacos sumindo-se ao longo das paredes, dentro do balcão.

Surgiu-lhe, vindo de dentro, um homem gordo, seus quarenta anos, mal lhe soara aos ouvidos o resfolegar forte do animal parando à sua porta, meio esquipado.

E logo com o gesto de tomar um dos copinhos para medir um trago, automaticamente, pegando na garrafa de litro que demorava num recanto junto, destampando-a, quando caiu em si, em face da saudação do outro:

— Querias só uma informação... Boas noites.

— Boas noites — fez Deolindo.

— "Seu" Deolindo? me disseram para saber de vosmicê donde mora o Justo Alves, mais o Nazario Santos e o Pedro Reis?

O homem gulou o cavalheiro com a boa vontade costumeira das pessoas simples da mata.

Por felicidade, moravam todos três juntos, no mesmo coló, depois da segunda volta do rio, à beira da estrada.

De novo na estrada, João de Couros tirou aquele pedaço de pancada, correndo sempre.

Descobriu com pouca demora a habitação, que mais parecia um gigantesco pé de cupim engastado no meio da folhagem, uma mancha escura onde ardia o olho fosco do filó, lá dentro. Já surgia um vulto, à solteira, e logo outro, e outro, quando ainda o animal vencia os degraus do pequeno alicie que conduzia à casa.

— Temos novidades, companheiros, — foi logo dizendo o viajante. — "Seu" Tufic de Faisqueira está em atividade escolhendo gente de confiança para um "serviço" como sem falta. E me mandou positivo para chamar vocês até amanhã de madrugada o mais tardar. Caminhada braba. Boas noites.

Apertando-se as mãos e dando-se os nomes, houve um primeiro movimento

de surpresa dos três amigos. E Justo logo indagou:

— "Seu" Tufic de Tabocas?

— Tabocas, mais não; agora é Faisqueira. Tabocas já não existe, desde a enchente, comida pelas águas três meses. Ainda não sabiam? Agora é só Faisqueira, num alto, de garantia.

Nazario raciocinou um raciocínio breve:

— "Seu" Tufic sempre foi um bom patrão, sabido nos negócios, não "hai" dúvida, mas delicado no trato. Depois, não vai à missa com aquele "cachicheiro" das profundas que nos tangeu de lá, quando estava senhor de barão e cutelo, tomando-nos tudo, mandando no destacamento. Ai, que a coisa vai ser boa para uma vingança da gente!

Embora simples conjectura, seus palavras calaram no animo dos companheiros, como a expressão da própria verdade em poucas palavras.

— E' isso mesmo, camaradas, vamos embora!

Dai a nada, batiam os quatro estrada a fora; só João de Couros, montado.

Era grande a sede de informações dos aliciados.

O outro, porém, quasi nada sabia. Ele, também, fôra chamado de surpresa, na fazenda de Tufic, onde trabalhava.

Encontrara Faisqueira em reboleço, ao chegar, e logo recebera a missão que o trouxera ao Gongugi, e abalara. Só que Tufic insistira que confiava nêles, que não lhe faltassem naquela ocasião, pois precisava de gente disposta.

Mas, a falar a verdade, nem ao menos sabia direito quem era o chefe da "brincadeira", o que queriam. "Seu" Tufic é quem andava muito vira e mexe no lugar, disposto as coisas, distribuindo armas. Mas, como que ouvira falar que o verdadeiro "chefe" andava pelas redondezas, reunindo a negrada, tramando o fuzú. A coisa, pelos modos, estava prometendo por demais. Porém ele não tivera tempo de assuntar direito na história.

Já nas proximidades de Faisqueira iam topando magotes de homens para a mesma empresa. Alguns só armados a facão, outros a espingarda e revólver, a maioria de "repetição".

Afinal, divisaram uns lumes que se foram definindo como verdadeiras fogueiras pelas barrancas do rio, do outro lado.

Seus reflexos acendiam nos rostos dos homens uns tons acobreados, como essas figuras do inferno, de certos registros de santos.

Mais perto, já lhes feriam os ouvidos os ditos de toda espécie, onde sobressaíam as expressões de sabor farrão, em face da luta próxima, e até pilherias que, pelo seu fundo de ironia, traduziam sua indiferença ante o perigo iminente:

— Na hora do apêto, gentes, não se esqueçam que Deus é grande, mas o mato é maior...

Tufic mostrou-se alegre, vendo-os chegarem. Mas só Nazario havia trazido arma, uma "repetição". Os outros apenas estavam com um facão, pendente da cintura, o que os humilhava. Tufic acudiu-lhes com uma "comblain" e um mosquetão. Tinha, havia pouco, desarmado o destacamento e lhe apreendera as armas que distribuira com meia dúzia, conforme seus merecimentos de homens de coragem.

Os três amigos estavam nesse rol. Muito embora tivessem saído de Faisqueira corridos e sido espoliados nos seus haveres, tinham sido tantas as vezes em que provaram a valentia, de que nunca, aliás, tinham abusado, que

sua fama ainda corria conquistada de muitas pelepas.

Eles sozinhos, tinham ido desmanchar uma vez, a cerca que o famigerado coronel Biluca havia violentamente passado além de suas divisas, invadindo os terrenos de Biroca Reis, no Mandu. Nazario, outra, marchou para o cabo do destacamento, num dia de feira, e tomara-lhe o facão, quando o policial tentava espancar um sertanejo que ainda não tinha pago o "talão" da Prefeitura, por simples inadvertência. E muitas outras atitudes que lhes mostravam a fibra destemida.

Sua saída apressada de Faisqueira nunca fôra bem compreendida. De fato, estava na ocasião o tenente Flavio, sempre de revólver à cinta, sempre acompanhado de duas ordenanças, achando-se o destacamento reforçado. Aliás, constava que houvera cilada, sendo os três companheiros surpreendidos em suas próprias casas, uma hora da noite, como se os agressores fossem apenas hospedes que viajassem e viessem pedir um agasalho. Certo é que sumiram do lugar, mas nunca se soube bem como fôra aquilo, pois todos três guardavam o maior segredo de tudo, sempre carrancudos quando falavam no caso. Por último, tinham-se plantado no Gongugi, e nunca mais voltaram a Faisqueira.

Entregando-lhes as armas, Tufic esclareceu:

— Isto é mais uma "enga": aquilo torce tudo, basta nos ver chegando. O governo federal está ao lado da gente.

— Mas, "seu" Tufic, — falou Justo Alves — que mal pergunte, quem é o "chefe" disto? Quem vai governar Faisqueira, a gente vencendo?

Mas, sucedeu um sarilho, com troca de palavras altas e um tiro de pistola, que reclamou a intervenção de Tufic, de imediato.

Os três companheiros insistiam sempre em saber qual o verdadeiro dono da situação após a vitória tida mais que certa. Desconfiavam que este era o coronel Xará, uma porque era o noque tinha cachaca por política e indicava com o capitão Luz da Vila, que estava meio cansado já, outra porque encontraram toda a cabroeirada da fazenda do coronel, ao qual, lá no seu íntimo, atribuíam a violência que haviam sofrido, mesmo porque o coronel, logo depois, se apossava de suas plantações, com histórias de que o chão lhe pertencia a coisa e tal.

Nazario reconheceu, no meio da multidão, o Leobino Góes, que passava, sobraçando uma repetição e trincando uma perna de porco.

Leobino admirou-se do encontro inesperado. Quanto tempo que não se viam!

— Lamentei muito, compadre — disse ele — o mal que lhe fizeram. E a você também, Justo, pela mesma forma, e a você, Pedroca, também.

E prosseguiu:

Volta que o mundo dá! Quem houvera de dizer que vocês hoje haviam de estar com o homem que lhes fez tanto mal!

— Que é que você está dizendo, Leobino? — indagaram os três por uma só boca, entre perplexos e irados.

— Eu bem que já estava descontentado com um zum-zum que eu já tinha escutado. Que papel "seu" Tufic está fazendo da gente? — perguntou Nazario.

— Onde ele põe então a vergonha da gente? — acudiu Justo.

— Que pensa ele do "caráte" da gente? — reforçou Pedroca. Pois ele não foi testemunha de como aquele malvado

temou tudo de nosso, pela polícia, amda de prazo dado para a gente sair antes do dia clarear, depois que viu que a gente não ia consentir que ele tomasse conta de nossas plantações, feitas com o suor do nosso rosto, por dez réis de mel coado, apenas porque dizia ter comprado as terras, quando nós já "era" velhos no Rio de Contas, quando ele aqui chegou?

O tenente veio de encomenda por ele, nós logo vimos. Mas, Deus é grande.

— Então vocês não sabem do resto? — retomou Leobino. — O tenente não demorou que não brigasse com ele e contou tudo. Foi uma vergonha, ate o nome do tabelião saiu...

Tufic passava outra vez, entre a multidão, afobado.

— "Seu" Tufic... — foi chamado o Justo.

O logar-tenente fez um gesto com a mão, mandando esperar.

Os quatro continuaram a conversa:

— Eu não estou entendendo nada disto. Pois um povo que odeia este homem, como pode estar com ele nesta hora? E "seu" Tufic, que não travava ele, como pode estar trabalhando para lhe dar a Faisqueira? — interpeleu Nazario.

E Leobino, logo:

— O coronel Xará é homem manhooso e de muita labia; precisando da pessoa, acha sempre um jeito de voltar. Foi o que se deu. "Seu" Tufic também gosta de dinheiro e o dinheiro os juntou outra vez. Hoje os dois estão que é unha com carne, depois que se uniram para tirar proveito no inventário do finado Almerindo. "Seu" Tufic deu uma conta de fornecimentos que foi um Deus nos acuda, e o Chavinho não ficou atrás. Na partilha ficou cada um com seu melhor quinhão da fazenda do finado. Depois, fizeram permuta, com volta em dinheiro, e o resultado é que hoje a fazenda do falecido Almerindo é toda de seu Peres; o outro, por sua vez, com a permuta do Tufic, que lhe passou as plantações vizinhas à da antiga fazenda do coronel Chavinho, e por que viviam antes brigado, ficou com um fazendão, uma das melhores do Rio de Contas.

— Qual, meus camaradas, essa gente, na hora do interesse, perde toda a vergonha e o respeito... e adeus o que diziam antes um do outro. Hoje os dois estão que é o que se vê... — rematou Leobino.

Nisto, clarinea, estridente, um buzio, na barranca do rio. Chavinho desenhava-se, montado, junto ao cabra que, de pé, a dois passos da anca do seu cavalo baio, soprava bochêchas infladas. Chavinho acabava de mandar dar o toque de reunir, o povo correu para lá como contos rolando para um mesmo lugar.

"Seu" Tufic passava perto dos quatro que conversavam e Nazario o chamou outra vez:

— "Seu" Tufic, sirva aqui de juiz. Caminhando para uma sombra de ao pé.

— "Seu" Tufic — continuou o outro — já sei quem é o "chefe" disto, a quem querem dar a Faisqueira. Agora, ponha-se no lugar da gente.

— E'... — juntaram Justo Alves e Pedroca.

Tufic cortou a conversa:

— O que já passou, passou — e foi adeante.

Os amigos olharam-se entre si, pálidos, a um tempo.

Lá embaixo, rente com a balsa, para o transporte para a outra margem do rio, o povileu agitava-se. Chavinho dominava, do alto do seu animal, a multidão, o olhar errando aqui, acolá, como medindo as forças com que contava.

Leobino desceu a barrauca do rio, em rampa.

Os três amigos quedaram-se, de um ponto elevado, olhando o movimento, conversando entre si.

Chavinho mandou fazer "Silêncio!", "Atenção!"

Uma espécie de proclamação caudi-

lhesca, estêtica, reboou até longe. Palavras de animação e vitória, em que a frase "vencer ou morrer" era uma espécie de estribilho contínuo.

E a cabrochana, ao fim, deu entrada na balsa, fazendo ressoar as grandes taboas do leito semelhante um estrado. Ouviram-se, de permeio, alguns

disparos para o ar, atoa, animando a companhia.

O vozerio cresceu do mesmo passo, entre apupos e punhos cerrados:

— Abaixo as autoridades. Morra o Intendente!

(Cont. na pág. 53)



PACHECO

FRATERNIDADE



Por um bom minuto ele fitou a pretensiosa tabuleta, ao lado do portão da Cabana Rosemary, coçando indecisa a palma da mão, os lábios grossos soletrando as palavras mal pintadas... "Chás — Aguas Minerais". Olhando primeiro por cima da sebe, apalpou um bolso do colete, como a se certificar, e entrou no jardim, fechando com cuidado o portão, corando fortemente ao procurar a mesa mais distante da em que eu me achava. Sentou-se com o máximo cuidado, como um selvagem que pela primeira vez visse um banco. Tirando o chapéu, enrugou o rosto com um lenço novo, debruado de azul, e cruzou as pernas, desruzando-as imediatamente, com certeza pensando que assim lhe seria mais fácil fugir, caso fosse expulso. Tinha o ar hipersensível de um coelho de exposição; um rato de esgoto na arcádia, se me permitem. Por algum tempo, tensamente, examinou meus pés, comparando-os com os próprios, depois do que decidiu, se bem que com relutância, que eu era inofensiva. Puxando para cima as pernas das calças, justas, sem o querer exibindo dois pedaços de carne descorada sobre as meias arreganhadas, ele afinal descansou com um duplo sópro de alívio.

Tanto sua aparência como conduta faziam crer que tivesse sofrido uns trinta anos, com poucas alegrias, muito espacadas. Era de construção robusta e estranhamente macilento, como se tivesse crescido na escuridão. E parecia se ter vestido no escuro, também. As dobras da fábrica ainda eram visíveis na ordinária "roupa feita"; o laço da gravata se afrouxara parecendo mais um galho bifurcado brotando do colete. Suas botinas eram novas, de grossas solas curvas, incômodas até para os olhos. Os cabelos orlavam-lhe as orelhas miúdas mas salientes como relva morta em torno de cogumelos, enquanto sua boca parecia equipada com muito mais dentes do que o usual. O nariz, que parecia ter sido cruelmente espremido se bem não fosse dos piores, fazia a peça central de uma balança da qual os olhos azuis, grandes e nebulosos, eram os pratos. E balança não das melhores, já que o prato direito era ligeiramente mais baixo que o esquerdo.

As mãos eram talvez a sua mais interessante característica física, assim confirmando a lei das compensações. Eram muito bem feitas, finas mesmo, embora mal tratadas, com cicatrizes e unhas deformadas, dando a impressão de terem sido usadas contra a rocha na falta de ferramentas. Eram anormalmente sensíveis e ativas, ora enalinhadas ora explorando alguma superfície, mas quase sempre ondulando, como querendo imitar as asas do tentilhão, na gaiola dependurada acima de seu banco. Era como se quisesse exprimir com as mãos todos os pensamentos que não podiam ser postos em palavras.

Ele não reparou no passarinho logo de início. Foi a queda de algumas cascas de aliste que afinal lhe chamou a atenção para a triste e feia gaiola. O tentilhão se debatia na areia embolada, arfando laboriosamente, batendo as asas com ansiedade como se tentasse relembrar para que eram, importunado talvez pelos sonhos de voos passados entre o verde e o azul da terra e do céu... de instantes primaveris em que tão perto chegara à perfeição o seu canto exuberante. O Improvisto... nenhum outro nome tão bem dava em nesse homem... assobiou desafinadamente, se bem que com boa intenção. O passarinho a ele dirigiu os olhos pequeninos, opacos, soltando um fio de som, breve e uniforme. Ele sentiu fundo a repreensão. Trepando no banco, olhou dentro da gaiola com a solenidade de um médico, passando a unha no pedacinho de cisco preso à tela desconfiando talvez fosse ele a causa de tanta melancolia. E a ruga sobre o seu olho direito, imitando um pé de sol, aprofundou-se de compreensão. Chupando as bochechas, ele emitiu sons sedutores, sussurrando palavras de ânimo. Mas o tentilhão não tinha motivos para associar a bondade à voz humana. Sua única resposta foi um bater de asas mais desesperado, até que exausto, de novo se atirou à areia dura, o coração pulsando sem compasso. Grades e barras representavam-se na gaiola; talvez fosse o tentilhão o último peão nalgum jogo complexo.

Talvez a mesma idéia tenha ocorrido ao Improvisto. E a consciência de si próprio cedeu lugar a uma ousada resolução. Saltando do banco remexeu na grama e nos canteiros. Juntou um raminho verde, viscoso, com o qual ornamentou a gaiola, convidando o tentilhão para o banquete, a regemente: — Vamos companheiro, o jantar está servido! — O pássaro saltou para perto, bicando cegamente, para logo encontrar a succulenta graminea a que se atirou com patética sofreguidão, o Improvisto olhando cheio de alegria.

(Cont. na pág. 56)

NOS confins dos Estados Unidos, há cerca de cento e cinquenta anos, surgiu uma tribo de profetas menores — sacerdotes, gemedores, revivistas. E hordas de lavradores, que traziam o velho Adão dentro de si, repentinamente "ficaram religiosos"; ajoelhavam-se à noite junto das árvores sussurrantes, e seguiam os mentores que andavam desbravando os arcanos de Deus. Descobriram que podiam manejar a Bíblia tão bem como a espingarda. Recebiam o batismo pelos seus pecados, construíam igrejas, deixavam de jogar pôquer e saíam a percorrer aventurosamente a campanha com o propósito de "puxar o próximo para os caminhos do Senhor."

Brigham Young era um dos pedes de granja que davam ouvidos a esses profetas. Uma alma rústica, o jovem Brigham — um espécie de Huckleberry Finn; acredita a que o tempo dos milagres ainda não se fôra, apesar do que diziam as pessoas mais civilizadas. Lá nas matarias do oeste de Nova York, já era grande milagre que as pessoas conseguissem viver, juntando alimento suficiente e transformando o deserto em herdades e as herdades em cidades. Para o pioneiro, não há milagre tão portentoso que não possa realizar-se.

Brigham estivera apenas onze dias na escola, em toda a sua vida. Andava demasiadamente ocupado em cortar árvores e lavar os campos. Uma vida cheia de fadigas e fome — e contentamento. "Se tinha um par de calças que me cobrissem, dava-me por muito feliz." E quando suas pernas cresceram e havia mais que cobrir, trabalhou com mais afino. Fez-se pintor de casas e carpinteiro. Então, sentindo necessidade de auxílio, casou-se. Pois uma mulher serve para engenhar colchas de retalhos, cozer pão e arrumar camas. Em época de colheita, trabalhava para os plantadores à razão de setenta e cinco cents por dia. E todo esse tempo, estava à espera do milagre. Procurando a mina de ouro do espírito, que o enriqueceria.

Huckleberry Young tem dentro de si um anjo. Isso é que torna épica a história. O jovem Brigham, que escarra e pragueja como os outros, anda à cata da religião. Uma religião de novo gênero, não um rótulo novo para uma crença antiga. Anseia por ter de Deus uma revelação pessoal. Quer descobrir a razão dessa existência afanosa — esse destino de pessoa rude e grosseira, a viver como um bruto no semideserto sulcado de tumultos prematuros. Qual o fim de tantos esforços, padecimentos e sonhos? Para que existe o pioneiro americano? Não é tempo de receber de Deus uma nova palavra para o seu povo fronteiriço de Israel? Até onde deverão conduzir as suarentas caravanas para chegar à Terra Prometida?

Tais as perguntas ingênuas que se apresentavam ao espírito de Huckleberry Young. Quando, anos depois, se referiu ao assunto, suas palavras soavam um tanto mais cultas: "Eu sentia... que, se pudesse ver o rosto de um profeta, como os que tinham vivido na terra em tempos anteriores, um homem que houvesse recebido revelações e a quem os céus estivessem abertos, que conhecesse Deus e Seu caráter, ser-me-ia dado abarcar o mundo com as mãos e joelhos; pensa-a que não havia privações que eu não fôsse capaz de suportar, se pudesse ver uma pessoa que soubesse o que é Deus, e onde está Ele, e como é, e o que é a eternidade..." Outros homens só se importavam com o uísque. Mas Brigham Young queria sorver um longo e refrigerante gole de eternidade. Encontrou então um indivíduo que sabia preparar a bebida. Não um charlatão vendedor de panacéias, mas um genuíno profeta. Um curioso diamante bruto, um lanque da Nova Inglaterra, que acabava de fundar uma religião. Dava-lhe o nome de Mormonismo — da palavra inglesa more, mais, e a palavra egípcia mon, que quer dizer bem. Era portador de uma Bíblia, uma revelação, uma profecia. Dizia ser o último emissário de Deus. Brigham considerou o assunto, leu o Livro dos Mórmons, e deixou para sempre de racker lenha a desotio cents por talha.

A VIDA DE BRIGHAM YOUNG

(1801-1877)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

II

Brigham Young acabara de entrar na casa dos trinta quando foi batizado na Igreja dos Santos dos Últimos Dias, como se designavam a si mesmos os mórmons. Imediatamente saiu a viajar pelos Estados orientais, em missão da sua Igreja. Afrontando todas as inclemências do tempo, ia bater à porta dos granjeiros; e, enquanto secava os pés à lareira e bebericava o café, contava-lhes a história de Joseph Smith, o profeta moderno. Joseph era um obscuro rapaz de dezoito anos quando o anjo Moroni desceu do céu para a cabeceira da sua cama, trazendo uma mensagem de Deus. O anjo informou-lhe que, no IV século a Tribo Perdida de Israel tinha emigrado para a América, e ali preparado a Bíblia de uma nova religião destinada aos americanos do século XIX. Essa Bíblia — dizia o anjo — estava escrita em caracteres egípcios sobre lâminas de ouro. E agora o Senhor Deus ordenava a Joseph Smith que, como profeta da nova religião, desenterrasse a Bíblia do seu esconderijo de Cumorah Hill, em Man-

Thummim; tendo pôsto esses óculos, ficou automaticamente capacitado para traduzir os hieróglifos egípcios em frases inglesas. Acabada a tradução, oito homens atestaram que tinham visto as lâminas de ouro no original, e que essas lâminas provinham realmente de Deus. A Bíblia conquistou muitos adeptos, que se proclamaram sucessores da Tribo Perdida — a tribo Mórmon dos Santos dos Últimos Dias.

É espantosa a rapidez com que se propaga o movimento. Primeiramente, os membros de uma família recebem o batismo. Logo batizam os seus amigos mais chegados. Finalmente esses amigos saem a correr o hinterland com o Livro dos Mórmons, para converter novos amigos. A história dos óculos mágicos não exige demasiado da credulidade desses pobres colonos ignorantes. Mal se pode encontrar entre eles um que não tenha "visto Deus" e sentido as asas dos Seus anjos roçar-lhe a face. Os americanos do interior precisavam de um estimulante emocional para as suas vidas, sem o que não poderiam continuar. E, para essa gente ingênua da quarta década do



BRIGHAM YOUNG

chester, Nova York, e a traduzisse ao inglês para servir de orientadora da sua geração. Smith dirigiu-se a Cumorah Hill, e lá — declarava ele — achou a Bíblia exatamente como lhe fôra descrito em sua visão. Juntamente com a Bíblia, dizia ele, encontrara também um par de "óculos espirituais", Urim e

século, tudo o que emocionalmente lhes agradava era literalmente verdade. "Eu sabia que esta religião era verdadeira", declarou Brigham Young, "assim como sabia que enxergava com os olhos, palpava com a ponta dos dedos, ou que era sensível à demonstração de qualquer dos meus sentidos."

Brigham apresenta-se como um calceiro-viajante, com o livro na mão. Obtém de graça muitas refeições, acomodações, bênçãos — e desconfortos. "Passai a noite com o Irmão Atkinson, que morava numa casa grande de madeira, a qual se dizia ter 150 anos, e estava tão infestada de percevejos que não pudemos dormir. O Irmão George A. Smith manifestou oficialmente a opinião de que havia lá percevejos que tinham dançado com a música da batalha de Trenton, pois estavam com as cabeças inteiramente grisalhas."

Assim brotou uma nova religião nos confins da América. Joseph Smith, o profeta do novo credo, cercou-se de um grupo de companheiros, e escolheu doze apóstolos, cujo chefe era Brigham Young.

Inspirados pela visão de uma vida mais completa e livre, os apóstolos e seus companheiros estabeleceram a sua sede em Kirtland, Ohio. Mas nessa localidade se forjou uma acusação de peculato contra Joseph Smith e Brigham Young. Profeta e discípulo escaparam juntos, não sem certa semelhança com Maomé e Abu-Bekr, e atravessaram as linhas inimigas em busca de segurança.

Organizaram uma colônia mórmon no Missouri. Por algum tempo a gente das comarcas vizinhas tolerou-os, e às suas idéias singulares. Mas como pode uma igreja desenvolver-se, exceto pela perseguição? O martírio é tão próprio do clima de uma nova religião como o vento leste o é da Nova-Inglaterra. Não tardou que as turbas do Estado de Missouri atacassem e apedrejassem os mórmons, exigindo que a legislatura os expulsasse do Estado.

Qual era o crime deles? Recusavam-se a possuir escravos numa época em que o Sul inteiro andava aceso em ódio contra os abolicionistas. Ademais, "esses homens trabalham com muito afino." Não reservavam horas para o ócio ou o prazer. O resultado era prosperarem mais que os vizinhos. Mas o principal móbil, constituía-o a aversão instintiva das pessoas tacanhas a toda idéia nova. "Os princípios religiosos dos mórmons são tão diferentes dos das igrejas atuais, que eles sempre despertaram, e sempre despertarão, fundos preconceitos contra si, em qualquer região populosa em que se estabeleçam..."

Mas os mórmons não eram gente de sangue de barata. Recusavam-se a abandonar suas mulheres e filhos à mercê da população. Organizaram um bando secreto de "matadores" — os Anjos da Destruição — que tomavam olho por olho, e vida por vida. Joseph Smith foi preso pela milícia do Missouri, e deu-se a seguinte troca de cartas:

"General Brigadeiro Doniphan: — Senhor — Conduzireis Joseph Smith e os outros prisioneiros à praça pública... e os fuzilareis amanhã às 9 horas da manhã. — Samuel D. Lucas, Major-General Comandante."

E a resposta:

"Isso é homicídio a sangue frio. Não obedecerei à vossa ordem. A minha brigada marchará amanhã para Liberty às 8 horas da manhã; e se executardes esses homens, em breve vos farei responsável perante um tribunal, assim Deus me ajude. — A. W. Doniphan, General Brigadeiro."

Não obstante, o Governador de Missouri baixou uma ordem de que "os mórmons devem abandonar em bloco o Missouri, ou ser exterminados, a menos que desajem abjurar a sua religião e viver como os outros missorianos."

E Brigham Young, que se tornara chefe da grei após a detenção de Smith, respondeu por todos: "Abjurar a nossa religião? Não, senhor: é tudo o que temos neste mundo..."

Não lhes restava senão partir. E Brigham conduziu a sua gente para fora da terra da servidão. O êxodo foi acompanhado de muitas desventuras. Três mil mórmons tomaram o caminho do Illinois. E lá se reuniu a eles Joseph Smith, que se evadira da prisão. Estabeleceram-se na margem oriental do Mississippi, conseguindo para si um distrito inteiro, só com pedilo — "pois que esta terra é insalubre, lugar adequa-

(Cont. na pág. 56)



No instante da inauguração da X Exposição, durante a execução do Hino Nacional. Estão prentes o ministro Daniel de Carvalho, o governador Milton Campos, o prefeito Dilermando Cruz, o general Dermeval Peixoto e oficialidade da 4.ª Região Militar, o secretário Américo Gianetti e outros.



JUIZ DE FORA AOS 98 ANOS

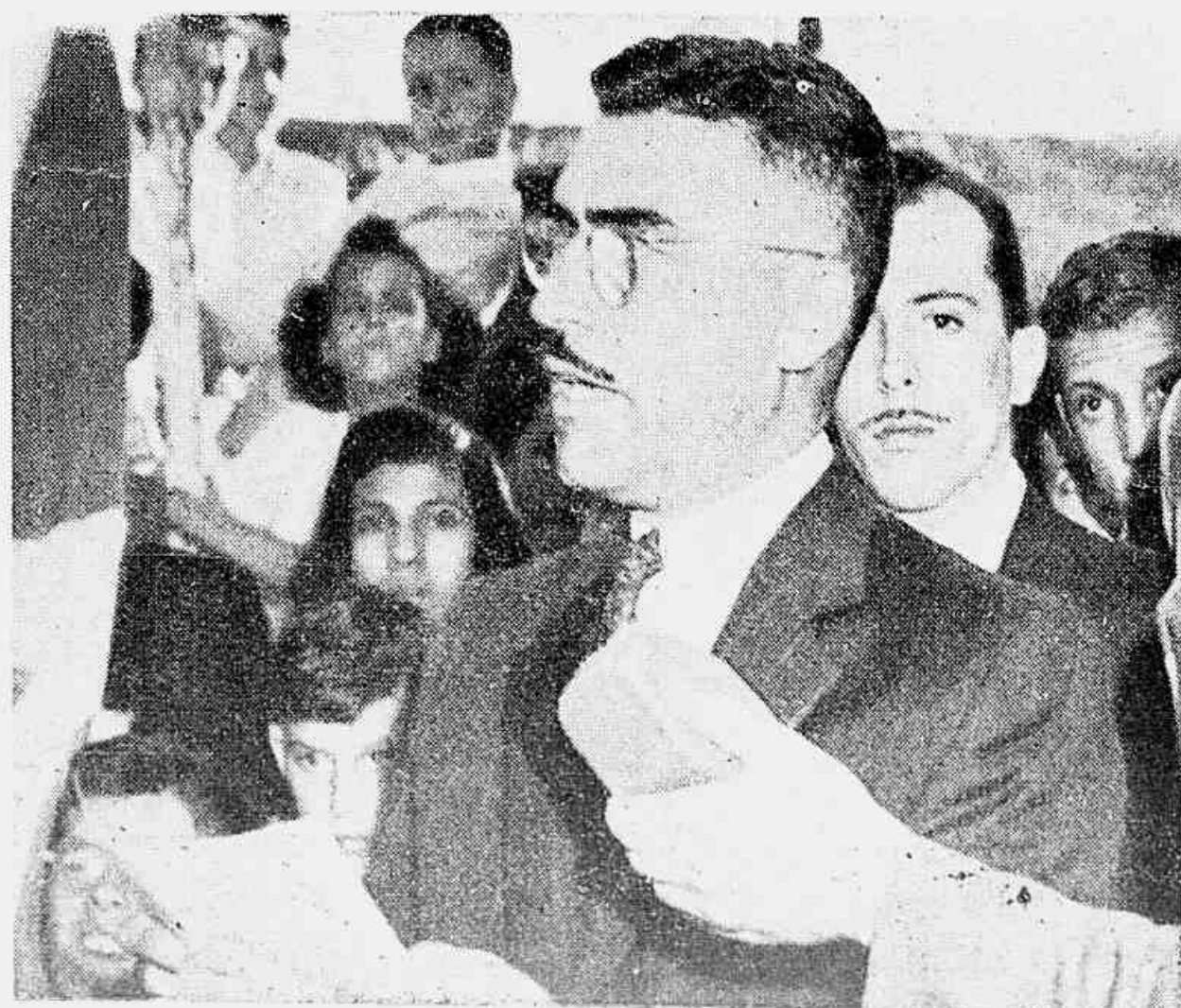
Os festejos de aniversário da cidade e a

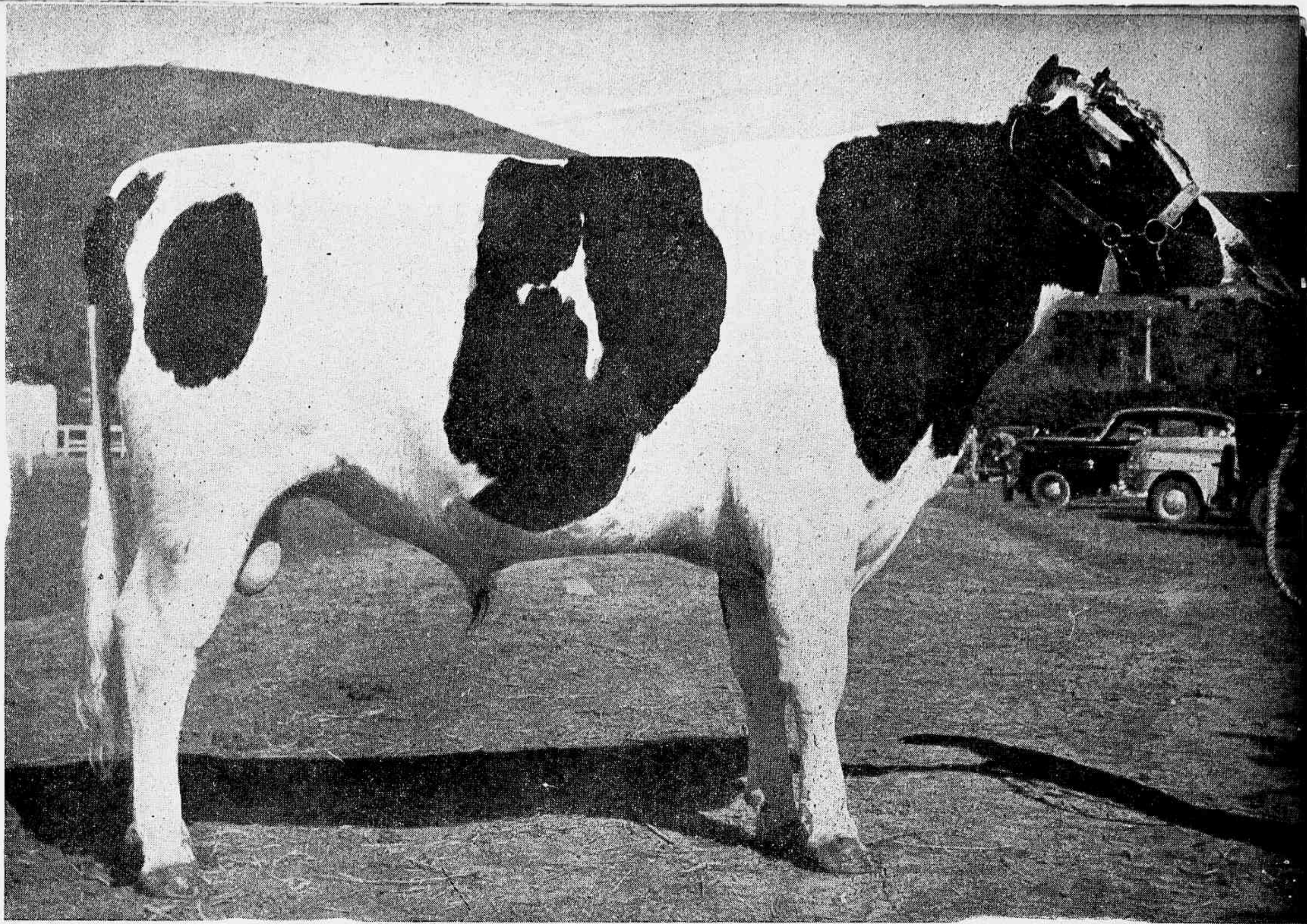
X EXPOSIÇÃO-FEIRA AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL

JUIZ DE FORA, a grande cidade industrial e importante centro pasteuril, abeirando-se do seu primeiro centenário, acaba de comemorar brilhantemente a passagem de mais um ano de existência. Noventa e oito anos

de progresso contínuo, de trabalho incessante e realizador, de esplêndidas conquistas em todos os terrenos da atividade humana, viu passar a "Manchester Mineira", revivendo, num cortejo triunfal, as páginas mais belas

A ESQUERDA, do alto para baixo — O prefeito de Juiz de Fora, dr. Dilermando Cruz, saudando o governador Milton Campos no banquete que ao meio dia ofereceu a Municipalidade; o Chefe do Governo mineiro ao cortar a fita simbólica inaugurando a X Exposição, e S. Exa. ao ser saudado pelo prefeito Dilermando Cruz na visita que fez à Prefeitura Municipal. **EM BAIXO** — O dr. Clevaldo Duarte Braga, presidente do Centro Rural de Juiz de Fora, saudando as altas autoridades na inauguração da X Exposição.





"Big-Three", o magnífico exemplar da raça Holandesa Preta e Branca, campeão da X Exposição de Juiz de Fora. Este excelente reprodutor descende da maior linhagem leiteira do mundo, neto de grande campeã Carnation com produção de 31.000 litros de leite "Big-Three" e Furo de Pedigree, tem 3 anos de idade e é filho de "Black Max" em "Italye" Morena do Marechal". O laureado campeão pertence à Fazenda Cantagalo, do sr. Eduardo Sá Fortes Orlando, de Barbacena, Minas Gerais.

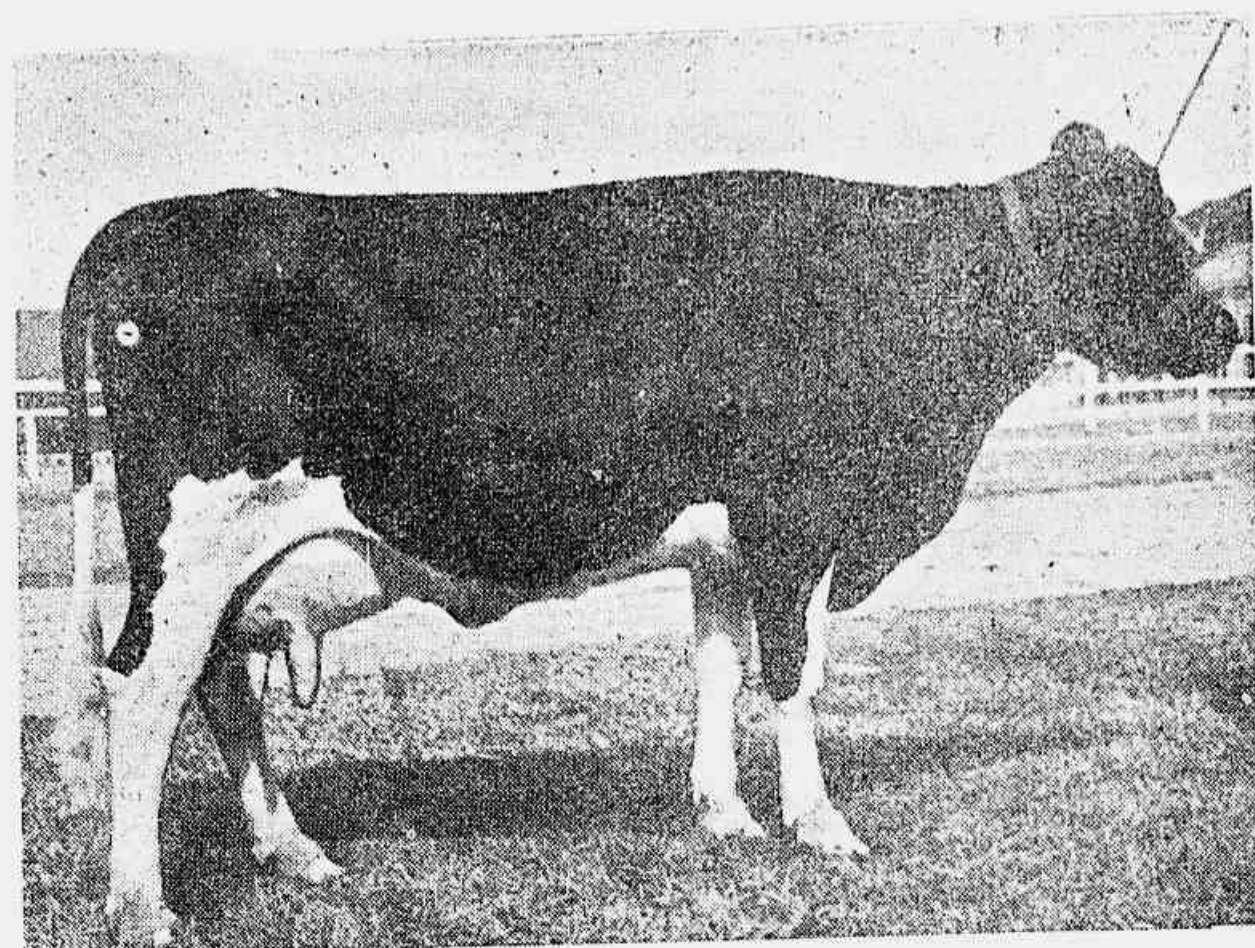
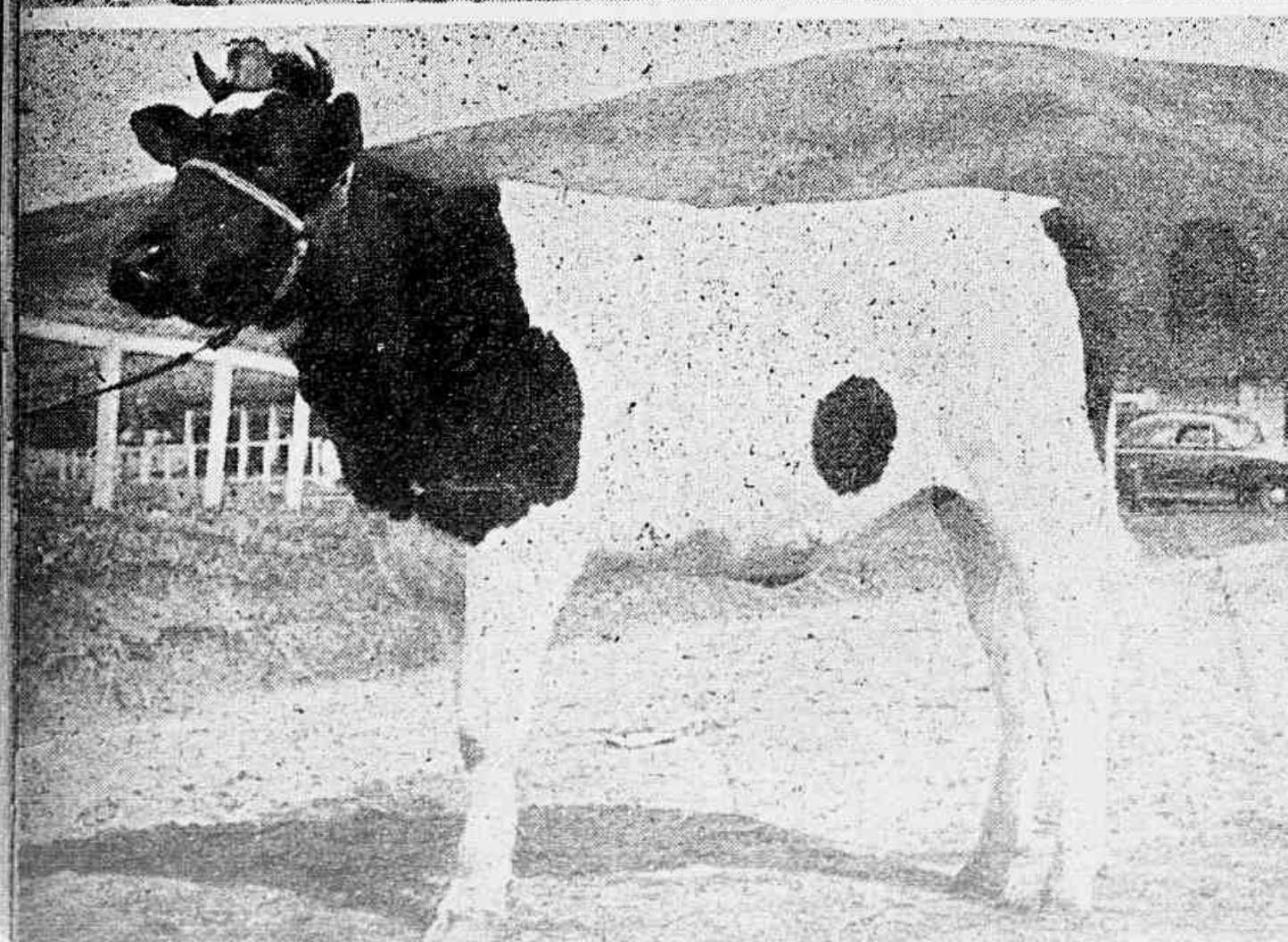
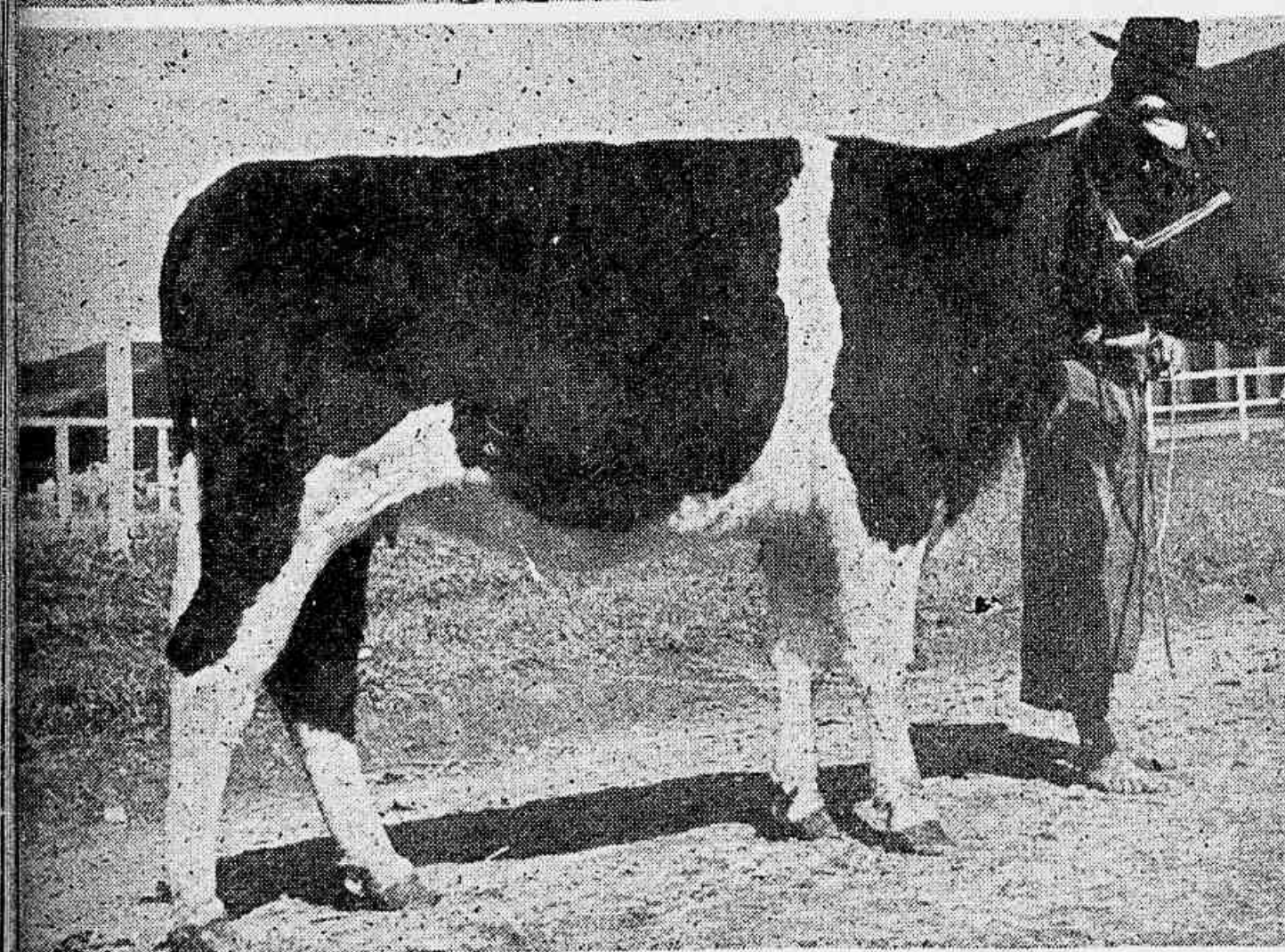
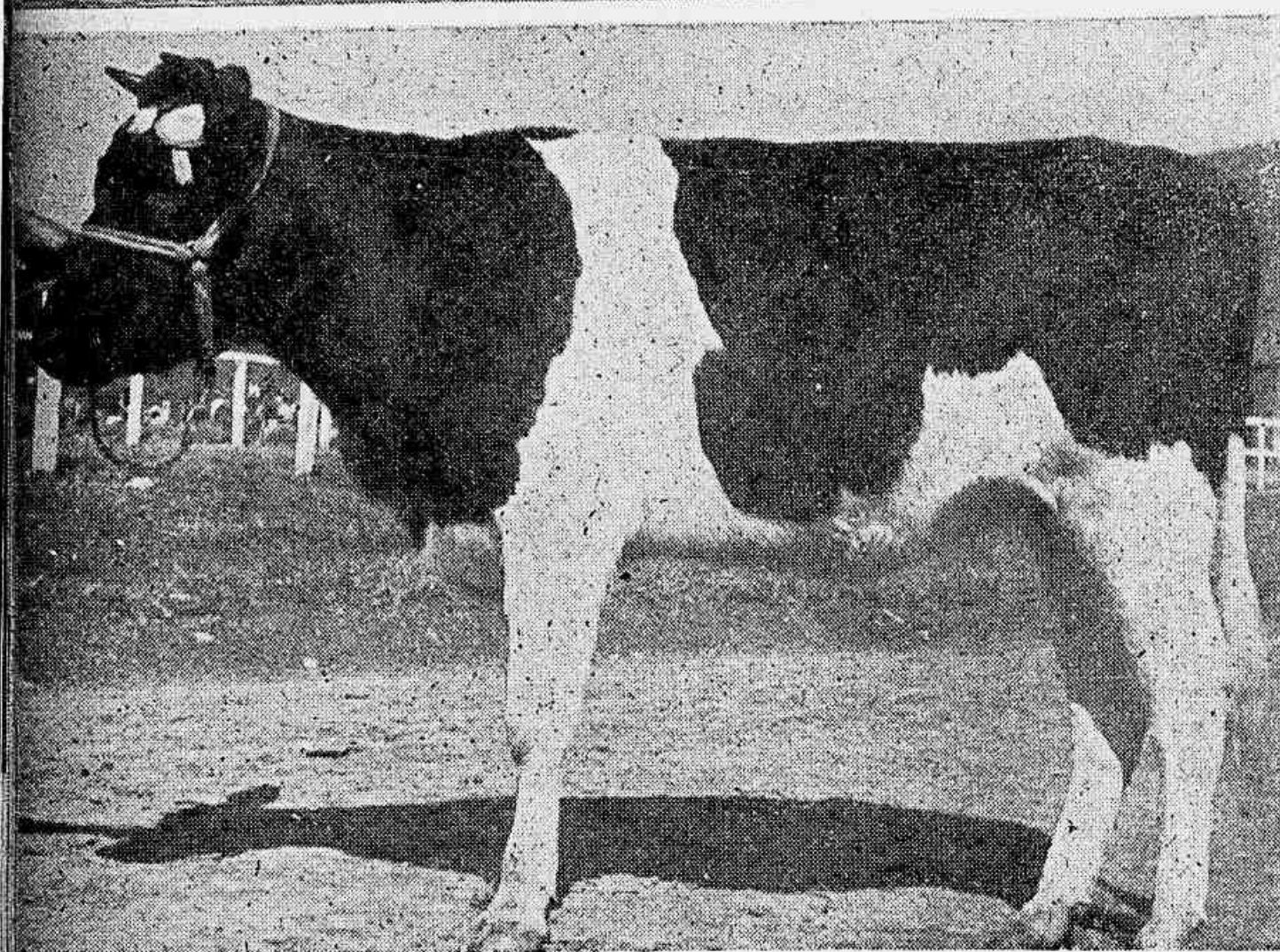
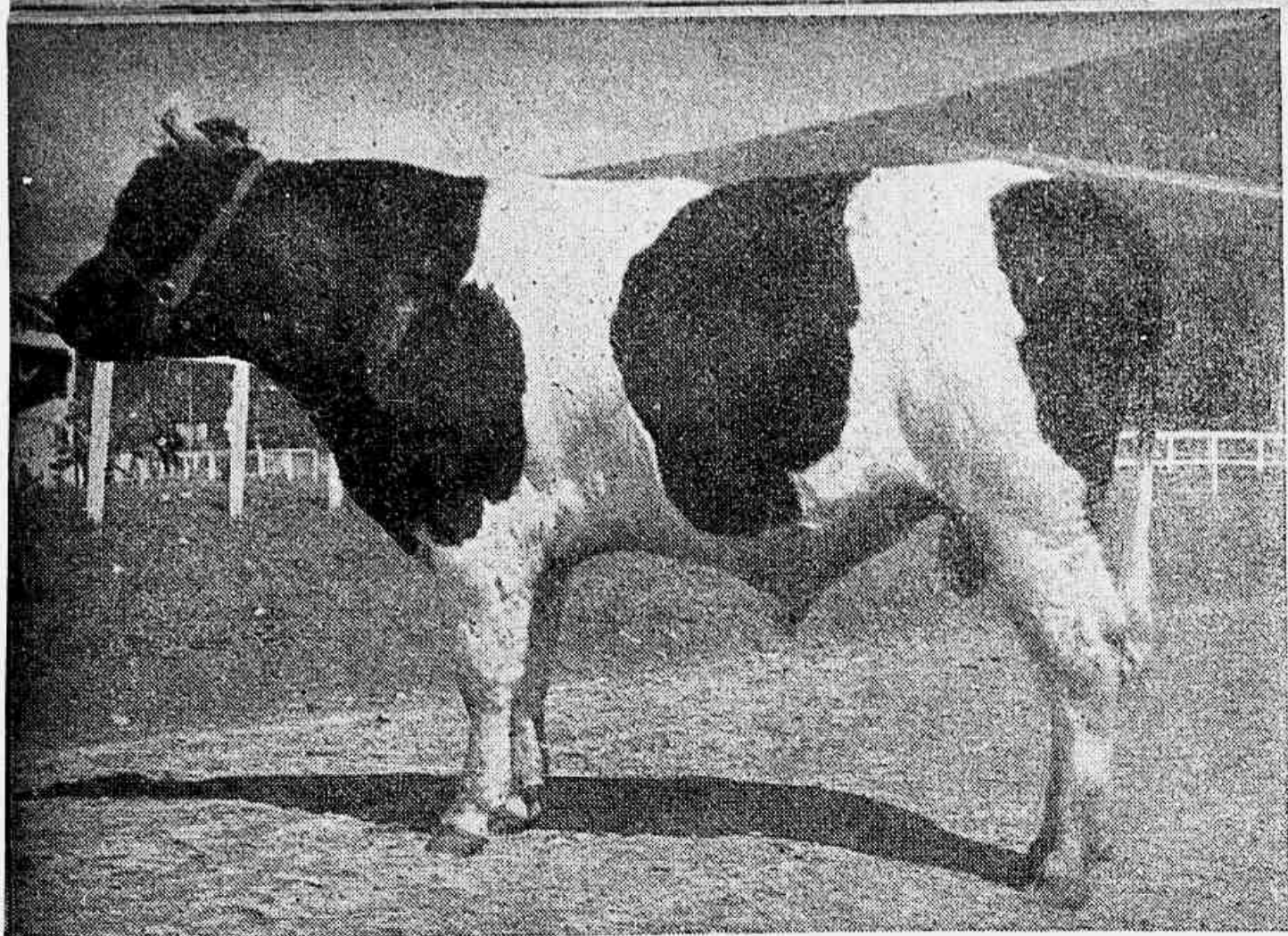


A esquerda — No Pavilhão de Indústria, Comércio e Agricultura, tiveram papel saliente os "stands" de numerosas casas comerciais de Juiz de Fora, que conta com um grande e próspero comércio, comparável aos das mais adiantadas cidades do País. Entre os mesmos podemos destacar as representações da Casa Lessa, que vemos na fotografia acima, e da Casa da América, vista na foto à direita, que muito contribuíram para o brilhantismo daquela Pavilhão, ao qual deram extraordinário realce, pelo gosto das arrumações e pelos excelentes artigos expostos.

de sua história, gravadas através dos tempos pelo pulso firme dos seus filhos. De 30 de maio a 6 de junho, a segunda metrópole de Minas Gerais encheu-se de galas, acolhendo, entre festiva e jubilosa, a homenagem de todos quantos foram levar aos juizes-ranos o testemunho da sua admiração e da sua alegria pela obra de tamanho vulto, ali refletida no orborinho da urbe, no fumo das suas chaminés, nos rutos dessa oporidade construtiva este tados nas entras da X Exposição-Feira Agro-Pecuária e Industrial.

Juiz de Fora recebeu, naqueles dias, a visita de umerasas personalidades da política, do comércio,





AO ALTO — "Frisia Confiança", campeã da raça Holandesa Preta e Branca. Para a origem, com 6 anos e produção máxima de 35 litros diários. Filha de "Mário Cesar" em "Granja", esta campeã leiteira de Juiz de Fora em 1942, com a média de 31 litros diários, ambos puros de origem. A esquerda, do alto para baixo — "Frisia Jan", "Frisia Jurity", "Frisia Mimosa" e "Frisia Antena", de 2, 2, 3 e 2 anos de idade, filhos de "Tupã", todos primeiro prêmio na X Exposição e componentes do conjunto família campeão, ganhador do prêmio do Ministério da Agricultura, um reprodutor de raça "Frisia-Jan" foi a única considerada o reservado campeão da raça Holandesa Preta e Branca. Pertencentes à Granja Frisia, do sr. João Frerichs, de Mantiqueira, Minas.

da indústria e das finanças, além da de milhares de pessoas de todas as classes sociais. O governador Milton Campos presidiu as cerimônias principais, inaugurando diversos serviços públicos e a X Exposição, em companhia do ministro Daniel de Carvalho, dos secretários de Estado Américo Gianetti e José Magalhães, aos quais foi oferecido um banquete pela Municipalidade. A X Exposição foi aberta solenemente pelo governador do Estado e pelo ministro da Agricultura, que discursaram no ato, sendo saudados pelo dr. Cleveland Duarte Braga, presidente do Centro Rural de Juiz de Fora. Fez-se ouvir, também, o secretário da Agricultura de Minas.

A X Exposição-Feira de Juiz de Fora foi coroada de completo êxito. Belíssimos produtos das mais finas raças leiteiras alinhava-

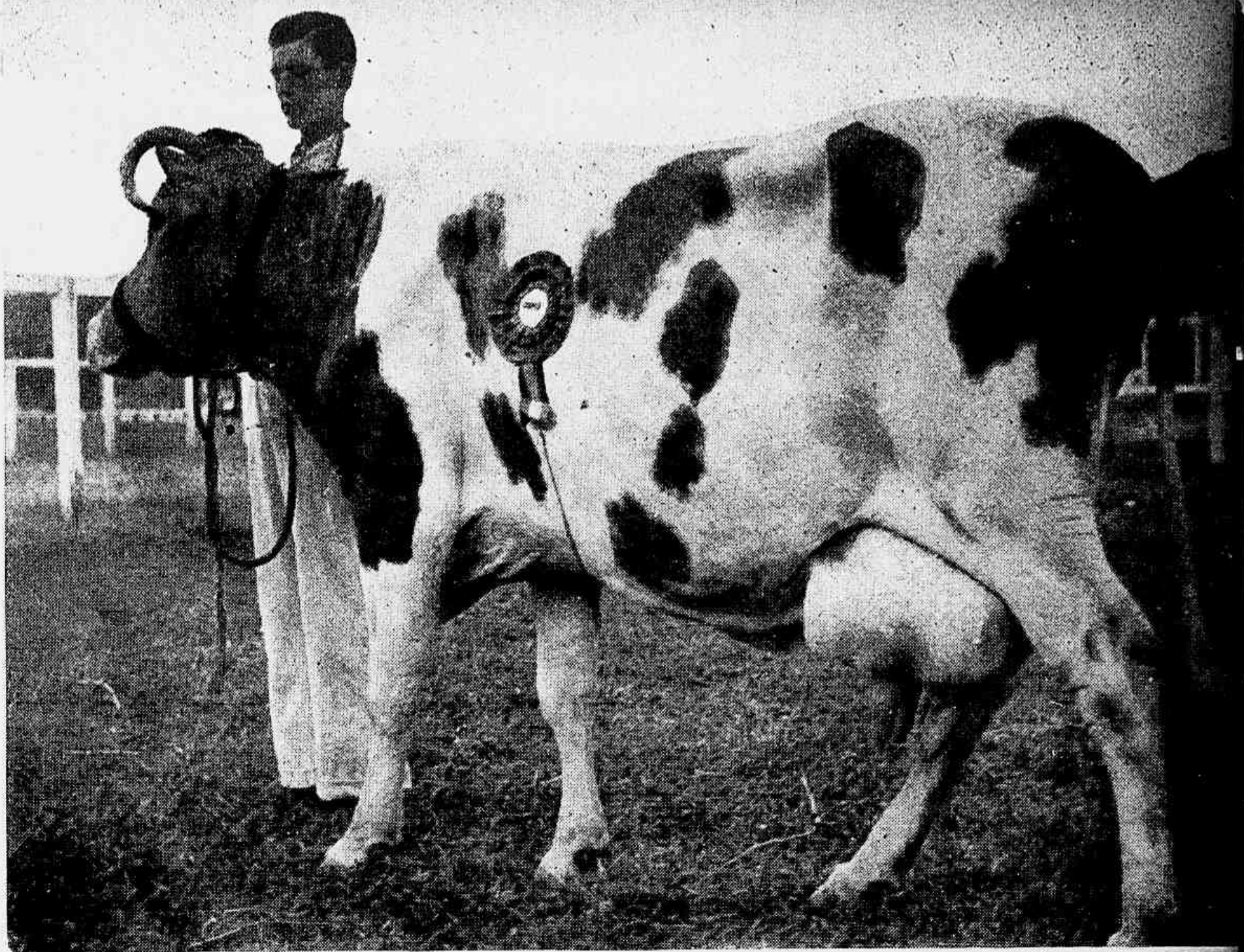
vam-se no magnífico recinto, enriquecido este ano com a presença de um maior número de animais, com um Pavilhão de Indústria, Comércio e Agricultura cheio de bonitos "stands", dominados pelo belo mostruário da Fábrica de Juiz de Fora, do Ministério da Guerra, e com a esplêndida miniatura da Granja Monte Verde, do Serviço de Subsistência da 4ª Região Militar, um dos pontos de atração da grande mostra e que despertou a admiração e o aplauso unânimes. Na parte da pecuária, os maiores êxitos assinalados couberam à Granja Frisia, de João Frerichs, com a campeã da raça Holandesa Preta e Branca, a vaca "Frisia-Confiança", o grupo-família campeão da mesma raça, com o qual conquistou o prêmio oferecido pelo Ministério da Agricultura, um repro-

EM BAIXO — "Frisia Líder", "Frisia Lídia", "Frisia Leda" e "Frisia Lina", componentes do grupo família, filhos de "Tupã", colocado em 2.º lugar. Também pertencentes à Granja Frisia.





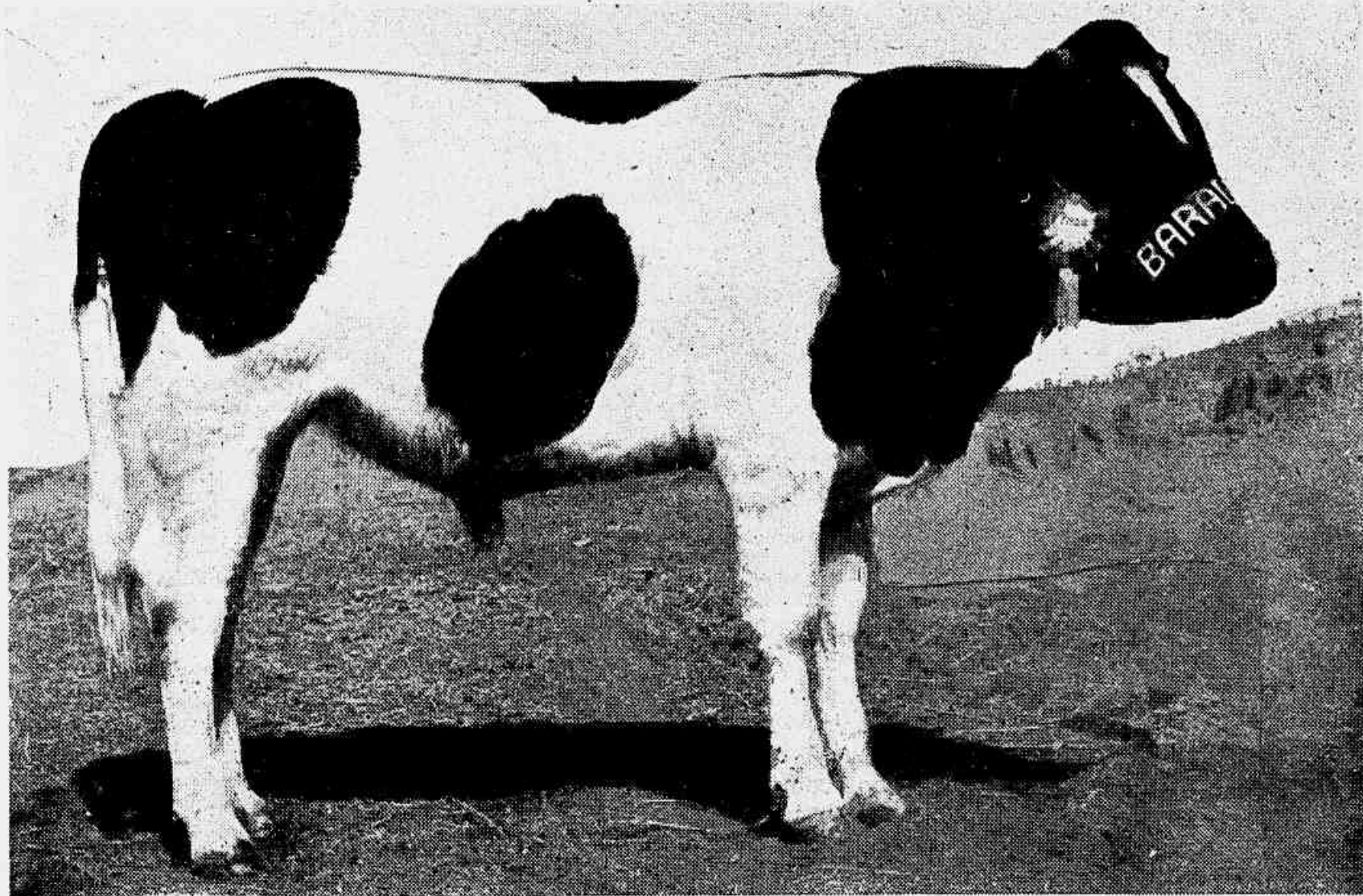
O sr. José de Andrade Reis, proprietário da Fazenda da Herdade, despeja no balde o leite da última tirada da vaca "Herdade-Governanta", vencedora do Concurso Leiteiro na X Exposição de Juiz de Fora. Na foto aparece o sr. João Frerichs, proprietário da Granja Frisia.



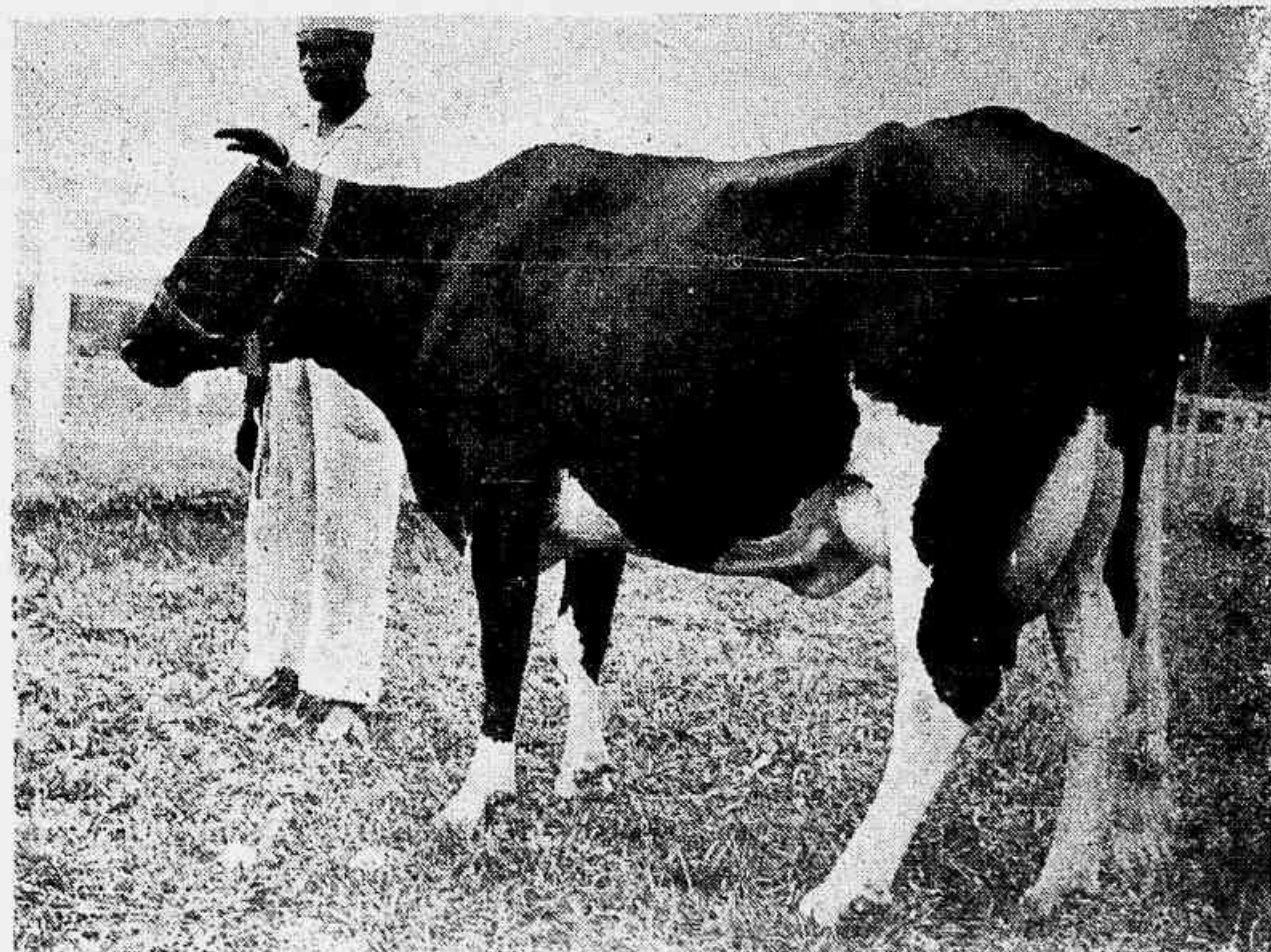
"Herdade-Baradero", Holandês Preto e Branco, nascido em 25-2-1947. Puro de Origem. Registro E. G. O. 1, 1.º Prêmio. Também pertencente à Fazenda da Herdade. "Herdade-Baradero" descende em linha paterna da famosa campeã argentina e mundial "Sylvia Carlhosa Colantha Pontiac", de uma das mais famosas linhagens leiteiras mundiais.

dutor de raça pura, o reservado-campeão "Frisia-Jan", além de 11 primeiros, três segundos e um terceiro prêmios; à Fazenda da Herdade, de José de Andrade Reis, com a campeã do Concurso Leiteiro, a vaca "Herdade-Governanta", que, com a idade de 13 anos, praticou a notável proeza de produzir a média diária de 26,716 kgs. de leite, e mais a segunda e terceira colocadas no mesmo concurso, além de três primeiros prêmios, um segundo e um terceiro, e à Fazenda Cantagalo, de Eduardo Sá Fortes Orlando, com o touro "Big-Three", campeão da raça Holandesa Preto e Branco.

Registramos, pois, com satisfação, o êxito da X Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Juiz de Fora, que em tudo superou o certame realizado em 1947, com o que estão de parabens os criadores locais e o Centro Rural. Os festejos de comemoração do 98º aniversário da grande cidade mineira tiveram, dêsse modo, um êxito ainda mais acentuado, e marcaram com rara felicidade a passagem dessa data tão cara aos filhos de Juiz de Fora, aos mineiros e aos brasileiros em geral.



"Herdade-Governanta", campeã leiteira da X Exposição de Juiz de Fora, 1.º prêmio, pura por cruzamento, da raça Holandesa Vermelha e Branca, nascida em 27-10-1935. Registro 9.967 EGE 1. Com 13 anos, essa notável vaca produziu a média diária de 26,716 kgs. Pertence à Fazenda "da Herdade", do sr. José de Andrade Reis, Matias Barbosa (E. F. C. B.), Minas Gerais.



A ESQUERDA — "Herdade-Ana II", Holandesa Preto e Branco, nascida em 7-2-1944. Registro 9.953 E. G. N. 1. 3.ª colocada no Concurso Leiteiro. A DIREITA — "Herdade-Allada", Holandesa Preto e Branco, 1.º Prêmio 1/2 sangue, 6 anos, 2.º lugar no Concurso Leiteiro, com a média diária de 25,516 kgs. Ambas são também pertencentes à Fazenda da Herdade, do sr. José de Andrade Reis, de Matias Barbosa, Minas. Esta estância conquistou o 1.º Prêmio em cafês despolpados, trazendo ainda à Exposição cinco cavalos da raça Mangalarga, inclusive o campeão da IX Exposição, o esplêndido cavalo "Baluarte".

Cine

REVISTA

NÃO ADIANTA CHACOALHAR...

Um produtor de larga experiência em Hollywood e no México, o sr. Howard Randall, veio se fixar no Brasil, onde fundará um grande estúdio e onde pretende produzir pelo menos doze filmes por ano, alguns deles destinados ao mercado mundial. O sr. Howard Randall, desde o seu desembarque no Rio, vem encontrando exasperantes dificuldades burocráticas, especialmente de natureza alfândega. Apesar de tudo, ele nos declarou:

— Vim ao Brasil para me fixar aqui e para fazer cinema, em escala industrial. Nada me fará mais desistir desse propósito.

Registrando a declaração, temos vontade de acrescentar-lhe, como comentário: "Não adianta chacoalhar. O homem está aí para ficar". Rima e é verdade.

LANA TURNER SE ZANGOU...

Lana Turner voltou aos Estados Unidos,



Na Inglaterra também tem disto... A carinha bonita que aí está é a de Carol Raye, uma garota inglesa que aparece em "Green Fingers", com Robert Beatty, Felix Aylmer e Nova Pilbeam, sob a direção de John Harlow.

depois de uma viagem à Europa. Esteve na França, comprando vestidos em Paris e exibindo o marido milionário, Mr. Topping. Esteve também em Londres. E, ao regressar, entre suas impressões de viagem, deixou sair esta:

— Os jornalistas ingleses são os piores do mundo... Uns estúpidos... Uns grosseiros...

Não temos procuração para defender nossos colegas ingleses das acusações de Lana Turner. Mas se já houve artista que se comportou mal com os nossos jornalistas, que fez toda espécie de fitas e deu toda a sorte de fricotes entre nós, essa pessoa foi a senhora Lana Turner. Ela deixou aqui uma impressão semelhante à que teve dos jornalistas ingleses...

O QUE RECOMENDAMOS AOS FAS...

Entre os últimos filmes exibidos no Rio, só um realmente recomendamos aos fãs: a deliciosa comédia da Columbia Pictures "Tem que ser você", com Ginger Rogers, mais engraçada do que nunca, no papel de uma noiva que não se decide a casar... Embora sendo um canastrão bem regular, o galã do filme, Cornel Wilde, não consegue comprometer totalmente a película. Os artistas secundários são todos eles excelentes, a história é bastante original e os diretores, Don Hartmann e Rudolph Maté, que é também um ótimo fotógrafo, marcaram um ponto alto em suas carreiras...

Se perderam esse interessante filme na primeira exibição, não deixem de vê-lo no cinema dos seus bairros, — se é que esse cinema não tem pulgas, projeção tremida e som confidencial, como tantos que por aí existem...

BETTE DAVIS OUTRA VEZ NA COMÉDIA...

Bette Davis, por ser uma boa artista, capaz de exprimir emoções fortes, vinha sendo a vítima de tudo quanto era drama-



Bette Davis, depois de muitos fracassos, o maior dos quais o de "Winter Meeting", filme que desejava ver queimado, vai voltar a fazer comédias e a primeira delas será "June Bride", uma história de Ronald McDougall, um jovem autor que até aqui se dedicava apenas ao rádio...

lhão adquirido pela Warner Bros., — aliás a companhia especialista em dramalhões. E, assim, os espectadores do cinema iam perdendo por completo o contacto com suas aptidões de atriz cômica, verdadeiramente admiráveis e comprovadas, no passado, em "Satã janta conosco", "Uma velha amizade", etc. Seu último filme, "Winter Meeting", foi uma coisa tão chata, tão dramalhuda, tão grosseiramente lacrimogênea, que todos os críticos americanos deploraram com veemência e unanimidade o desperdício de tão belo talento em película tão insignificante e tão estúpida... Como resultado disso, Bette Davis ganhou uma batalha que há longo tempo sustentava contra a direção da Warner Bros.: vai representar em uma nova comédia que se chamará "June Bride"!

A propósito de "Winter Meeting", ela declarou:

— Preferia que este filme tivesse sido queimado, juntamente com "In this our time", outro fracasso do qual nem quero me lembrar...



Por onde anda o velhinho Roland Young? — deve ter perguntado muita gente que, de repente, deixou de ver o intérprete de "O homem que fazia milagres" nos filmes americanos. Mas descansem... O velhinho não morreu... Ele vem aí em "Bond Street", um novo filme inglês, com a atriz checa Paula Walenska e outras figuras, sob a direção de Anatole de Gruenwald...

DOIS BRASILEIROS EM HOLLYWOOD...

Há dois brasileiros que estão fazendo uma bela carreira em Hollywood: o José Carioca, nosso famoso papagaio, e o Aracua, um bicho impicante e engraçado, que Walt Disney lançou inicialmente em suas películas

sobre o Brasil. Ambos comparecem em "Melody Time", ao lado do Pato Donald, de Johnny Appleseed e seu anjo da guarda, além de outros... Walt Disney, que ficou milionário à custa do famoso Mickey Mouse, parece ter rifado inteiramente o camondongo...

Tal como fez a Metro com Greta Garbo, depois de ganhar milhões à custa dela...

VOCE SABIA QUE...

...já regressou de Parati a caravana que ali esteve filmando exteriores de "Estrêla da Manhã", com Osvaldo de Oliveira como diretor e Gino Palmisano — ex-colaborador de Christian Jacque — como assistente de diretor?

...que a Metro-Goldwyn-Mayer pretende refilmar "Mulherzinha", película feita antes por Katherine Hepburn e Joan Bennet, para a RKO Radio? E que June Allyson e Janet Leigh serão as intérpretes e Mervyn LeRoy o diretor?

Fred MacMurray aparece hoje na nossa galeria de "venenos de bilheteria". O velho ator de "O rio dourado" acerta por acaso, uma ou outra vez. Mas, frequentemente, ele é apenas um tipo cacete, que o público deseja que estivesse fora do filme. E' um dos únicos atores do mundo capazes de fazer com que enfraqueça a bilheteria de uma comédia de Claudette Colbert ou de Rosalind Russell. Precisamos tondar urgentemente o "Club do Chega de Fred MacMurray"...



T. S. ELIOT ADERE AO CINEMA

Depois das conversões de Bernard Shaw, Aldous Huxley, André Gide e outros grandes escritores ao cinema, temos agora mais uma que promete ser igualmente ruidosa, — a de T. S. Eliot, famoso poeta e dramaturgo inglês. Entre as obras de Eliot, destaca-se o drama poético "assassinato na catedral", uma peça verdadeiramente antológica, representada com grande êxito, não apenas na Inglaterra, mas nos Estados Unidos, na França e outros países. Esse filme representa um dos mais interessantes projetos do cinema inglês na atualidade e será dirigido por George Hoellering, um cineasta austriaco que se radicou em Londres.

Partindo do princípio de que ninguém melhor do que o autor pode expressar aos sentimentos e intenções do seu trabalho, George Hoellering fez T. S. Eliot gravar, em aproximadamente doze mil pés de negativo de som, todo o texto de sua peça, afim de, com a ajuda dessa gravação, dirigir os atores que deverão atuar na película. Há cinco anos, Hoellering vinha tentando realizar a versão cinematográfica de "Assassinato na catedral", mas T. S. Eliot se mostrou adverso à iniciativa, dizendo que não tinha o menor interesse na cinematografia. O diretor, porém, voltou à carga, várias vezes, conseguindo, por fim, que o poeta e dramaturgo visse uma projeção de "Hortbagy", filme que, pouco antes da guerra, realizara na Hungria. Isso bastou para converter T. S. Eliot ao cinema.

O grande escritor, numa entrevista, declarou que não escreveu sua peça com intuito comercial. Escrevera-a apenas para ser representada no Canterbury Festival, mas, a despeito disso, muitos teatros a têm montado. Quanto ao título, disse T. S. Eliot:

— Muita gente me tem acusado de sensacionalismo, nesse título. Mas não o fiz senão porque surgiu naturalmente, do próprio trabalho. Por outro lado, como qualquer pessoa sadia e bem humorada, gosto também de me divertir... E note-se: considero minha peça uma comédia e não uma tragédia. — mesmo porque não há tragédia no fato de um homem se tornar santo... — MICKEY

O FILME DA SEMANA



EDWARD G. ROBINSON



BURT LANCASTER

"ALL MY SONS"

(AINDA SEM TÍTULO PARA O BRASIL)

Joe Keller EDWARD G. ROBINSON
 Chris Keller BURT LANCASTER
 Kate Keller MARY CHRISTIAMS
 Ann Deever LOUISA HORTON
 George Deever HOWARD DUFF
 Sue Bayliss ARLENE FRANCIS
 Jim Bayliss LLOYD GOUGH
 Herbert Deever FRANK CONROY

Filme da UNITED ARTISTS — Direção de IRVING REIS
 — Argumento de CHESTER ERSKINE, baseado numa
 peça teatral de ARTHUR MILLER

CHRIS KELLER estava de volta da guerra. De volta à família, composta de Kate, mãe e esposa amantíssima, Joe, homem franco, vigoroso, e trabalhador infatigável, que jamais se poupava, a fim de que os filhos, Larry e Chris, pudessem um dia ser proprietários da Keller Machine Works. Larry, porém, não voltara: havia três anos que fora dado por desaparecido. Kate era a única pessoa que ainda esperava vê-lo aparecer. Essa esperança convertera-se até numa obstinação doentia. Ainda na véspera ela despertara durante a noite, desvairada, imaginando ouvir no jardim os gritos do filho, cujo avião caía, caía... Quase fora atingida por uma árvore, que a ventania derrubara. Mas ela interpretara o acidente à luz da sua idéia fixa: a volta do filho. E exclamara, em transe: — Eu bem dizia, que ainda era cedo para enterrá-lo e plantar árvores em seu túmulo. Mas ninguém me ouviu!

No dia seguinte Joe explicou tudo ao filho. Era sempre assim: as notícias frequentes de desaparecidos que reapareciam fortaleciam cada vez mais a crença de Kate no regresso de Larry.

A Chris, não foi fácil revelar ao pai os seus planos, isto é, a sua intenção de casar-se com Ann Deever, a noiva de Larry, que não tardaria a chegar do Chicago. Ann fora sempre, aliás, mesmo em vida do irmão, a mulher dos seus sonhos. E Joe observou, com efeito, que se Chris desposasse Ann estaria passando o atestado de óbito do irmão. Aconselhou-o a pensar melhor no assunto. Mas Chris já pensara. Nem mesmo o negócio o afastaria da moça. Como assim? Então desprezava a fábrica, que com tanto sacrifício Joe fizera progredir para deixá-la aos filhos?

Tampouco foi fácil a Ann rever o lugar onde vivera a infância e adolescência. Seu pai, Herb Deever, fora sócio de Joe, na fábrica, até o dia em que acontecera a desgraça. Vinte e um aviões sofreram na Austrália acidentes fatais, que as investigações procedidas explicaram: vinte e um cilindros defeituosos tinham sido embarcados pela fábrica Keller. Joe Keller estivera em casa, doente, no dia do embarque. Deever estava agora em Columbus, cumprindo pena, julgado responsável pelos desastres. E outra família ocupava a casa em que ela morara.

Contudo, foi calorosa a recepção que teve, de Kate, de Joe, cujo amor por ela era muito para não revelar-se a um simples olhar.

Intrigou-a, no entanto, o fato de Kate lhe haver dado o quarto de Larry, que era conservado como se

ele fosse realmente esperado a qualquer momento. E intrigara-a sobretudo certas palavras de Kate, quando se referira às coisas do filho desaparecido: Sim, às vezes é melhor a gente deixar as coisas como estão. Queria dizer, com isso, que a presença de Ann ali era indesejável?

Apesar de tudo, foram felizes os primeiros momentos que ali passou. Ann chegou mesmo a pensar que nunca saíra dali, que a casa ao lado ainda era a dos seus pais, que a desgraça jamais acontecera...

À noite daquele mesmo dia, porém, ela já ver que os comentários maldosos não haviam cessado. Durante um passeio que realizaram, uma mulher de aspecto repelente apontara para Joe e exclamara: Assassino! Joe, que ouvira impassível a acusação, continuara a conversa. Mas a mulher, num grito histérico, repetira: Assassino! Furioso, ele ia agredir a mulher, no que foi impedido pelo filho.

A volta do passeio foi triste, de um silêncio opressivo. Foi Joe quem rompeu o silêncio. Aquela mesma mulher, contou, cujo marido morrera na guerra, ele, Joe, a socorrera, certa vez, resgatando-lhe títulos vendidos no banco. Ele era assim: não guardava rancores!

Entretanto, achava que era justamente por isso que ela o acusava. Tomara o gesto de Joe por um meio de aliviar a própria consciência. Mas... aliviar a consciência de que crime? Ele não fora absolvido? Kate pôs termo à conversa.

Em casa, Joe procurou dissipar a tristeza que empolgara Ann. Ela devia fazer como ele. Embora absolvido, ninguém ali o julgava inocente. Ele era o monstro, que fornecera cilindros defeituosos à Força Aérea. Mas ele passara diante de todos com a cabeça erguida. Resultado: poucos meses depois a sua fábrica era outra vez uma das mais consideradas em todo o estado. Agora, os amigos até se reuniam em seu escritório, para jogar pôquer. Anne devia voltar a viver ali, para que um dia Herb, seu pai, pudesse também tornar a jogar com os amigos. E devia escrever ao pai dizendo-lhe essas coisas.

Isso, porém, ela não faria. Deixara de visitar o pai, e até de escrever-lhe, desde quando soubera do desaparecimento de Larry.

E por que? quis saber Joe. Porque ele causara a morte de vinte e um pilotos, Joe insistiu: não havia prova de que Larry houvesse voado num dos aviões defeituosos. Foi então que Chris interveio, com uma pergunta impulsiva: E quem voara neles? Teriam sido porcos?

Indiferente à reação do filho, Joe prosseguiu. Sim, Deever fora insensato. Mas não devia ser considerado um assassino. E falava com ardor, como ansioso por agarrar-se a uma tábua de salvação, que justificasse o ato danoso. Afinal, disse, Deever imaginara que os cilindros defeituosos ainda servissem. Depois, havia os pedidos insistentes de remessa, feitos pelo governo. Não! Assassino ele não era! E concluiu: No dia em que tiveram notícias do desaparecimento, na prisão, onde ele ainda se achava, em companhia do pai de Ann, este orara a noite inteira, amargurado.

Ann limitou-se a dizer que outros pais tinham chorado também. E Chris, vendo-a sofrer com aquelas reminiscências, levou-a a passear.

Contemplando a cidade do alto de um precipício, Chris confessou a Ann o seu amor. Mas ela observou, afagando-o, que obstáculo à felicidade deles era Kate, e o mundo artificial que ela criara para o marido e os filhos, embora de um houvesse apenas lembranças. Para Kate, Ann era uma intrusa, querendo destruir o seu mundo fantástico.

— Entre nesse mundo, Annie, — foram as palavras de Chris.

★

Na fábrica, no dia seguinte, tendo Chris revelado ao pai que pedira Ann em casamento, Joe, embora a princípio surpreso, terminou por confessar que se alegrava com a entrada da moça para a família. E logo, falando com orgulho, e abrindo os braços num largo gesto, como a querer abraçar toda a oficina e o que ela representava, acrescentou: tudo isso será de vocês. Estava ali uma fortuna, amalhada com esforço, e que Chris e Ann poderiam gozar sem vergonha! Finalmente, graças com o filho, disse que ia descontar-lhe o dia, por ter chegado atrasado.

Chris riu-se da pilhéria, e repetiu as palavras que andavam ali na boca de todos. "Quer saber? Pergunte ao Joe". Palavras verdadeiras, aliás, porque de fato não havia ali o que Joe Keller ignorasse.

Restava comunicar a decisão a Kate. Ela precisava saber. E a George, o irmão de Ann, também. George acabara de chegar, e nada bem intencionado, em relação aos Keller, conforme Ann acabara de avisar, pelo telefone.

Ann apareceu na fábrica, pouco depois, e saiu em companhia de Chris, que parecia preocupado. Estava ruminando as palavras do pai: ele e Ann poderiam gozar o que herdassem sem vergonha. Além disso, desgostara-o o ambiente de indiferença que encontrara em casa. A guerra, para os seus pais, parecia ter sido algo assim como um simples desastre de ônibus. Era justo que se tirassem proveitos da guerra. Ma era preciso que se reconhecesse que a justiça dela estava na necessidade de assegurar a fraternidade humana. Do contrário, os seus despojos seriam meros despojos ensanguentados. Essa era uma das razões por que lhe repugnava aceitar o bens do pai. E nesses bens parecia-lhe estar incluída a própria Ann.

Ann tranquilizou-o: ele não devia pensar assim. Tinha direito a tudo aquilo. Sobretudo a ela. Afinal, nem tudo fora egoísmo. Joe, como muitos outros industriais, contribuía para que centenas de aviões realizassem a sua missão. Foram palavras deveras tranquilizadoras. Beijando-a, Chris confessou que, ditas pelos lábios de Ann, elas o faziam ver claramente a realidade.

Em casa, souberam que George estava a caminho. George tinha pouco mais ou menos a idade de Chris, seu companheiro de infância. Mas era reservado, grave demais, excessivamente cônico dos seus direitos. Ao chegar, foi direto ao ponto: estivera com o pai, a quem comunicara os planos de Chris e Ann, e, pela primeira

(Continua na pág. 54)



MARY CHRISTIAMS



Da esquerda para a direita: MAURICE CHEVALIER, que acaba de filmar "O silêncio é de ouro", em Paris, sob a direção de René Clair. DANIELLE DARRIEUX, uma das grandes figuras do cinema francês. JEAN GABIN, que está outra vez em atividade na França. Um dos seus últimos filmes foi "Martin Roumagnac", com Marlene Dietrich.

O S. O. S. DO CINEMA FRANCÊS!

PARIS, junho — Quando deixei o Rio, REVISTA DA SEMANA pediu-me que fizesse um inquérito sobre a crise do cinema francês. Procurei, de início, visitar alguns estúdios e assistir a algumas filmagens. Dei-me da do que imaginávamos à distância. As realizações novas são quase nulas. De que adiantava visitar um estúdio vazio, sem operários, sem atores, sem vida?

Visitei, então, o grande prédio dos Champs Elysées que abrange todos os escritórios, sindicatos, e organismos relacionados com o cinema francês. Algumas salinhas pobres e pequenas abrangem o Comité Central da Defesa do Cinema Francês. Lá me deram algarismos realmente trágicos comprovando a curva descendente do cinema francês

ALGUNS ALGARISMOS

As vezes, algarismos aparentemente secos revelam mais que longas descrições. Antes de passar à parte viva desta reportagem e de relatar o que me foi contado por di-

A péssima situação do cinema da França ★ A formação de um Comité de Defesa unindo produtores, técnicos, atores e espectadores de todas as tendências políticas ★ O dia do cinema ★ Discursos, discussões, filmes muito antigos e filmes em preparo ★ Resoluções tomadas para uma ação concreta que permita salvar o cinema francês

Reportagem de YVONNE JEAN



versos cenaristas, autores e atores de destaque, quero dar aqui alguns dados concretos, oficiais.

PRODUÇÃO DE FILMES FRANCESES

Antes da guerra: uma média de 130 filmes por ano.

Em 1946: 94

Em 1947: 71.

Em 1948: 21, dos quais somente 9 estão em realização.

PROPORÇÃO DE FILMES FRANCESES EM EXIBIÇÃO

Antes da guerra: Francêses: 2/3 — Estrangeiros: 1/3.

Em 1947: Francêses 1/2 — Estrangeiros: 1/2

Em 1948: Menos de 1/3 de filmes francêses.

CONCORRÊNCIA ESTRANGEIRA

Em 1947, 470 filmes americanos foram introduzidos na França, 266 dos quais foram "doublés". Como o mercado total só pode absorver 300 filmes os comentários são inúteis.

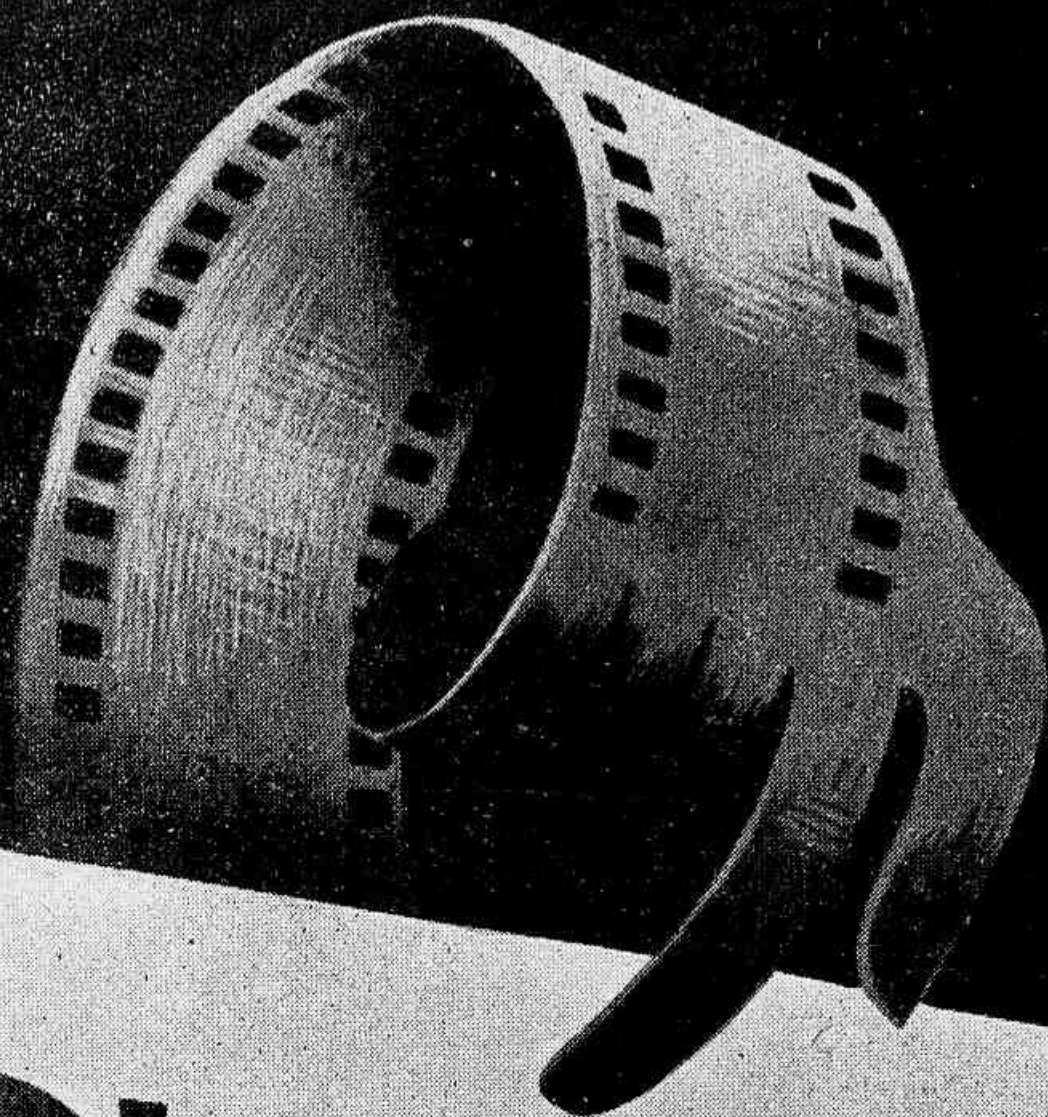
A "DOUBLAGE"

Abro aqui um parêntese sobre o problema da dublagem. Todos os que consideram o cinema como uma



ASPECTO DA grande parada dos artistas e cinematografistas francêses, em sinal de protesto contra o acordo franco-americano, encabeçada por Robert Pigault, Jean Marais, Claire Maffei, Madeleine Robinson, Simone Signoret, Yves Allegret e outros. Na página ao lado: O CARTAZ em que o cinema francês pede socorro urgente e proteção do público, contra a danosa concorrência do cinema estrangeiro, especialmente do americano, favorecido excepcionalmente por um acordo político.

LE CINEMA FRANÇAIS A LE DROIT DE VIVRE



S.O.S
CINEMA FRANÇAIS



aidez-le

**COMITE NATIONAL DE DEFENSE
DU CINEMA FRANÇAIS**

92. CHAMPS ELYSEES. PARIS





Na página ao lado: MICHELE MORGAN, uma das grandes "vedettes" internacionais do cinema francês. Fez "Sinfonia Pastoral" na França, e agora faz "Fabiola", na Itália. Em cima: JEAN MARAIS, um dos novos galãs franceses, é o protagonista de "Além da vida" (L'Eternel Retour), "Ruy Blas" e "A Águia de Duas Cabeças".

arte recusam-se a admitir o "doublage". Uma fita doublée sempre está deturpada, é artificial. Além disso, os bons filmes não precisam ser doublés para serem compreendidos. A doublage somente é necessária para o teatro filmado e o teatro filmado não é verdadeiro cinema. O cinema fala pela imagem.

Mas, além destas considerações artísticas, existem considerações econômicas. Estas foram explicadas no Dia de Defesa do Cinema Francês pelo realizador Yvan Noé. "Um filme francês", disse ele, "custa atualmente 30 milhões de francos. Um filme estrangeiro doublé 5 milhões... Antes da guerra tínhamos mais ou menos 70 filmes nacionais para 180 estrangeiros. Nessa época, os filmes estrangeiros não prejudicavam os filmes franceses porque havia programa duplo... Hoje temos 78% de filmes estrangeiros..."

Acrescentarei que certos diretores de sala desonestos vão mais longe ainda: compram velhos filmes estrangeiros baratíssimos, mandam fazer a "doublage" e apresentam-no como se fossem filmes franceses, sem mencionar a doublage!

O COMITÉ DE DEFESA DO CINEMA FRANCES

Depois de ter visto inumeráveis quadros comprovantes do péssimo estado do cinema francês atual, perguntei o que se estava fazendo para evitar a sua morte completa.

A primeira pessoa que me falou do Comité de Defesa do Cinema francês, com um entusiasmo admirável, foi o realizador André Salzman que, mais tarde, pôs-me em contacto com as personalidades mais marcantes do meio cinematográfico parisiense.

"Pela primeira vez", explicou-me, "todos os ramos da profissão uniram-se numa ação comum, apesar de interesses muitas vezes opostos. Assim os ramos patronais, dos produtores até aos diretores de sala, associaram-se

Aspecto de uma sessão do comité de defesa do cinema francês, vendo-se presentes, entre outros, o ator André Luguet, o autor Charles Spaak e o produtor Claude Autant-Lara.





RENÉ CLAIR, um dos grandes diretores do cinema francês, no "set" de um dos seus últimos filmes.



MICHELINÉ PRESLE e Gérard Philippe, dois brilhantes elementos do cinema francês, em uma cena de "Diable au corps", filme de Claude Autant Lara, premiado em vários festivais internacionais.



CENA DO FILME francês "Les Chouans", com Jean Marais, Madeleine Lebeau e Madeleine Robinson.

com todos os grupos de criadores: técnicos, atores, escritores, críticos e trabalhadores, para empreender conjuntamente a salvação do cinema francês."

Acrescentou outro fato ainda: ao grupo inicial de todas as pessoas interessadas diretamente no cinema, juntaram-se agora os próprios espectadores.

A PARTICIPAÇÃO DOS ESPECTADORES

Um Comitê central se formou em Paris. Quase espontaneamente nasceram em todos os bairros da capital, como também na província, sub-grupos compostos exclusivamente de espectadores. Vi milhares de boletins de adesão chegados no dia em que visitei o escritório central. Junto uma dessas fichas. Basta dizer que em março 30.000 espectadores filiaram-se ao movimento em Paris, 30.000 nos subúrbios e 10.000 na província e que hoje a associação já conta com mais de um milhão de aderentes, muitos dos quais extremamente ativos. Tive a oportunidade de julgar desta colaboração inédita entre produtores, técnicos, atores e espectadores durante a importante sessão que teve lugar na grande sala da Casa da Química domingo passado. Foi um dia muitíssimo interessante, pois, além dos discursos de numerosos realizadores como Autant-Lara, atores como André Luguet, autores como Spaak, surgiram discussões muito instrutivas com o próprio público.

O DIA DE DEFESA DO CINEMA FRANCES

Enfim, tivemos oportunidade de assistir a trechos de um filme em realização, "Manon" que ainda não foi terminado, e de um dos poucos filmes agora terminados "A águia de duas cabeças", de Cocteau, da "Kermesse heroica" em homenagem a Jacques Feyder que acaba de morrer na Suíça sem ter encontrado a possibilidade de realizar os inumeráveis filmes que estava pensando em fazer e para os quais não encontrou os meios materiais. Enfim, houve a retrospectiva dos melhores filmes franceses desde 1899 até a guerra. Estes bastam para comprovar a importância do cinema francês do ponto de vista artístico. Um país que sempre se destacou pelas suas inúmeras atividades artísticas não podia deixar de criar um movimento interessante no setor do cinema. Não posso deixar de mencionar alguns dos filmes lembrados.

A sessão começou pela projeção de um dos primeiros filmes existentes: "O assassinato do Duque de Guise". Dura um minuto. Fiquei muito espantada vendo, apesar da ingenuidade, o desejo de produzir em 1898 um momento dramático pelo cinema!

Não descreverei o filme de Méliès que todos no Rio conhecem por ter tido oportunidade de assistirem a algumas retrospectivas de cinema, mas darei destaque ao primeiro desenho animado realizado. Traz a data de 1903 e é de uma técnica já muito adiantada e de uma fantasia deliciosa, preparando a de um Walt Disney.

Vi trechos de "Napoleão", de Abel Gance, do último filme mudo de René Clair, "Intervalo", verdadeiro poema surrealista, de "A Nous la Liberté", sempre atual; trechos de diversas fitas de Feyder, Spaak, Pagnol e, para acabar, três filmes que comprovam que os melhores escritores já compreenderam a importância do cinema, outrora tão desprezado e considerado como uma arte de segunda ordem: a "Sinfonia Pastoral", de Gide; os "Anjos do Pesado", de Giraudoux; e "A Bela e a Fera", de Cocteau. Lembro-me ainda de outro filme interessante: "O dia vai amanhecer", com Jean Gabin, que foi recentemente refilmeado nos Estados Unidos e que tivemos a oportunidade de ver no Rio. Projetaram exatamente o fim da fita que foi mudado nos Estados Unidos. Enquanto o ator americano seguia finalmente a polícia, o francês morre e nesta concepção de um drama profundamente humano pode-se ver a diferença de pontos de vista do realizador francês e do americano, ambos, aliás, excelentes.

A SALA

Dos discursos feitos ressaltavam o desejo dos técnicos do cinema como dos espectadores de salvar o cinema francês. Não resumirei hoje estes discursos pois as entrevistas que publicarei em seguida insistem sobre os pontos principais. Contentar-me-ei em citar estas palavras do residente do Sindicato dos Técnicos do Cinema que abriu a sessão: "Em 1914 a França tinha-se tornado o primeiro país produtor de filmes... Em 1939 ainda era, apesar de grandes dificuldades de toda ordem, sempre crescente, o segundo país produtor do mundo. Em 1948 a França será, entre os países produtores, o último. Isto porque o Governo não se deu conta ou esqueceu que o cinema tem um valor nacional..." "E explicou então que chamaram os espectadores para que tomem parte numa ação necessária em um momento onde o cinema está agonizante na França mas que pode ainda ser salvo, graças a um esforço coletivo que obrigou o Governo a tomar certas medidas concretas."

AS CONCLUSÕES

As conclusões, preparadas pelos Delegados foram parcialmente emendadas, por sugestão do público, o que não deixa de ser interessante.

Eis as principais reivindicações:

Pede-se que sejam revisados os acordos comerciais internacionais denunciados pelo Governo desde janeiro de 1948. (O acordo Blum-Byrnes não foi renovado após ter passado um ano. É preciso denunciá-lo agora para que não continue automaticamente a ter valor por mais um ano).

(Cont. na pág. 56)

LÂMPADAS
PHILIPS



Quais são os erros nesta figura?



Veja

**TUDO
CLARO**
com

LÂMPADAS PHILIPS

Aquêle ancinho não devia estar ali. O quadro está de cabeça para baixo. As setecentas não costumam fumar cachimbo. E que faz aquêle ventilador ligado sobre a lareira acesa? Faltam os cabos das flores, e o quebra-luz, também, não tem base. O mais sério, porém, é que é um erro muito grave deixar o fio de luz só no chão, onde o Joãozinho poderá tão facilmente tropeçar. Esperemos que não haja erros com as lâmpadas, e que alguém tenha tido o bom senso de comprar lâmpadas Philips — que garantem o máximo de luz pelo mínimo de custo.



Mancel Parcelos estreou, finalmente ao microfone da Rádio Nacional. Dêse modo foram desfeitos os boatos de seu retorno à PRE-3, onde serviu nos primeiros tempos. O Pancinha foi recebido com todas as honras, desfilando em sua honra o "cast" da PRE-8.

O Governo Federal concedeu permissão para que a Rádio Guanabara monte transmissores de frequência modulada. Com isso, a veterana emissora ampliará o setor informativo, transmitindo acontecimentos de grande interesse, diretamente dos locais em que os mesmos se desenrolem. A nova direção da PRC-8 está organizando homogênea equipe de rádio repórteres, afim de que esta se desincumba de todos os serviços informativos. ★ — A Mayrink Veiga, por sua vez, confiou a Cesar Ladeira as negociações para montagem do aparelhamento necessário à televisão. Pretende a PRA-9 ser a primeira estação brasileira a contar com essa sensacional descoberta, que tanto sucesso está causando nos Estados Unidos. Segundo informações que colhemos, tudo indica que essa emissora se antecipe a PRG-3. ★ — A cantora Linda Batista, depois de obscura temporada ao microfone mayrinquiniano, voltou a animar a programação de estúdio da Tupi, da qual se desligara por desentendimento com a direção artística. Agora, com o afastamento do sr. Gilberto de Andrade, ela retorna para junto da irmã, na qualidade de exclusiva das associadas. ★ — Tendo excursionado pelo interior do pa's, depois de longa atuação no cast da PRE-8, Pedro Raimundo está de novo entre nós. O conhecido sanfoneiro e compositor assinou contrato com a Rádio Globo, tendo estreado através do programa "Coisas que o vento levou..."

DEZ ANOS DE TARIMBA JÁ TEM SAGRAMOR



Sagamor de Seuvero, iniciou suas atividades radiofônicas há dez anos, na "Hora da Gazeta" da Cruzeiro do Sul de São Paulo.

Sagamor de Seuvero conta dez anos de atividade radiofônica, iniciados na "Hora da Gazeta", da Cruzeiro do Sul de São Paulo. Na Rádio Bandeirante animou o "Teatro de graça", sob a orientação de Sivan. Em 1940, interessada pelos problemas sociais, dedicou-se à elaboração dos programas femininos. Em 1944 veio para o Rio, ingressando na Rádio Club do Brasil, onde lançou a "Liga Juvenil de Foot-ball". Mais tarde transferiu-se para a Mayrink Veiga, aí se mantendo até 1945, quando veio a integrar o "cast" da Rádio Globo. Nessa emissora lançou sua candidatura à vereança municipal, conseguindo eleger-se na legenda do Partido Republicano. Hoje, pertence à ala dissidente do P. T. B. Sagamor é paulista de nascimento. Conta, no momento, vinte e sete anos de idade, pois nasceu a 30 de setembro de 1921. É casada com Miguel Gustavo, poeta e "rádio-man". Possui diversos livros infantis publicados, além de uma obra sobre arte culinária.

Broadcast

ONDE ESTÃO OS VALORES?

A LGUEM já se referiu à inutilidade dos programas de calouros. Seus organizadores, na verdade, procuram encontrar elementos capazes de suprir o mercado radiofônico. Infelizmente, porém, todos os esforços nesse sentido, têm redundado em vão, dada a escassez desses valores. Nem mesmo Almirante, com seu largo tirocínio, conseguiu melhor êxito. Dos candidatos vitoriosos no honestíssimo "Campeonato Brasileiro de Calouros", só temos notícia do cantor Rui de Almeida, que continua a se esforçar para não desmerecer o título conquistado. As emissoras do primeiro time, entretanto, prescindem do seu concurso, a começar pela própria estação patrocinadora do certame. Ary Barroso, por seu turno, mesmo prestigiando e incentivando os que comparecem a "Calouros em Desfile", tem esbarrado com o número reduzido de candidatos com qualidades para vencer no rádio. São poucos os que, passando pelo gongo, venceram na carreira radiofônica. O próprio Renato Murce, idealista cem por cento, tem descoberto poucos valores. É que a maioria dos que se escrevem nos programas de calouros, visam unicamente, a conquista de alguns cruzeiros... Não são elementos que possam assumir a responsabilidade de um programa de estúdio. Quanto aos verdadeiros valores, seja por vaidade, seja por timidez, vivem à margem dessas atrações dominicais.

Há quem afirme que o valor dos prêmios está aquém do mérito daqueles que possuem qualidades para vencer, motivo da completa ausência de bons intérpretes da música popular nos programas citados. Tanto isso é verdadeiro que, quando o prêmio fica acumulado, logo surgem candidatos bem interessantes. Grande parte dos mesmos, no entanto, prefere as páginas dos clássicos, gênero muito descuidado no nosso "broadcasting". A inutilidade dos programas de calouros, como é fácil averiguar, deriva da insignificância dos prêmios. — A. Migueis.



Ary Barroso, um dos animadores das horas de calouros do nosso rádio.

RADIO-FLASHES

um "script" de D. T. Macedo. ★ — Benedito Mergulhão, ex-vereador e jornalista dos mais combativos, está novamente integrando a equipe de comentaristas da Rádio Cruzeiro do Sul. Seu programa "Astros e Ostras" poderá ser ouvido na onda da PRD-2, às segundas, quartas e sextas-feiras, às vinte horas e quarenta e cinco minutos. ★ — Gagliano Neto deu início à seleção dos elementos que integrarão o departamento esportivo da Rádio Continental. Segundo suas próprias palavras, este será formado de gente nova. Como primeiro passo, ele acaba de contratar Paulo Sérgio para comandar o noticiário turfista da nova estação. ★ — O professor Barthelmy, considerado o pai da televisão, declarou que praticamente, não há mais invenções importantes a fazer no terreno dessa descoberta. Afirmou, ainda, que sob o ponto de vista industrial, dentro de três anos sua aplicação será tão generalizada como o rádio, tudo dependendo da capacidade da indústria. ★ — Já se encontra em Portugal a rádio atriz Zezé Fonseca, que para ali viajou a bordo do Argentina. A querida "estrêla" não revelou à imprensa portuguesa o que pretende fazer, embora manifestasse desejo de trabalhar num dos teatros. Primeiramente, porém, Zezé quer conhecer a nação amiga. Depois, então, cuidará da arte. ★ — Bilhetes de Nova York, é este o título do novo programa que a rádio Guanabara transmitirá no decorrer do mês de julho, escrito diretamente da América do Norte, por Humberto de Campos Filho. Do mesmo autor será lançada pela PRC-8 a novela "A Viagem de Volta", cabendo o desempenho aos elementos vitoriosos no concurso instituído pela citada estação. ★ — Léa Coutinho, intérprete

de música popular, acaba de ser contratada pela Mayrink Veiga. Também a rádio atriz Lourdes Mayer passou a integrar o elenco da PRA-9, depois de longo período de ausência dos microfones cariocas. Fa'a-se ainda no nome de Tina Vita para reforçar o "cast" rádio-teatral da emissora mayrinquiniana, embora nada existisse de positivo até encerrarmos este noticiário. ★ — Tendo trocado a Rádio Nacional pela Tupi, Paulo Tapajós acompanhou a turma comandada pelo sr. Gilberto de Andrade. Com as modificações introduzidas nos altos postos da PRG-3, Paulo Tapajós sentiu-se deslocado. Daí, ter batido novamente à porta da PRE-8, onde se acha, presuntamente. ★ — Rodolfo Mayer rescindiu, amigavelmente, o contrato que o prendia à Nacional. Logo surgiram as notícias de que o festejado artista dedicaria-se à exclusivante ao cinema. Porém, Rodolfo Mayer acaba de assumir compromisso, com a Rádio Mayrink Veiga, afim de participar dos espetáculos rádio teatrais. ★ — A Guanabara está anunciando para breve o lançamento de "Escola de Maridos" e "Pedra no caminho", programas que a direção artística diz serem originalíssimos. Vamos aguardar a apresentação para verificar se não há exagero nisso. — Na segunda quinzena do mês de junho, Mário Lago fechou contrato com a Mayrink Veiga. Sua atuação na PRA-9 prende-se à parte redatorial e artística.

SETE COISAS QUE TALVEZ VOCÊ NÃO SAIBA...

- 1 — O contrato de Almirante com a Rádio Globo lhe assegura quinze mil cruzeiros mensais, como paga pelos três programas que escreve e apresenta.
- 2 — A Rádio Mayrink Veiga desembolsa quarenta mil cruzeiros por mês, para garantir a permanência de Cesar Ladeira ao seu microfone.
- 3 — Amaral Gurgel conseguiu construir um prédio com os direitos autorais de suas novelas.
- 4 — O sanfoneiro Pedro Raimundo nasceu em Santa Catarina, ascendeu praça na Briga da Gaúcha e pertence ao grupo da Fraternidade Eclética.
- 5 — Araci de Almeida ingressou no rádio através da Educadora, cantando no programa "Cidade", dirigido por Evaldo Ruy.
- 6 — Francisco Alves é proprietário do importante estabelecimento comercial em Miguel Pereira.
- 7 — Existem mais de vinte teatros de amadores espalhados pelo Brasil com o nome de Cordelia Ferreira.

VIDA

Literária



Eugênia Alvaro Moreira.

EUGÊNIA ALVARO MOREIRA

Tôda a imprensa e, em particular, todos os nossos cronistas literários, resistiram, em comovidas notas, a morte de Eugênia Alvaro Moreira, não cabendo mais aqui senão uma palavra de profunda condolência dirigida a Alvaro Moreira, cuja sensibilidade, tôda feita de sutis nuances de emoção e inteligência, foi brutalmente tocada pelo choque desse desaparecimento repentino. A ca a de Ipanema, tão enternecidamente evocada por tantos escritores pobres que aportaram ao Rio, nestes últimos quinze anos, como por todos aqueles que ali iam buscar uma palavra de compreensão e simpatia, hoje pode-se dizer que está deserta, muito embora pareça ainda que a qualquer momento vai apontar a morte de ontem, com os seus olhos imensos aumentados ainda pelo bistrê a sua franja inerte, a sua alta estatura exótica, o seu grande 'eito hierático e sobranceiro a tôdas as críticas, a inalterável e calada ironia daquela mulher que tanto se divertia dentro de si mesma, com a ilusão dos que julgavam estar-se divertindo à custa dos seus modos e das suas ideias.

GILBERTO FREYRE E A UNESCO

A convite da UNESCO seguiu a semana passada para Paris o célebre brasileiro Gilberto Freyre, a fim de tomar parte numa conferência especial organizada por aquela entidade, para discutir assuntos sociais ligados às influências que, através da vida do homem, o preletem à compreensão do universo sem fronteiras, por um lado, e ao nacionalismo agressivo, por outro. Trata-se duma honrar a excecional prestada ao autor de "Casa Grande & Senzala", pois a conferência reunirá algumas sumidades da sociologia universal, catedráticos eminentes de famosas universidades de Londres, Oxford, Cambridge, Genebra, Washington, Oslo e Paris.

OS AMIGOS DO BRASIL

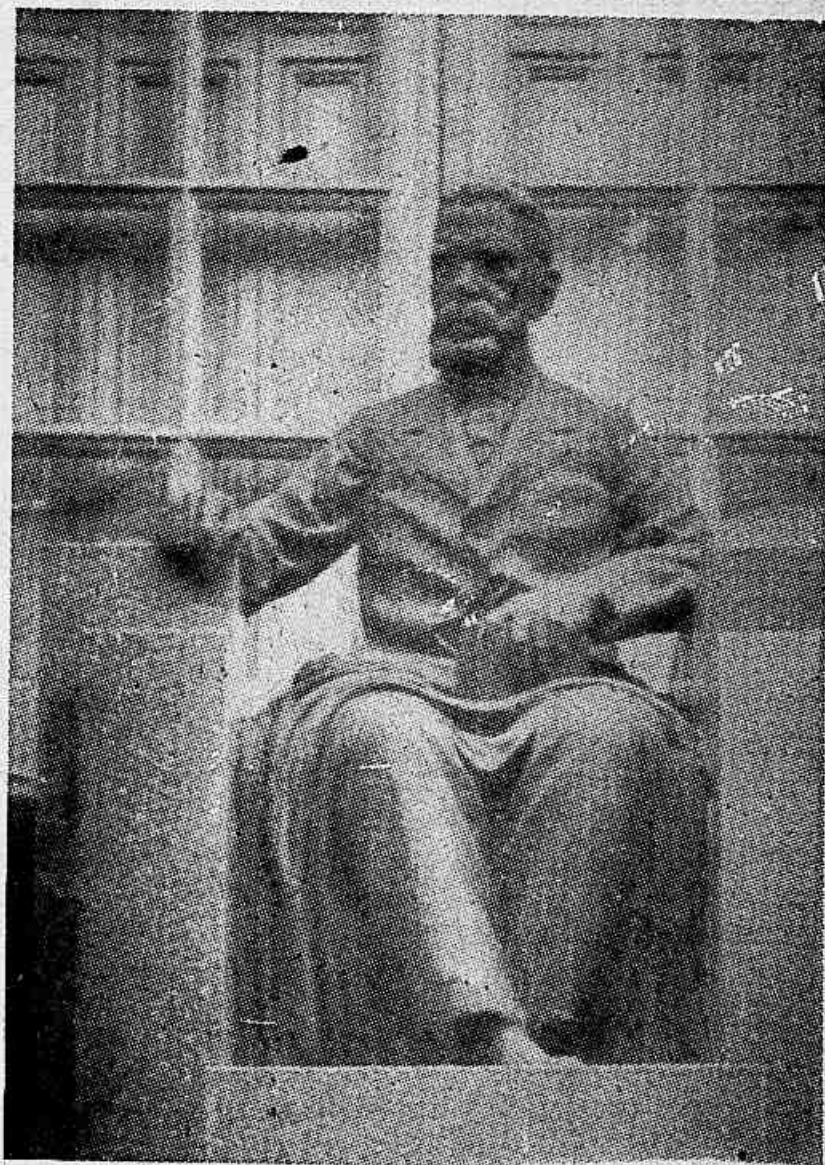
Um dos capítulos mais comovidos da solidariedade intelectual que têm tido os nossos escritores, tão desafiados de qualquer vanidade "nacional" por sua união, é a desinteressada e persistente simpatia que certos escritores estrangeiros, uma vez por outra, de ontram pelas letras brasileiras, não somente divulgando-as em cuidadosa tradução, como através de crítica e contínuas referências. Assim aconteceu, por exemplo, com o malogrado Benjamin de Garay, que há dez anos o deixou a iniciar em Paris, por intermédio da Editorial Claridad, a publicação duma série de romances brasileiros, constando da tradução de "Pei nem", de Coelho Neto; "Amarônia misteriosa", de Gastão Cruls; "Morro do Salgueiro", de Lucio Cardoso; "Caimpos", de Herman Lima e da qual constava ainda a programação de lançamento de "Bugrinha" ("Chinita"), de Afrânio Peixoto; "Navios Iluminados", de Famulfo Prata; "O Quinze" ("Sed"), de Rachel de Queiroz e "Mar morto", de Jorge Amado. O mesmo se deu na França, por vários anos, com Manuel Gálvez e Jean Durau, incansáveis na sua admirável dedicação aos nossos contistas e romancistas, e é o que acnt ce na atualidade com Mr. Samuel Putnam, o heróico tradutor de "Os Serões" que se sabe ter sido, sem exagero, verdadeiro sucesso de literatura nos Estados Unidos, há dois anos passados. Além do lançamento daquele livro, cuja tradução deve ter custado um esforço com qualquer coisa de homérico por parte do seu autor, nosso excelente vizinho da América do Norte a quem se deve também a tradução de "Casa Grande & Senzala", acaba de conquistar a "institucionalização" dos títulos devidos pela nossa gratidão, com a publicação de "Marvelous Journey. Four centuries of Brazilian Literature", do qual dir. Virginia Moog, atualmente em New York, em correspondência para um dos nossos suplementos: "Ah! o prazer de saber que também Mr. Samuel Putnam, o biógrafo de Fabelais, o autor de "European Caravan" e "Paris era nossa amante", um dos mais sábios comentadores da literatura universal, concorda em que Machado de Assis é um dos maiores escritores de todos os tempos, "one of the great writer of all times"; que "Os Serões" é o equivalente trônico da "Odisséia", e que Cruz e Souza, o nosso já meio esquecido Cruz e Souza, é um dos mais singulares e fascinantes poetas de qualquer tempo ou qualquer idade, "one of the most unusual and fascinating poets that ever wrote in any country in any age". Ninguém vá pensar, entretanto, que se trata de um livro de propaganda. Trata-se aqui de mais, de muito mais, é um livro sério, talvez o livro mais sério já escrito por um estrangeiro sobre a cultura brasileira. O que é muito nosso, entretanto, é que esses dois sintetizados amigos do Brasil, ao contrário de quanto político ou simples medalhã social que nossa nação se terra, papa-banquetes e olheiro de festejos laudatórios, não recebem na mór parte dos casos, a homenagem sequer duma nota de imprensa, um simples registro do



Euclydes da Cunha, no retrato por assim dizer oficial.

EUCLYDES DA CUNHA E NOSSO VEZO DE "FALAR DIFÍCIL"

No seu discurso de recepção na Academia um dos mais belos ali proferidos em ocasiões semelhantes, Afrânio Peixoto teve ocasião de fazer o elogio de Euclydes da Cunha, com a palavra de espírito que lhe era tão própria, acentuando, porém, certa particularidade do seu estilo que repete a a cultura do "mau gosto nacional, espécie de gongorismo retardado, que o novo chama, afortunadamente, "falar difícil". Não renegava Euclydes o seu povo — diz Afrânio. — Tama a nota, nos prnhos da canção de palavras estranhas que ouvia, ornava com elas frases refulgentes, e talvez buscasse assuntos heróicos ou sinistros para as enxer ar. Os seus cadernos íntimos denunciavam esse hábito. Um dia, em São Paulo, na porta da livraria Carraux, conversava com amigos. Achei-me um homem humilde, que se pôs a contar fábulas sertanejas. Era por uma trovada passadeira de verão... "de repente, o céu "e camou"... O matuto a nã não arabara e já Euclydes não estava... o verbo se fôra gravar numa página... a "e ta talvez para ele... Bem pouco importante, havel de convir, doutrinas e idéas, imagens e frases... quando há um céu "escampo" e admiração para se extasiar nele."



Estátua de Machado de Assis, por Humberto Cozzo, na frente do Petit Trianon.

nosso mais devido reconhecimento — haja vista a morte de Benjamin de Garay, inteiramente despercebida até do nosso meio literário.

OS PRÊMIOS DA ACADEMIA BRASILEIRA DO ANO PASSADO

Em sua última sessão, a Academia aprovou os pareceres relativos aos livros premiados nos seus concursos de 1947, aos quais, como se sabe, vem concorrendo alguns dos nomes de maior relevo entre os nossos poetas e prosadores da velha guarda ou modernistas, não importa.

Os prêmios que foram entregues na sessão so'ene do dia 29 de junho último couderam às seguintes obras: Prêmio José Veríssimo (ensaio e cruição) — "A Geografia da Fome", de Josué de Castro.

Prêmio Afonso Arinos (contos e novelas) — "Uma chama ao vento" e "Doze histórias curtas", respectivamente de Braga Montenegro e Xavier Placer.

Prêmio Machado de Assis (Pelo conjunto de obra) — Premiada a obra do Pe. Leonel Franca.

Prêmio Joaquim Nabuco (Memórias políticas, História) — "O Rio de Janeiro Imperial", de Adolfo Morales de los Rios.

Prêmio Olavo Bilac (poesias) — "Antonio Triste", de Paulo Bonfim.

Prêmio João Ribeiro (Filologia, Etnologia e Folclore) — "O nosso Vocabulário" do Sr. A. Tenório de Albuquerque.

A situação atual do livro brasileiro continua no ordem do dia, nos círculos onde o futebol ou o "pi-fa" não excluem outra qualquer cogitação.

Em primeiro lugar, alega-se que ninguém mais compra livros, devido ao seu preço exorbitante. Efetivamente, não se vê um romance, uma biografia, um livro de ensaio ou de crônicas, de menos de trinta cruzeiros. Mesmo os famosos "best sellers" americanos, traduzidos em geral para lançamento simultâneo com os filmes do mesmo título, não podem ser comprados por preço inferior. Assim, o argumento, à primeira vista, seria de preço, mas, se observarmos melhor, veremos que não é de preço unicamente que se trata.

Sabe-se que, há vinte anos, o custo habitual dum volume de ficção, numa media de trezentas páginas, não ia além de cinco mil réis. Mas, é preciso não esquecer que com cinco mil réis se podia também almorçar e jantar em qualquer desses restaurantes do Rio que hoje cobram por um bife, dozeito e vinte cruzeiros e que cento e tantos cruzeiros custa hoje uma entrada de futebol em dia de Fla-Flu. (isso me dizem, porque nunca pus meus pés num estádio carioca). O preço do livro, portanto, não cresceu isolado.

O que é evidente e certo e doloroso de verificar é que ninguém quer ler mais. Falo do que acontece principalmente no Rio, porque o grosso do mercado de livros no Brasil sempre esteve aqui e em S. Paulo.

No Rio Grande do Sul, na Bahia, no Ceará, em Pernambuco, em Minas, sempre se leu até muito, mas é natural que em proporção ínfima, comparado com o Rio.

Lembro-me bem que à primeira vez que vim ao Rio, em 1926, o que mais me chamou a atenção foi que não via uma mocinha, calceirinha do Parc Royal ou da Notre Dame de Paris, cu simples menina da família, saía a passeio, à espera do bonde, que não estivesse com o seu livro aberto diante dos olhos, não sendo mesmo raro bratar-se dum volume das famosas edições de capa amarela dos "vient de paraitre" das montras do Paris. Isso, naturalmente, sem intuito de pôse, sem sofisticação, porque ler era então um prazer que só se dividia com uma sessão de cinema semanal, no tempo em que as mocinhas não eram taxativamente funcionárias, correndo para pegar o relógio do ponto, ou garotas de Copacabana,

O LIVRO BRASILEIRO ESSE ETERNO ENJEITADO

mente, para o seu banimento que os romances caros, tirados de filmes de sucesso, ainda são dos poucos a ter aceitação por parte dum público certo, muito embora a maioria dos seus leitores não saiba distinguir os que nasceram dos argumentos dos filmes daquele que o mundo sagrou há mais de século, como obras primas da literatura, achando que esse moço Flaubert (que alguns pronunciam Flaubert) ou esse tal de Dickens não são nada melhores do que Fannie Hurst ou James Hilton. Do mesmo modo são de curso garantido os volumes de ensaio, as biografias, os estudos de sociologia, mas isso é natural "et non cause" — trata-se duma classe de leitores específicos.

Além da praga das revistas que andam em tôdas as mãos e que sem exagero poderiam chamar-se revistas para anafabros, não tanto da ler cu não ter o que vem saindo naquela fumacinha branca da boca do herói das mais inverossímeis façanhas, existe o praga máxima, o mal sagrado, a epilepsia das rádio-novelas. Aqui, então, creio que damos com o inimigo número um do livro brasileiro, pois de fato nada há que esperar duma rádio-novela que se ouça durante horas semu das

das tábua do rádio, o coração batendo, o ar distante e os olhos como fontes, só porque uma donzela histé-

ta anos de atraso, está do outro lado do microfone se esbaldando numa eterna prantina ou porque um clãido, perfeitamente normal aqui fora sofre o fadário do vo-ciferar tôdas as horas, como um Barba Azul para tortura "ão sete esposas, mas milhões dessas martíres simbólicas mas nem por isso de menos carne e menos osso. O rádio cuvinde de novelas é assim uma criatura de destino traçado, como o dos cometas, imutável contra tôda e qualquer velocidade de leitura, sempre a ouvir vozes, como os espíritos, alheios ao senso da realidade e a outros sentidos.

Outros males há que lembrar ainda, certo, porque, como as do Egito as pragas do livro brasileiro não são a menos de sete. Mas, por hoje basta, veremos depois o que corre, no caso, por culpa do próprio livro. — H. L.

ocupados em medir o seu mundo pelo alcance do raio dos seus óculos Rayban.

Tanto não é o preço do livro que influe, exclusiva-

LIVROS

Entre os autores de canções do tipo popular, é quase regra geral a colaboração. Por via de regra também, um dos parceiros faz a letra e o outro a música. E não raro nem um nem outro sabem música, pelo que se valem do sistema de pedir a um compositor de verdade a melodia que um daqueles tirou ou ambos tiraram, de ouvido, quer do piano quer do violão.

Por isso mesmo, não tem sido poucas as brigas entre as duas e as três partes interessadas, cada uma das quais afirma ser a sua contribuição a mais importante, se não a única valiosa. E ainda em alguns casos aparece um quarto litigante que assegura ter sido plagiado no "poema" ou na "partitura" e assim apela para a Sociedade de Autores e faz um barulho dos demônios. Tratando-se de poesia e canto, nada mais natural do que tudo acabar em harmonia. Nem por isso as disputas, que, às vezes, chegam aos insultos mais violentos e já uma vez, pelo menos, foram às vias de fato, deixam de ser lamentáveis.

O sr. Dorival Caymmi está bem ao abrigo de tais desgostos. São suas as palavras, a toada também; e, em último caso, dispensaria o intérprete, porque é próprio de dilha o violão e sabe cantar como poucos. Torna-se, portanto, completo o seu bom êxito. Quem o lê, quem o toca, quem o ouve, toda a gente o admira e lhe proclama a superioridade. E algumas obras suas, como *Acontece que eu sou baiano*, *O que é que a baiana tem*, dominam certa época; originaram ditos em voga; inspiraram números de revista, paródias, caricaturas; atingiram, enfim, a mais ampla consagração.

Aqui estão agora, com as músicas respectivas, as famosas canções que são em número de sessenta. O livro, em bela edição da Livraria Martins, traz um prefácio do sr. Jorge Amado e desenhos do sr. Clóvis Graciano.

CANCIONEIRO DA BAHIA

Versos e música de DORIVAL CAYMMI

Livraria Martins Editora — São Paulo 1948

Nestas páginas, que evidentemente começaram por ser artigos de jornal ou revista, sobretudo o sr. Valfrido Piloto se ocupa de coisas de arte. Vamos encontrando por aqui afora Martins Pontes e outros poetas; Alfredo Anderson e outros pintores, estudados e comentados por quem, bem entendendo a arte, bem a estima. Também aparecem políticos, governantes, militares, outros personagens notórios, mas em geral, relacionados com alguma publicação de livro, medida ou projeto de natureza cultural, campanha em favor de escolas, museus, associações intelectuais e educadoras. Em contraposição, vemos o cronista, o crítico, a propósito de livros de versos, quadros ou estátuas, atacar as questões de doutrina ou corrente partidária e entrar, éle próprio, com ardor e violência, na política. Assim, louvando um volume de poesias, exaltada, arrebatadamente se insurge contra aquilo em que vê as ignomínias e misérias de uma situação intolerável:

"...O abastardamento moral dos nossos homens públicos, escorre, num contágio alarmante, até aos mais afastados esconinhos da vida nacional. O povo espera medidas drásticas de regeneração e, ao contrário, vai somando, dia a dia, mais amudadas provas de despudor e tortuosidade. Os exemplos vêm do alto e a imensa mare dos aproveitadores tudo engolfa, imperturbável e venturosa"...

Mas, segundo o Poeta e o seu comentador, tudo, um dia, se há de elevar e harmonizar à face da Terra. E também, naturalmente, ao nosso redor, tudo melhorará. Quanto aos livros do sr. Valfrido Piloto, não precisam forçosamente de melhores. Na bitola a que já chegaram, estão bem.

sílabas do segundo verso, que tem sete, ao passo que o primeiro e o terceiro contam cinco cada um. Dessa virtuosidade resultaram quarenta pequeninas peças de poesia, das quais a seguir reproduzimos cinco, respectivamente intituladas *Outubro*, *O boêmio*, *Festa móvel*, *Romance* e *O haikai*:

Cessou o aguaceiro.
Há bolhas novas nas folhas
do velho salgueiro.

Cigarro apagado
no canto da boca, enquanto
passa o seu passado.

Nós dois? — Não me lembro.
Quando era que a primavera
caía em setembro?

E cruzam-se as linhas
no fino tear do destino.
Tuas mãos nas minhas.

Lava, escorre, agita
a areia. E enfim, na batela
fica uma pepita.

A quarta parte do volume intitula-se *Camoniana*. Não são versos do molde heróico dos *Lusíadas*, mas sonetos, sonetos de amor, sentidos e trabalhados como na alma e pela mão de um poeta daquele tempo. Já algumas vezes, em traduções do francês ou imitando os trovadores portugueses, o sr. Guilherme de Almeida remontara às formas de uma época longínqua, que tanto se fazem admirar e que tão poucos rimadores conseguem com bom êxito imitar. O autor da *Poesia Vária* dá verdadeiramente às suas reconstituições o sabor, o aroma, o ar original.

Na última parte do livro vem o *Cancioneirinho*, outra série de joias à antiga, cada qual mais característica e preciosa.

POESIA VÁRIA

Versos de GUILHERME DE ALMEIDA

Livraria Martins Editora — São Paulo 1948

Versos variados, variadíssimos e todos da mais fina qualidade. O sr. Guilherme de Almeida, poeta de nobre inspiração e artista dos mais esmerados, considera-se no direito de fazer dos metros e das rimas o que bem lhe aprouver. E tem razão. Não há mais destro, mais sutil virtuoso. E como de Beethoven se diz, na peça magnífica de René

Fauchoux, que, por seu arbítrio e inovação, as quintas passaram a ser harmoniosas, assim a respeito do sr. Guilherme de Almeida se poderá imaginar que, dando-lhe na fantasia fazer versos errados, os versos acabariam ficando certos. Dois casos de capricho e singularidade, vitoriosos ambos, o presente livro oferece: uma série de versos avulsos, isolados feitos a "uma casa na colina", e onze, entre decassílabos e alexandrinos: *As chaves de ouro*, para servirem de fecho a "sonetos que não foram escritos". Vejamos alguns dos primeiros versos:

A casa na colina é clara e nova
A estrada sobe, para, olha um momento e desce
Na luz feita de cal e telhas frescas
Dos ibiscos da cerca às rosas do telhado...

Outros tantos versos das *Chaves de ouro*, os quais tão ditosamente rematariam, e de certo um dia hão de rematar, os catorze de tipo clássico:

"Paraíso perdido que eu achei
Tua essência que é tudo em meu todo que é nada.
Quanto mais juntos tanto mais sôzinhos
Alternativamente a noite e o dia..."

Como Afrânio Peixoto, artista de todas as curiosidades e todas as realizações, quis o sr. Guilherme de Almeida adaptar o haikai à língua portuguesa. Modificou, porém, o modelo nipônico, como — antes ou depois dele, não podemos agora dizê-lo ao certo — fez o sr. Osório Dutra. Introduziu-lhe a condição rimada; e, num refinamento de técnica, como os antigos poetas cultivavam o duplo ou triplice arístico e a congarância "encadeada", foi pondo rimas nas

Profanações, por que? Se outrem desse aos presentes trabalhos tal classificação, de certo o autor estranharia, se revoltaria. Em verdade, éle se calunia a si mesmo. E somos nós que protestamos.

O sr. Valfrido Piloto não profana coisa alguma. Trata com dignidade, com evidente sinceridade, os seus assuntos, servindo-os da maneira que lhe parece a melhor. O seu estilo é veemente e inequívoco, o que justamente indica a espontaneidade da obra. Nas formas singulares de que, não raro, se serve, nessas mesmas há ausência de procura esforçada, do propósito, a todo transe, da originalidade. Há ou é como se houvesse. Quando a dificuldade não transpareça, devemos fazer de conta, acreditar, de fato, que nunca existiu. Causa reparo, por exemplo, a espécie de arbitrariedade com que o escritor divide as orações e os períodos, como se para isso não houvesse uma regra que os mestres consagraram. Põe às vezes, pontos finais onde a gramática indicaria ponto e vírgula ou simplesmente vírgula. Noutros lugares, subitamente lhe apraz mutilar a frase, como, por exemplo: "Forçoso, porém, deixemo-nos tomar... impossível será não chegue a humanidade"... Não se podem, porém, atribuir tais anomalias à ignorância nem ao descaso. Bem éle sabe como faria certo e bastante ainda, ordinariamente, da correção e elegância da linguagem. Emprega aquelas maneiras por uma variante repentina, uma exatidão do gosto, a qual aparece de onde em onde e por isso não chega a desagradar. Sofrerão as normas, porém, o capricho do prosador foi satisfeito; e os puristas, se não de todo intransigentes, lho hão de relevar.

Profanações

Crônicas e impressões de VALFRIDO PILOTO

Gráfica Condor — Curitiba 1948

RECEBEMOS:

Mais emigrantes — *Problema vital do Brasil*, opúsculo do sr. Euclides Goulart da Costa, contendo dois trabalhos seus quando cônsul de Portugal em São Paulo. Edição do Instituto Histórico da Ilha Terceira. Angra do Heroísmo, 1948.

Almas infantis, instruções e conselhos do sr. Danilo Pestrelo, relativos à educação das crianças. Edição do Serviço Nacional de Educação Sanitária. Rio de Janeiro, 1947.

O Instituto, revista científica e literária, volume 109.º, consagrado à memória de Eugénio de Castro, Coimbra, 1948.

Eça de Queiroz, acadêmico, opúsculo de Joaquim Leitão, da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras. Edição de Lello & Irmão. Porto, 1948.

Nas terras do café, história para crianças, ilustrada de Francisco Martins, 2.ª edição. Edições Melhoramentos. São Paulo, 1948.

Aventuras do Manduca e outras histórias da autoria do colecionador de dez anos Arcanjo Celso Pereira de Souza — Bauru, 1947.

A Cultura Castreja e sua interpretação sociológica, de autoria de Joaquim de Carvalho, da Academia das Ciências de Lisboa, e professor da Universidade de Coimbra.

A neutralidade integral da Suíça em face das organizações internacionais, opúsculo do embaixador J. F. de Barros Fimintel — Rio de Janeiro, 1948.

Esboço do papel desempenhado durante a revolução de 1894, pelo dr. Bernardino de Campos, tese apresentada ao 2.º Congresso de História da Revolução de 1894, por J. F. Leite Cordeiro — São Paulo, 1948.

A vida e as realizações do 1.º Bispo de São Paulo D. Bernardo Rodrigues Nogueira, conferência de J. P. Leite Cordeiro, São Paulo, 1948.

Revista de Portugal, dirigida por Alvaro Pinto, série A. — Lisboa Portuguesa — Lisboa, 1948.



EVELYN KEYES (Columbia)



Saber envelhecer é uma arte; uma arte que muita gente desconhece. E, é justamente por isso que vemos tantas senhoras ridículas que, ao invés de despertarem o respeito que mereciam pela idade, se tornam alvo de risos e chacota. Si o "espírito não envelhece", tal não se dá com a aparência física, devendo portanto o seu cuidado e a sua apresentação correrem paralelos com o tempo. Admitimos que uma senhora de fisionomia jovem ainda tinha os seus cabelos, desde que escolha uma tonalidade idêntica à que possuiu ou possuía. O que se torna, porém, profundamente ridículo, é uma cabeça onde se nota já o passar dos anos, com cabelos loiros, vermelhos, dourados, etc... A preferência que muita senhora idosa revela pelo "acaju", é uma demonstração da luta contra o tempo; mas uma luta desigual e sem inteligência da qual ela nunca poderá ser a vencedora.

Um sentimento misto de compaixão e ridículo é o que sentimos quando vemos passar diante de nós, uma senhora já dos seus cinquenta ou sessenta anos, pintada como uma corista, vestida como uma jovem de vinte anos e com trejeitos de garota de quinze anos.

E há tanta beleza e tanta dignidade na maturidade!

Pessoas há que sabem atravessar tôdas as fases da vida dentro de um padrão e de um nível adequados, sem que, nem uma só vez caiam no ridículo. Essas têm o senso exato das coisas; sabem se manter distintas e atraentes aos quinze ou aos cinquenta anos; suas maneiras, suas atitudes, es-

tão sempre dentro da sua própria fase; compreendem que certa exuberância de gestos, certos maneirismos, certos exageros na sua apresentação pessoal não se coadunariam com a sua idade; têm isso sempre presente em sua mente e procuram fugir a qualquer passo em falso que as levaria ao ridículo. São criaturas adoráveis e simpáticas que cativam com a sua distinção. Si existisse um pouco mais de honestidade pessoal; si cada pessoa aprendesse desde cedo a cultivar a "auto-crítica" e si nos convencêssemos de que apenas podemos cooperar com o tempo e nunca vencê-lo; muitos espetáculos tristes e ridículos seriam evitados e a velhice seria sempre respeitada como o deveria ser.

O mal de muitas mulheres é encarar a velhice como a um fantasma e daí fazerem tudo para espantá-lo. O que conseguem, no entanto, é espantar a sua própria distinção e dignidade.

...ES FEMININOS



1 — Elegantíssimo modelo para cocktail, em faille marron, com original efeito de plissé dos lados da saia, saindo por debaixo da aba em godets. Criação de Jacques Heim, Paris



2 — "Soirée" poderá ser o nome deste magnífico vestido de jantar, em cetim preto, com saia plissada todo à volta. Criação de Robert Piguet. Um colar de pérolas completa o modelo



3 — Gracioso vestido de noiva, em faille branca, com "plissé-soleil" nascendo no corpinho e morrendo na saia, na altura do joelho. Mangas "kimono". Debrum na bainha da saia e touca de raposa branca; véu três-quartos de tulle branco



4 — "Frivole" é o nome deste modelo que, como o anterior, é uma criação de Lucien Lelong, em faille negra, com saia plissada, cinto drapeado e amarrado com grande laço nas costas; corpinho abotoado na frente, com decote "bateau"

JACQUES HEIM

ROBERT PIGUET





LUCIEN LELONG



LUCIEN LELONG

Efeitos de Plissé

CRÔNICA DE MODAS DE OLGA OBRY

MODELOS DE ROBERT PIGUET, LUCIEN LELONG e JACQUES HEIM

O "plissé-soleil", o "plissé-accordéon", o plissé miúdo e o plissé largo — todos os tipos de plissé — lograram novos triunfos com a volta da saia ampla e comprida. Além das saias plissadas, toda à volta, vemos panos de plissé incrustados entre panos caindo em "godets" lisos. Uma novidade é o plissé abrindo para baixo, acabando em "godets", sendo a parte inferior da saia passada a ferro. Tanto os modelos esporte quanto os vestidos "habillé" e até mesmo as toilettes de gala adornam-se com efeitos de plissé. Este enfeite combina com todos os compri-

mentos do vestido, desde o do dia até o de noite, passando por todas as variações da moda atual e harmonizando sobretudo com aquêlê, usado para "cocktail" ou chá dançante, que deixa ver apenas o tornozelo. Entre as fazendas rígidas, ora em voga, o cetim e o faille prestam-se muito bem a serem trabalhados em plissé, principalmente nas côres preta e branca. A suntuosidade do tecido está em contraste lisonjeiro com a sobriedade geométrica do plissé. A saia plissada, toda à volta, pode combinar com corpinhos de decote profundo ou largo, sem

mangas ou com mangas curtas, três quartos ou compridas, de feitiço chemisier ou fantasia. As vêzes o efeito de plissé continua no próprio corpinho, modelando o busto, como vemos no vestido de noiva de Lucien Lelong, estampado aqui acima. Original também, no modelo de Jacques Heim, o pano plissado saindo debaixo da aba em "godets" e acabando igualmente em "godets" na beira passada a ferro. O plissé é de todas as idades: gracioso fica tanto em vestidos de mocinha quanto em toilettes de senhora.



PARA A HORA DO CHÁ

DOIS elegantíssimos modelos para a hora do chá; duas moderníssimas sugestões de Jean Dessès e Christian Dior. O primeiro nos dá um modelo em cetim rosa com "pois" retos, a saia "apanhada" de um lado, deixando ver outra saia, em tafetá preto, toda

plissada. Grande decote guarnecido também de tafetá preto. O segundo nos apresenta um modelo em pesado crepe cinza claro, a saia com um grupo de pregas atrás abrindo em amplo "godet" para baixo. Mangas "kimono".

A "SOBRE-SAIA" — Já se usou muito e está novamente em moda, como vemos nestas duas criações; uma de Jean Farel e outra de Pierre Balmain. Na primeira, uma saia de tafetá plissada, contrasta com o preto do vestido; na segunda, o tecido quadriculado aparece não somente sob a saia como também sob a manga de um vestido de lã azul-marinho. DE SCHIAPARELLI é este conjunto para inverno composto de saia de lã listrada cinza e branco e casaco curto cinza. A saia é "godet", caindo as listras envezadas.

DOIS MODELOS





RETRATOS IMPERIAIS...

Escrevendo do Rio de Janeiro à sua tia, Dona Luíza Amélia, grã-duquesa da Toscana, D. Leopoldina, nossa primeira imperatriz, resolveu enviar-lhe os retratos de suas filhas. Já em abril de 1822, ela dizia, nessa carta: "Preciso fazer o sacrifício de ficar na América, e por mais que me custe, estou resignada a me separar para sempre dos meus amigos europeus, para me dedicar ao repouso e à felicidade de minha nova família". Quanto aos retratos, diz: "Ousarei enviar-lhe na primeira ocasião por pessoa de confiança os retratos de minhas duas filhas, em miniatura, dentro de uma carteira. Embora muito parecidos, são muito mal pintados. Mas é preciso desculpar-se, considerando que no Brasil todas as artes ainda estão no princípio..."

★

POMPADOURS E MAINTENONS...

De uma carta da imperatriz Leopoldina a seu compatriota Schaffer, lastimando as loucuras do "marido e os desmandos do governo imperial: "Aqui, infelizmente, anda tudo transtornado, pois, sinceramente falando, mulheres indignas fazendo de Pompadours e Maintenons, — e pior ainda, porque não têm nenhuma educação, — e ministros de toda a Europa e da Santa Ignorância venal, governando tudo... e os outros têm que silenciar, restando-lhes apenas o grande isolamento e o desejo, cada vez maior, de se saberem livres e em tranquilidade". (Datada de 8 de outubro de 1826, em época de pleno fastígio da Marquesa de Santos e a três meses, apenas, de sua morte).

★

UMA AUTORA JULGA UM AUTOR

"Admiro a tenacidade de George Bernard Shaw como crítico. Todavia é estranho sentir quanto G. B. S. é pouco inspirado. Não existe o mais leve indicio de inspiração nesse homem. Isso me deixa gelada. E' conhecida a sensação de plenitude que nos dá um grande escritor: "Sentimos o espírito alimentado, refrescado, renovado". E' completamente impossível sentir qualquer coisa semelhante lendo Shaw. Quando se acabou, ouve-se bater a porta e é esse som o que perdura no nosso ouvido. Repito: Shaw pode ser o que quiserem, mas não é um artista. Quando lê suas peças não ficam com a impressão de serem extraordinariamente insípidas? Podem divertir-nos muitíssimo, aqui e além, mas rimos sempre das personagens e nunca com elas. Com os ensaios de Shaw acontece outro tanto. Podemos partilhar a opinião dele quantas vezes quisermos; tratar-se-á sempre de uma pessoa que escreveu contra nós e nunca conosco. E' impossível negar que Shaw é uma espécie de porteiro da literatura, muito bem instalado por detrás dos vidros do seu cubículo. Vê tudo, examina todas as cartas que chegam, "limpa a escada", mas sem tomar parte ativa na vida que o cerca..." (De uma carta de Katherine Mansfield a seu marido, J. M. Murry, datada de 13 de dezembro de 1919.)

★

AH, OS HOMENS!

A viscondessa de Donnadieu, esposa do visconde e general Donnadieu, que caiu em desgraça no período consular por ter conspirado contra Napoleão Bonaparte, teve muitas aventuras galantes e um dia, muito velha, chamou uma servidora, um pouco menos idosa e testemunha dos seus últimos anos de vida mundana.

— Ouça uma coisa... A senhora de Breuilly afirma que eu conheci o conde de V...

— E' verdade, senhora viscondessa, — respondeu a fiel empregada.

— Ah, bem... reconheço que o conheci... Mas a senhora de Breuilly pretende fazer crer que ele foi meu amante...

— E' verdade, senhora viscondessa...

— Está certa disso?

— Mas claro! Ele foi o que surgiu depois daquele coronel e antes do marquês... E posso afirmar, ainda, que a senhora viscondessa era inteiramente louca por ele!

— Bem, chega... Já sei o que queria saber, — observou a velha aristocrata. E ajuntou, com um suspiro:

— Ah, os homens! Os homens... Como eles mudam de amores depressa!

★

OS DIAMANTES E O IMPERADOR.

A famosa atriz trágica francesa, Melle. Georges, foi amante de Napoleão III, — e não foi a única, — tendo recebido, no período mais caloroso das relações entre ambos, um rico presente do último imperador francês; seu próprio retrato, em miniatura, cercado de diamantes. Terminadas as relações entre ambos, o imperador encarregou o joalheiro imperial, Bapst, de reaver da atriz, sempre precisada de dinheiro, o documento comprometedor. Melle. Georges concordou, mas foi galantíssima com o antigo amante:

— Está bem, — disse. — O senhor me pagará doze mil francos pelos diamantes e vinte e cinco mil pelo retrato de Sua Majestade...

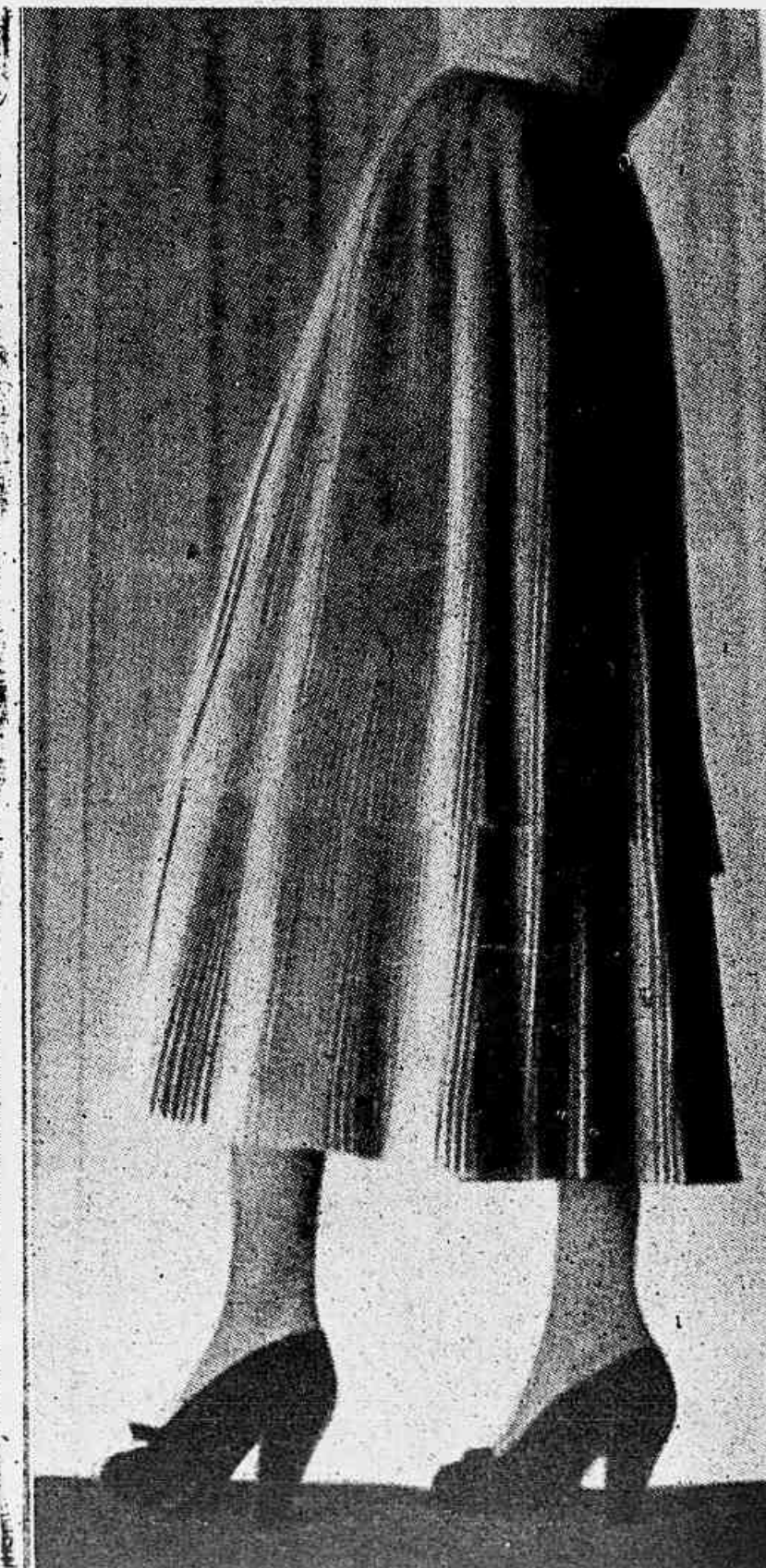
(Seleção de L. B., especialmente para REVISTA DA SEMANA).



SAIAS PLISSADAS

O plissé voltou a viver a sua grande época. Vestidos de passeio, vestidos esportivos ou vestidos de soirée, apresentam belíssimas saias plissadas. Aqui, nesta página, os mais famosos costureiros de Paris, confirmam a aceitação do plissé. À esquerda: Jeanne Lanvin apresenta um vestido em foulard cereja com "pois" ver-

des, saia em plissé soleil. À direita: uma saia de baixo, mantém bem armada esta saia de plissé soleil, num vestido de lã de Jeanne Lafaurie. À esquerda: de Balenciaga, vestido em lã bege, blusa "chemisier", saia plissada. À direita: de Jean Dessès, vestido em surah turquesa, saia dupla em plissé estreito.

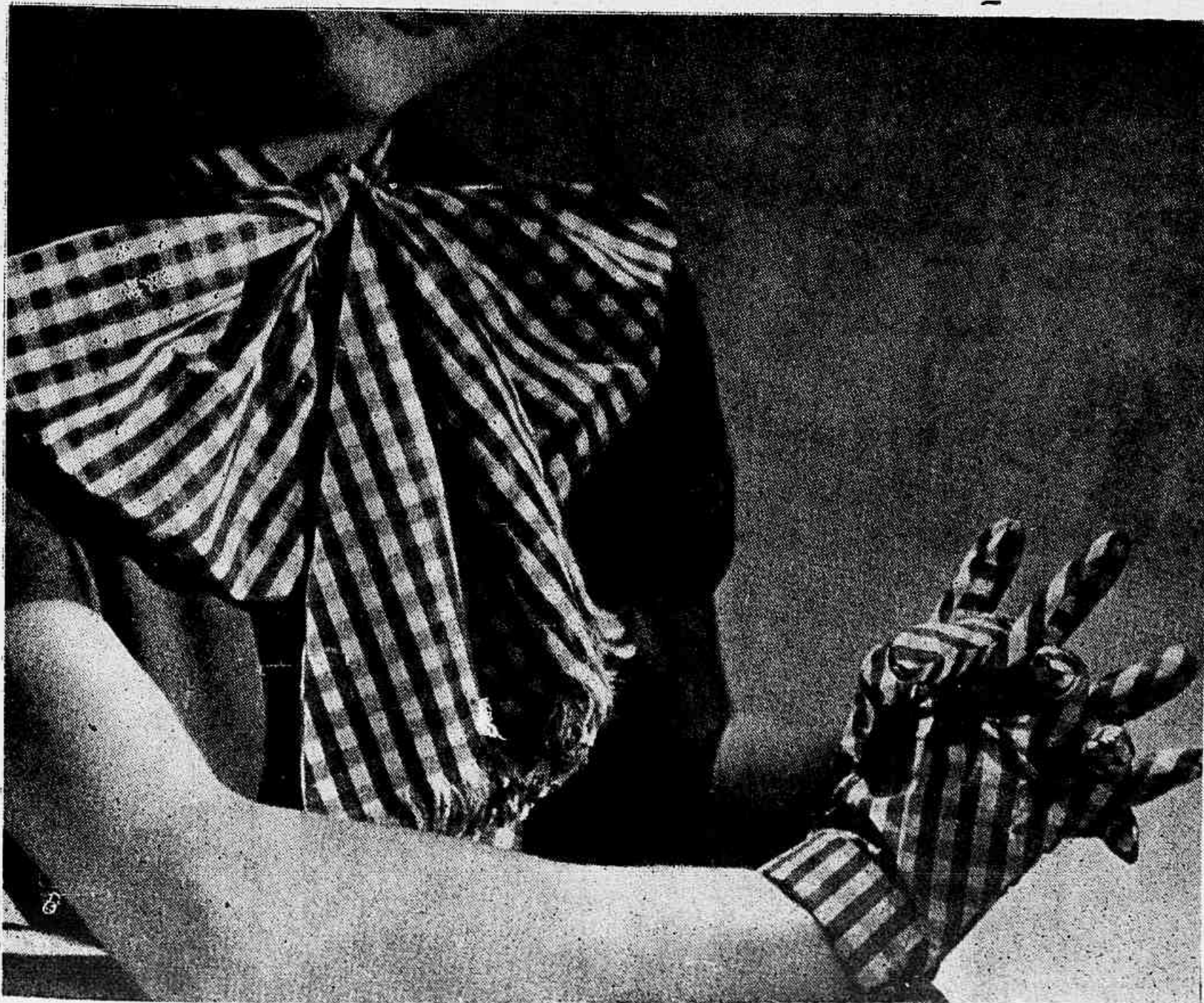




Detalhes em Tafetá

O tafetá é um tecido maravilhoso. Com ele obtem-se do mais simples detalhe ao mais suntuoso modelo para a noite. E, muitas vezes um "que" de elegância pode ser acrescentado a um vestido comum, quando entra nele um detalhe em tafetá, como, por exemplo, aqui o demonstramos: À esquerda: Um simples vestido preto adquirirá um aspecto mais "habillé" com estes detalhes em tafetá qua-

driculado em verde e branco. À direita: numa "toilette" para noite, em que o tafetá predomina contrastando com renda de seda preta. Em baixo: para o seu vestido marinho, uma "écharpe" em tafetá quadriculado vermelho e branco, dando grande laço na frente. Luvas do mesmo tecido.



Maria Jacintha, uma que sabe lutar



Maria Jacintha não é, apenas, a maior autora teatral brasileira. Isso de designação feminina, limita muito o âmbito das comparações. E ela é portadora de um talento que não admite o gênero mais ou menos depreciativo.

Teatro de tese, teatro de idéias, teatro de inquietação espiritual, suas peças têm sido valorizadas ainda mais pelas implicações da política. Descobriram que "O Gosto da Vida"

não estava de acordo com a Constituição de 37; isso era muito grave em 1938 e Maria Jacintha foi arrolada entre os adversários do Estado Novo. Foi uma luta. Fecunda e confortadora, porque a estreante sentiu, através da solidariedade de todos os intelectuais, que essa grande e aparentemente desunida família já a adotara definitivamente. A Academia Brasileira, premiando a peça em 1939, coroou o triunfo que não foi só dela, mas de toda a inteligência brasileira.

"Convite à Vida" também não teve uma estrada sem espinhos. Primeiro, disseram que era antinazista e que, sendo o Brasil um país neutro, não ficava bem permitir essas manifestações "políticas". Depois, quando entramos em guerra, acharam que se tratava de uma tese pacifista capaz de quebrantar o ânimo dos nossos pracinhas. Foi outra luta.

— Mas venci. E tive a alegria de vê-la no palco exatamente na semana em que os nossos expedicionários partiam para o seu árduo dever.

Outras peças: "Conflito", levada por Dulcina em 1939; "A Doutora Magda" representada por Iracema de Alencar em sua excursão pelo norte; "Já é manhã no Mar", o belíssimo drama que na temporada do Teatro de Arte, no Municipal sofreu galhardamente o confronto com "A Filha de Iório", de Dannunzio.

E, pois que falamos em Dannunzio, citemos outras traduções de Maria Jacintha: "O Anfitrião 38" de Giraudoux, "Nunca me deixarás", de Margaret Kennedy; "A ninfa de coração fiel", adaptação de Giraudoux; e todo o teatro de Tchekow a ser lançado pela Livraria do Globo.

Como diretora teve sua primeira experiência no Teatro do Estudante. Uma experiência vitoriosa, pois montou quatro peças — "Como quiseres", "3.200 metros de altitude", "Dias felizes" e "O Jesuíta" — e reprisou três: "Romeu e Julieta", "Os Romanescos" e "Leonor de Mendonça". Foi ela que "descobriu", nessa fase de suas atividades, dois grandes valores da arte cênica brasileira: Sandro Polônio e Oswaldo Mota.

Mas a grande obra, o fato marcante de sua carreira, foi a criação do Teatro de Arte do Rio de Janeiro, cuja temporada no Municipal em 1947 foi uma afirmação de que nada nos falta para a fixação do grande Teatro. Quer dizer, falta uma coisa só: maior compreensão por parte dos responsáveis pela cultura nacional. Maria Jacintha não se queixa; mas os amigos sabem que até hoje ela e Dulcina estão saldando os compromissos econômicos da bela aventura. Entretanto, não desanimou:

— Não está morta a nossa iniciativa. Estamos apenas tomando fôlego. A brasa está bem viva e logo se erguerá a nova labareda.

Não tem autores prediletos. Prefere eleger em cada um, as peças que mais se identifiquem com sua própria sensibilidade. "A Electra", de O'Neill, em primeiro plano; todo Giraudoux e "Nunca me deixarás", de Margaret Kennedy que lhe parece a própria essência da ternura humana.

Além do teatro, adora o "ballet". E a música, a grande música, a doce música. É professora de francês no Instituto de Educação de Niterói. Aliás, é fluminense da gema, da terra de Euclides da Cunha. E Cantagalo tem nela outro motivo de orgulho.

SARAH MARQUES



BILHETE PARA J. CORREIA LIMA — PARANÁ

Seu caso envolve problemas tão complicados que será melhor dividi-lo em três partes. Na primeira parte falaremos da sua saúde e da sua possibilidade de conquistar uma posição. Na segunda, do seu possível casamento. E, na terceira, da sua situação com a Maria.

Quanto à vontade que você tem de obter emprego, nossa opinião é a seguinte. Se, de fato, você possui meios que lhe garantam a subsistência, não trabalhe. Deixe os empregos para outros mais necessitados, e economize, assim, a sua própria saúde, que é tão delicada. Em casa você poderá trabalhar em alguma coisa que não o fatigue muito, bem como poderá ampliar seus estudos sem cansar a vista. Arranje uma pessoa que lhe faça leituras, desenvolva a sua cultura e depois descubra uma ocupação de que possa desincumbir-se sem grande esforço. Para ocupar seu tempo, trate, também, de se interessar por alguma obra de alcance social, pois nada melhor para as nossas próprias penas do que ajudar a curar as dos outros.

Sobre o seu casamento, francamente, achamos que seria pouco interessante, no seu caso, a não ser que o destino lhe ponha no caminho uma criatura privilegiada, de excepcional força moral, e que muito o estime. De outro modo, o casamento lhe viria trazer novas preocupações e responsabilidades que poderiam perturbar o seu estado de saúde, agravando-o. Se, de qualquer forma, o amigo desejar mesmo casar, case mas não tenha filhos. Nada mais triste do que ter filhos sem saúde, quando isso se dá por nossa deficiência física. Tenha, nesse ponto, a nobreza de não ser egoísta e de sacrificar, em benefício da espécie, a alegria de ser pai.

Não entendemos perfeitamente a sua história com Maria, talvez o acanhamento o tenha impedido de escrever com maior franqueza. Temos a impressão, no entanto, de que se trata de uma solução, para o momento, muito boa. Afim de conseguir retê-la, o melhor seria mostrar-lhe que um rapaz em suas condições de preferência não deve casar (o que é verdade), e que ela seria muito bondosa se continuasse com você a amizade sentimental que os une. Ela aceitará, muito provavelmente, já que nos deu a impressão de que o quer muito bem.

Em linhas gerais, quanto ao seu caso, achamos que você deve viver mais des preocupadamente, sem fazer grandes e difíceis planos. Aproveite da vida o que ela lhe puder oferecer no momento, pois quem já passou pela série de dissabores de que você foi vítima, tem o direito de ser menos severo consigo próprio. Como diz o poeta Manuel Bandeira, procure "tomar alegria". E' disso que você está precisando.

CONFIDENTE

★

CORRESPONDENCIA

As pessoas que nos desejarem fazer consultas, poderão escrever-nos para "Muro das Lamentações", aos cuidados da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape, 15, Rio.



"Tailleur" em lã bege, casaco com cintura marcada. Saia em plissé soleil



INVERNO

Para a nova estação, Paris apresenta os seus últimos modelos. Novos detalhes são acrescentados sem que se altere a "nova linha":



"Manteau" em lã azul, deixando aparecer uma saia de listras vermelhas e brancas

★

Com uma saia de lã escocesa, jaqueta de lã azul marinho com grandes bolsos arredondados



DIVERTIMENTOS INFANTIS

Muito pouco se tem feito nesta cidade para a diversão da criança. Se pensarmos que o jogo e o brinquedo são o apanágio da infância, vemos que há algo de errado em se concentrar tôdas as distrações para os adultos e destinar um mínimo lastimável para a criança carioca.

E' verdade que dispomos de alguns circos, mas estes, ocasionalmente se prestam como espetáculo para a petizada, porque circos como marionetes são exibições para qualquer idade.

Há pouco tempo abriu-se no Leme um cinema para crianças e outra casa d'este gênero inaugurou-se há poucos dias em Copacabana; ficaram d'este modo as crianças praianas dotadas de um pouco mais de diversão que as da zona norte; coisas da vida isto das regalias caírem mais para um lado que para outro. A Tijuca e o restante da zona norte ficam esperando a sua vez; e olhe que não seria um mau negócio inaugurar uma casa de espetáculos na praça Saens Pena, porque garotada não falta e o elemento humano está menos racionado na zona antiga da cidade que na granfina.

Que mais resta para folguedo da petizada? O teatro do Gibi, excelente, mas de atuação esporádica? Na realidade, convenhamos que é muito pouco e que são bem desprotegidas neste setor, como em outros mais, as crianças da nossa cidade; e isto ocorre no Rio de Janeiro, a metrópole maravilhosa, monotonamente decantada como turística e progressista. No resto do Brasil, que também é Brasil, então, nem é bom pensar.

Uma cidade que se preza do nome de civilizada, creio que teria a obrigação de construir tantos centros de diversões para a gurizada como para os marmanjos. E fazer a coisa bem feita; teatrinho no diminutivo, realmente, com mobiliário adequado e idem quanto aos programas; se começarmos por levar a criança ao teatro ela saberá valorizá-lo quando adulta; arte é treinamento dos sentidos; tudo que se vê pela primeira vez, estranha-se e nos leva a desconfiar das nossas sensações; somente personalidades excepcionais podem apreender e compreender as impressões estéticas, quando virgens de qualquer cultura. Mas se desde cedo familiarizarmos a mente, os olhos e o ouvido infantil com expressões de arte de boa qualidade, esse indivíduo se tornará um entendedor como um "gourmand" se especializa no paladar.

Campos de jogos às mancheias (eu preferiria dizer jardins, porque acho que elas não deveriam ser terrenos rasos e secos de vegetação, mas risonhamente arborizados; porém, por favor, não me ponham relvados imaculados com o antipático aviso de que não se pode neles pisar!) campos de jogos para que neles as crianças possam libertar os seus músculos nervosos da prisão dos apartamentos e das escolas e lançar nos ares os gritos que não podem dar na estreiteza das casas modernas e na rigidez dos recreios cheios de disciplina. Um campo para cada bairro e que neles entrem tôdas as crianças da rua.

Eu poderia ficar aqui enumerando mil coisas que se poderiam fazer para divertimento das crianças, mas como isto está no papel e na minha imaginação, não quero ser taxada de utópica e de cabeça na lua; mas a minha impressão é esta; a cidade pertence tanto aos adultos como a Lilliput e não há razão para que os menores sejam esquecidos pelos empresários de jogos e diversões. Se eu conhecesse algum de perto, eu lhe daria um bom conselho; e se fôsse da minha amizade diria, então, em segredo: "Corra e trate de fazer boas casas de espetáculos para as crianças; desta cidade; e fique certo de que a coisa vai dar lucro e bom lucro; faça, antes que "algum aventureiro lance mão da idéia".

E vocês pensam que não?...

ZOIA DE LAET



Com uma saia de lã preta franzida, casaco de veludo verde abotoado até em cima

"Tailleur" em jersey de lã bege, blusa de surah verde com "pois" vermelhos



SE você estabelecer o sistema de organizar um menu para toda uma semana, você chegará a um ponto de indiscutível perfeição em matéria de organização doméstica. O sistema é, realmente, muito prático e econômico; organiza-se o "menu", observando-se naturalmente as preferências da família e uma vez pronto, só serão comprados os mantimentos necessários à sua confecção. Isto evitará a deterioração de certos alimentos que não são aproveitados por falta de tempo ou por falta de idéia. Com um "menu" organizado e com as compras feitas unicamente para a confecção daquele "menu", você poupará trabalho e dinheiro. Para que você não tenha que oferecer todas as semanas os mesmos pratos, organize três ou quatro "menus" diferentes e os vá revezando.

★

COUVE-FLOR EMPANADA

Ingredientes: 1 couve-flor pequena, 100 grs. de banha, 100 grs. de farinha de rosca, 2 ovos, sal.

Preparação: Corta-se a couve flor em pedaços, corta-se e cozinha-se em água e sal, depois escorre-se. Em seguida passa-se cada pedaço em farinha de rosca, depois nos ovos batidos e novamente na farinha de rosca e frita-se na banha quente.

★

RIM DE CARNEIRO ASSADO NA GRELHA

Ingredientes: 1 rim, 100 grs. de toucinho, 100 grs. de banha, sal, pimenta.

Preparação: Toma-se o rim, mergulha-se n'água quente, a fim de se lhe retirar com facilidade a película que o cobre, e corta-se em todo o comprimento do lado que forma a curva, sem, entretanto, separar uma parte da outra. Feito isto, lardeia-se com tiras delgadas de toucinho, tempera-se com sal e pimenta, mergulha-se na banha bem quente e coloca-se primeiro sobre uma grelha em fogo vivo, por espaço de cinco minutos, expondo primeiro a parte côncava. Serve-se com farofa de manteiga.

★

SOPA DE ALHOS PORROS

Ingredientes: 10 alhos Pórros dos grandes; 2 alhos de tamanho médio, meio litro de caldo, sal, pimenta.

Preparação: Tratam-se os alhos Pórros, aproveitando-se somente a parte branca que deve ser cortada em filés miúdos no sentido do comprimento. Junta-se o caldo, tempera-se com sal e pimenta e leva-se ao fogo até reduzir à metade. Serve-se simples ou com pedacinhos de pão torrado.

★

CRÊME DE CHOCOLATE

Ingredientes: 400 grs. de açúcar, 1 litro de leite, 8 gêmas, 6 colheres, das de sopa, de chocolate em pó, 2 cálices de licor de cacau.

Preparação: Põem-se as gêmas numa caçarola, adiciona-se o açúcar e em seguida o leite já misturado com o chocolate. Mexe-se bem, leva-se ao fogo para cozinhar e quando estiver quase pronto junta-se o licor de cacau. Serve-se bem gelado.

★

LICOR DE JABOTICABAS

Ingredientes: 1 quilo de jaboticabas; 700 grs. de açúcar; 1 garrafa de álcool, 1 garrafa d'água.

Preparação: Esmagam-se as jaboticabas numa vasilha e depois põem-se num vidro de boca larga. Em seguida juntam-se-lhe o álcool, tampa-se o vidro e deixam-se ficar de infusão durante dez dias, mexendo-se diariamente. Findo esse tempo, acrescenta-se o açúcar e a água misturando tudo muito bem. No dia seguinte coa-se e filtra-se.



Em cima — Modêlo em lã marinho, decote arredondado, viés em jersey quadriculado, combinando com as luvas. Em baixo, à esquerda: modêlo em fina lã cinza claro, manga três-quartos, saia bem rodada. À direita — Com uma saia preta plissada, jaqueta em tom vivo. Notar o original feitio dos bolsos.



MODELOS VARIADOS

EM PRETO E BRANCO

MOLYNEUX apresenta encantadora sugestão em tafetá preto para a jaqueta e tafetá quadriculado para a saia. Gola e punhos também em tafetá quadriculado. É de Grés este modelo em jersey de seda preto todo franzido, com incrustações em tafetá preto e branco na blusa.



Por um avião quadrimotor da Pan American World Airways foram recentemente enviados para São Francisco da Califórnia, Estados Unidos, três exemplares de ipê pertencentes à famosa coleção do Jardim Botânico e que vão integrar, como representantes da flora brasileira, o Jardim Panamericano, há pouco fundado no Golden Gate Park.

Um avião "Constellation" da Panair do Brasil realizou recentemente a primeira viagem aérea entre o Rio e Madri, aonde chegou depois de uma viagem que durou precisamente trinta horas.

A Sociedade Transportes Sanches Ltda., com sede em Birigui, no Estado de S. Paulo, solicitou e obteve permissão do ministro da Aeronáutica para fazer o serviço de taxi-aéreo entre várias localidades daquele Estado.

Chegou há pouco ao Rio, pelo avião da Air France, a aviadora francesa Maryse Bastié. É a quarta vez que a notável aviadora visita o nosso país. A primeira foi em 1936, quando fez um voo de reconhecimento Dakar-Natal, como piloto do "Mer-moz"; a segunda, no mesmo ano, quando, a 30 de dezembro, levou a cabo o seu famoso "raid" da travessia do Atlântico Sul, voando sozinha, sem rádio, num monomotor, de Dakar a Natal, num tempo recorde de 11 horas e 50 minutos, e a terceira, em 1946, acompanhando uma missão aeronáutica francesa. Além da travessia do Atlântico Sul, Bastié bateu ainda vários recordes de permanência no ar e de voo em distância.

Foi inaugurado um serviço especial de transporte aéreo de cargas entre Londres e Johannesburg, que está sendo executado pela British Overseas Airways Corporation. Para esse fim, a referida empresa converteu 11 "Lancastrians", usados anteriormente só para o transporte de passageiros, em aviões de carga. Com a retirada das cadeiras, os aviões tiveram a capacidade aumentada para receber e transportar quatro toneladas de carga, num voo de mais de 6.850 milhas. Os aviões fazem escala em Trípoli, Cairo, Khartum, Nairobi e Salisbury.

O governo dos Estados Unidos aprovou um vasto projeto para cobrir todo o país com uma nova rede aérea em que aviões civis e militares possam voar em quantidades nunca imaginadas, em horários certos e sob quaisquer condições atmosféricas. A realização desse projeto, anunciado pelos secretários da Defesa, sr. Forrestal, e do Comércio, sr. Sawyer, levará 10 a 15 anos, muito embora seja considerado urgente para os transportes comerciais e militares, que hoje funcionam sob um sistema antiquado e controlado de tráfego sobrecarregado.

A Cruzeiro do Sul suprimiu as escalas que vinha fazendo nas cidades de Amapá e Oiapoque. De agora em diante, os aviões da Cruzeiro do Sul só irão até Macapá, regressando no mesmo dia a Belém.

O diretor da Aeronáutica Civil do Brasil aplicou a multa de Cr\$ 3.000,00 ao piloto Renato Pacheco Pedrosa, por haver cometido três infrações, a saber: ter feito evoluções à baixa altura sobre o campo de Marte, pondo em risco as aeronaves que aterravam; ter pousado, no dia 10 de março último, no meio da pista do Aeroporto de Florianópolis, onde fez desembarcar dois passageiros, e ter decolado em seguida, não obstante ter recebido ordem para parar; e ter pousado nos dias 13 e 15 de novembro no Aeroporto de Cumbica, decolando contra determinação do fiscal do Departamento de Aeronáutica Civil e sem conduzir os documentos prescritos em lei.

Realizou-se no Palácio do Itamarati, recentemente, a cerimônia da assinatura do Acordo de Navegação Aérea entre o Brasil e a Argentina, pelos seus respectivos plenipotenciários: embaixador Raul Fernandes, ministro da Relações Exteriores do Brasil; tenente-brigadeiro Armando Trompowski, ministro da Aeronáutica; o embaixador Juan I. Cooke e o sr. Enrique Ferreyra, da Argentina.

O acordo incorpora os princípios gerais da "Convenção Internacional de Navegação Aérea", celebrada em Chicago em 1944, e regula e determina normas que asseguram uma perfeita e constante comunicação aérea entre o nosso país e a República Argentina.

Segundo divulgou a revista de aeronáutica americana "Flying", o novo avião-transporte soviético designado pelas iniciais "TU-70", em homenagem ao seu desenhista Amoreas N. Tupolev, é uma versão ligeiramente modificada da famosa "B-29" dos Estados Unidos. Diz a revista que os técnicos da Boeing Aircraft, que criaram a "B-29", conseguiram encontrar 20 pontos do novo "TU-70" iguais aos daquela.

(Noticiário compilado por E. de OLIVEIRA, especialmente para REVISTA DA SEMANA)

As cinzas

(Cont. na pág. 19)

ELA, os olhos baixos — Dezesete anos. ELE, de né, furioso — Mas, com quem, Santo Deus?

ELA — Com Morin... com teu amigo Morin, teu sócio... que compartilhou de nossa existência a vida toda...

ELE — ...E de quem, por cúmulo, fiz a fortuna! Morin!... Dezesete anos!... E' provável mesmo que, se ele não tivesse morrido, apesar dos teus cabelos brancos, isso ainda continuaria, hein?

ELA — Oh!

ELE — Por que não? pois durante dezesete anos vocês zombaram de mim, ao meu lado... em minha casa!... Não chego mesmo a compreender... Vocês nunca ficavam sós... Onde foi?... Como foi?...

ELA — Duas vezes por semana, à noite, presidias a "Obra das operárias arrependidas"; então nós estávamos seguros... em casa... de...

ELE — Sem contar com os banquetes mensais, não é?

ELA — nesses dias, íamos ao restaurante... e era uma festa!

ELE, exasperado — Debochada!... oh! debochada!... Quem pensaria isto de ti?... de ti, a quem amei, a quem me conservei fiel... porque tive esta ingenuidade de ser fiel, esta imbecilidade!... Cretino!

ELA — E' insensato ficares neste estado!... Se eu soubesse!... tu garantias que se pode contar-te tudo, e depois...

ELE, prosseguindo na sua idéia — Cada dia de minha vida eu considerava uma felicidade ter-te perto de mim, pensar que as tentações não tinham sobre ti nenhum poder, por causa de nosso afeto, de nosso amor... porque eu parecia ser tua religião, teu culto!... Que comédia infernal! E, ainda agora, se eu me sentia feliz na minha velhice, se tinha esta estúpida ilusão de tomar minha confiança por insensibilidade, era porque estava muito habituado às inconscientes alegrias que me vinham de ti, de nossa intimidade, da comparação com os que nos cercam, tão gastos pelas provações, da impossibilidade de conceber que tais desgostos pudessem atingir-nos e foi tudo isto que destruíste... esmagaste... sujaste... sem deixares uma pobre lembrança intacta... uma pobre quimera, para me consolar!... Oh! miserável! miser...

(Rola desmalado na poltrona).

ELA, desvalhada, correndo para ele — Então, vejamos, Eduardo!... Eduardo!... meu amigo!

(Espera alguns segundos numa louca ansiedade, não sabendo o que fazer, não querendo pedir socorro; depois, percebendo que pouco a pouco a respiração lhe volta, que ele entreabre os olhos, prodigaliza-lhe palavras afetuosas, carícias).

ELE, numa voz alquebrada, apenas perceptível — Como tu me fizeste mal!

ELA, à parte — Ah! experimentemos!... Quem sabe?... Isto dá resultado quando eles são mais novos. (Alto), Mas não é verdade... meu pobre e velho amigo... não é verdade!

ELE, retomando alento — Que é que não é verdade?... Que é?

ELA — Mas, que eu te tenha enganado.

ELE — Ora, deixa disso!... tu juraste!

ELA — Sim, eu fiz mal... fui bem castigada... me deste um susto tão grande!... Mas, tinhas o ar tão convencido, dizendo que poderias saber sem pestanejar as piores coisas a meu respeito, isto me irritou... me feriu!... Cedi à necessidade de me vingar um pouco... muito!... Fui muito longe!... Não sabia... peço-te perdão!

ELE, voltando a cabeça para ela — E' agora que estás mentindo?

ELA — Mas não, dou-te minha palavra, olha-me bem... lê nos meus olhos, como antigamente, quando querias saber alguma coisa... tu dizias que com estes olhos não se poderia mentir... Não seria envelhecendo que eu aprenderia!... Não é que não é mesmo verossímil o que te contei? Queres realmente imaginar que eu tenha amado aquele Morin que não tinha nenhuma de tuas qualidades de razão, de iniciativa... de inteligência profissional... que era uma espécie de artista... de aluado? Podes por acaso lembrar do menor fato que dê para apoiar

uma suspeita? Quando Morin morreu, nem sequer fui ao enterro dele! Vamos! uma invenção destas não pode permanecer... bem sabes que não foi a sério! (Vendo que ele a olha, já persuadido). Vamos, menino grande, que é preciso mimar como um bebê!... acredita por que tua boa mulher nunca deixou de te amar!

ELE, atraindo-a para si e lhe dando um beijo quase com paixão nos cabelos. — Sim, acredito em ti... quero acreditar!

ELA — E' uma estupidez maltratarmos um ao outro!... Aqui estou toda trêmula e tu ainda tão pálido!... Queres tomar alguma coisa?

ELE — Não, não, estou melhor, bem melhor... sinto a vida que volta. E' como depois dum perigo terrível... respiramos pouco a pouco... lentamente.

ELA — Se fôsse deitar-te na cama? descansar um pouco?

ELE — Agora, não... daqui a pouco!... Fica aí, aproxima-te... bem perto... quero sentir-te... falar-te... Dá-me tua mão.

ELA o faz descansar a cabeça no encosto da poltrona e lhe toma as duas mãos.

ELA — Estás bem?

ELE — Muito bem, sim.

ELA — Não estás mais pensando?

ELE — Estou pensando nos absurdos que te disse há pouco, depois do jantar. Nunca, mas nunca nos tornamos insensíveis.

ELA — Então, o estado filosófico, a indulgência final?...

ELE — Ah! sim, uma boa farsa!... A faculdade de sofrer só morre conosco. E depois, mesmo nos corpos mais gastos, até os últimos limites, há coisas que resistem de qualquer modo; o coração, ilusão...

ELA, docemente — E... a vaidade (Maternal) Vamos, chega, não falemos mais, acalma-te inteiramente. (Vendo-lhe o rosto contrair-se ligeiramente). Estás sentindo alguma coisa?

ELE — Sim... ainda um pouco; não há de ser nada... Vou dormir.

Depois de alguns minutos de silêncio, quando ele adormece, ela o contempla, um quase sorriso de maliciosa juventude desliza-lhe pelas rugas, depois, para si mesma.

— Decididamente, mesmo aos cem anos, mesmo no outro mundo, não se deve dizer!

A vida de Brigham Young

(Cont. da pág. 18)

do a uma tribo indesejável." Mudaram o nome da colônia, de Commerce para Nauvoo, que na linguagem secreta dos mórmons significava A Cidade Bela.

III

Mais uma vez os mórmons prosperaram. "O Senhor fez cair maná sobre a nossa tribo." Mas os filhos e filhas do Moderno Israel continuavam no exílio. Nauvoo ainda ficava dentro das fronteiras do Egito, e não na Terra Prometida. Novamente os faraós começaram a perseguí-los. Pois os Santos dos Últimos Dias tinham introduzido um costume dos mais censuráveis aos olhos de seus vizinhos. Entravam a praticar os "casamentos múltiplos." Joseph Smith "recebera importante mandamento do Senhor" para que tornassem aos dias de Abraão, Isaac e Jacob, e tomassem muitas mulheres a fim de gerarem numerosos filhos. O Senhor revelara-lhe, afirmava Smith, que a alma de todo ser humano existe, não só depois da morte, como antes do nascimento. Cada alma deve passar pela existência num corpo humano para ser promovida a uma fase superior de desenvolvimento depois da morte. Há no céu milhões de almas à espera do nascimento, suplicando aos homens e mulheres da terra que lhes proporcionem um tabernáculo de carne "a fim de poderem dar o último passo da jornada para a divindade." E quem — perguntava Joseph Smith — lhes negaria esse direito? "E' dever de todo mórmon piedoso dar vida a tantas dessas almas, por meio de tantas mulheres, quanto possível."

Quando Brigham Young soube que devia levar uma vida "que repugnava às suas inclinações naturais", ou então "tratar com desdém as coisas de Deus".

Clamando no deserto!

Os compositores gaúchos, tal como os cariocas, sentem-se prejudicados com a avalanche de músicas "made in U. S. A.". Apelaram então, para o sr. Nicolau Kraus, representante da U. B. C. Este senhor, de nome arrevizado, foi contra os mesmos, combatendo o pedido que eles endereçaram ao Congresso. Nada de música brasileira. Que as melodias estrangeiras continuassem a dominar e os compositores sulinos procurassem outro meio de vida... E, quem não estivesse de acordo, fôsse se queixar ao bispo. Os prejudicados, diante da atitude inconcebível do sr. Nicolau Kraus, chutaram-no do meio, dando-lhe o título de "inimigo n.º 1 da música popular". A seguir, endereçaram ao Parlamento um apêlo para que fôsse imposta a execução de cinquenta por cento de composições brasileiras, com o que será remediado o mal. Esse gesto dos autores gaúchos, é dos mais cavalheirescos. Preferiram dividir os direitos autorais com os de fora, pondo de lado a ganância, nesse caso, justificável. Esperemos, agora, que os ilustres parlamentares se dignem estudar a questão, o que acontecerá, por certo, no fim da presente legislatura. Isto, levando-se em conta que o Código Brasileiro de Rádio, continua dormindo numa das comissões... Logo, não será a solicitação dos compositores sulinos que irá apressar a calma dos representantes do povo. Ainda bem que os prejudicados chutaram o sr. Nicolau Kraus.

A. MIGUEIS

HOW DO YOU DO?

De Robert Mac Ginsey.

How do you do?
Ain't the sun shinin' brightly?
How do you do?
Ain't the breeze blowin' lightly?
I'm tellin' you
While I step sprightly
Feelin' fine sure as you're born
How do you do?
It's a great day you're seein'
How do you do?
It's a great world to be in
I'm tellin' you and I know you're
[agreein]
What a world, sure as you're born
Get an earful of that hummin' bird
Singin' with all his might,
Get an eyeful of that painted sky
Ain't it a wonderful sight?
Ain't the sun shinin' brightly?
How do you do?
Ain't the breeze blowin' lightly?
I'm telling you while I step kind
[sprightly]
Feelin' fine sure as you're as born.

CANTA, CANTA

Se me parte el corazon
Quando te veo llorar.
No te puedo consolar
porque mi pena es mayor
Mi penar es un querer
y tu por una ilusion
mi penar es un querer
y tu, por una ilusion
una ilusion que se va
nunca se debe llorar
pero un amor de verdad
nunca se debe olvidar.
Canta, si olvidar quieres corazon
Canta, si aliviar queres tu dolor
Canta, si el amor de ti se va
Canta, que otro volverá.

MODA DA MULA PRETA

De Raul Torres.

Eu tenho uma mula preta
tem 7 parmo de artura.
A mula é descanelada
tem uma linda figura.
Tira fogo na carçada
no rampão da ferradura.
Com a morena delicada
na garupa, faz figura.
A mula fica enxada
fica só de anca dura.

O ensino na criação
veja quanto que regula.
O defeito do mulão
eu sei que ninguém carcula.
Moça feia e marmanhão
na garupa a mula pula
chega a fazê cerração
todos pulo dessa mula
Cabra muda de feição
sendo preta fica fula.

Eu fui passeá na cidade
só numa vorta que eu dei,
a mula deixou saudade
nos lugá onde eu passei.
P'ro mulão de qualidade
quatro conto eu enjeitei.
Pra dizê mesmo a verdade,
nem sastifação eu dei.
Fui dizendo boa-noite,
p'ra minha casa vortei.

Sortei a mula no pasto,
veja o que me aconteceu,
uma cobra venenosa
a minha mula mordeu.
Com o veneno dessa cobra
a mula nem se mexeu,
só durou umas quatro horas
depois a mula morreu.
Acabou-se a mula preta
que tanto gosto me deu!

deliberou cumprir sua "divina obrigação". Enquanto estava em Nauvoo, casou-se com oito mulheres. Antes de morrer, tinha tomado vinte e sete esposas e tornara-se pai de cinquenta e seis filhos.

Sem embargo, não era um homem lascivo. Ao contrário, tinha comumente apetites moderados e hábitos metódicos. A despeito dos comentários maliciosos, Brigham Young pôde provar nos tribunais americanos que para ele a poligamia era um mandamento religioso, e não um capricho libertino. Atestou que pessoalmente se opunha à poligamia, e que somente se decidira a praticá-la depois de longa e penosa luta com a própria consciência. E os juizes imparciais que lhe escutaram as declarações, deram-lhe crédito.

Mas o público encarava de outro modo o assunto. Quando se espalhou a notícia que fora fundada uma "Cidade de Vênus" no Estado de Illinois, desabou sobre os mórmons uma catarata de invectivas. Lançou-se uma cruzada para debelar o fogo com o fogo, e combater a "imoralidade da poligamia" com a imoralidade igualmente detestável da perseguição. E as chamas do ódio popular se atizaram ainda mais, quando Joseph Smith se proclamou um dos candidatos à presidência dos Estados Unidos em 1844.

Então veio o golpe. Brigham Young estava fazendo propaganda da candidatura de seu profeta nos Estados da Nova Inglaterra. Um dia, enquanto esperava o trem na estação de Boston, teve a notícia de que o seu candidato já não existia. As autoridades do Illinois haviam detido Joseph Smith — e uma multidão arrombara as portas da cadeia e matara-o a tiros.

Brigham Young, como chefe dos doze apóstolos, voltou imediatamente a Nauvoo e reclamou para a direção da Igreja Mórmon. Alguns dissidentes separaram-se da comunidade e organizaram igrejas próprias. Mas o grosso dos fiéis permaneceu intacto sob o novo chefe, que passou a demonstrar que "quanto se vão os semideuses, surgem os deuses". Os assassinos de Joseph Smith tinham tomado de um homem com defeitos muito humanos e, conferindo-lhe a glória do martírio, o elevaram à posição de legenda imortal. No dia em que Joseph Smith foi trucidado, a religião mórmon não morreu; entrou numa fase nova, de irresistível aventura.

E o Moisés dessa aventura foi Brigham Young. Este reuniu os seus adeptos e disse-lhes que deviam sair do Illinois para o deserto. Numa glacial manhã de fevereiro de 1846 a vanguarda dos exilados mórmons atravessou o Mississippi e começou a última e longa peregrinação. Mais parecia a marcha de um exército conquistador do que a fuga de uma seita esbulhada e miserável. Brigham levava uma banda de instrumentos de metal, para que o povo dançasse nas frias noites do êrmo, e cantasse em meio dos padecimentos, e executasse a marcha comemorativa da entrada no paraíso dos entes queridos que ficavam pelo caminho. A Marcha dos Vinte Mil. Uma epopéia de suor, vendavais nas campinas, e sol nos desertos. Uma migração em massa através de dois terços dos Estados ocidentais — uma façanha para maravilhar os historiadores. Mas os mórmons não estavam fazendo obra de historiadores. Executavam a missão de Deus.

"Podiam-se ver mulheres sentadas nas tendas abertas, enxotando as moscas dos cadáveres dos filhos, às vezes depois de ter iniciado a decomposição." Podia-se ver a campina a estender-se desmesuradamente, até se encherem os olhos de água, milhas intermináveis de monotonia, quebradas aqui e ali por algodoeleros do mato e por uns poucos túmulos, de homens que se tinham abalançado a travessia antes deles e deixado a aventura em meio. Podia-se ver Brigham Young andando de um lado para outro, ajudando as velhas e as esposas jovens que serviam café aos seus homens, tomando o lugar do colcheteiro quando algum se sentia extenuado, encolhendo-se junto à fogueira vacillante em serviço de sentinela, planejando até o mais

insignificante pormenor da vida, desalentadora jornada.

Sua capacidade organizadora impusera ordem ao caos. Brigham introduzira um programa regular para a comida, o sono, as diversões e a marcha; e todos iam obrigados a observar religiosamente o programa. De manhã, às cinco horas, a corneta dava o sinal de levantar. Pelas sete horas, tomada a primeira refeição e lavados os pratos, a caravana se punha em marcha. As doze, paravam para comer e descansar; duas horas depois, novamente a caminho. As seis horas, acomodavam-se para a noite, e dentro de poucos minutos desabrochava uma cidade no deserto. As oito, a corneta anunciava ter chegado a hora do recreio. Tocava a banda, cantavam, — e os que ainda tinham energia depois de um dia de marcha — dançavam. As nove iam dormir.

Esse programa só era interrompido aos domingos, quando o acampamento inteiro descansava e cobrava forças físicas e morais para a marcha da semana seguinte.

Assim se procedeu invariavelmente no decurso dos meses de primavera, verão e outono. Então, chegadas as neves, Brigham estabeleceu acampamentos de inverno para o grosso da sua gente e levou consigo um grupo escolhido de homens rijos, saindo à procura da sede definitiva no Far-West. Onde encontrá-la? Estudava mapas e ouvia relatos. Um velho explorador, John Bridger, falou-lhe do Vale do Grande Lago Salgado. Ali estava uma região virgem. Não continha colônias de gente que expulsasse os mórmons apenas estes fizessem prosperar a terra; nada de juizes e júris que instigassem o populacho contra eles em nome da civilização.

Quando o grupo se aproximava do Grande Lago Salgado, Brigham Young foi acometido de febre da montanha. Esse novo Moisés, como o seu protótipo da antiguidade, parecia destinado a morrer às portas da Terra Prometida. Mas viveu! Na força de julho, dezessete meses depois de ter feito a sua gente cruzar o Mississippi, ele penetrou no Vale Bendito. Ainda convalescia da longa enfermidade, quando os seus cavalos transpuseram o desfiladeiro e entraram na Terra dos Anseios do Coração. Olhou, e susteve a respiração, reverente. Atrás dele, ao longe, as montanhas nevadas, rutilantes como os Alpes; e à frente, a extensão azul do Lago Salgado a cintilar com a magia da Itália.

Mas a planície que se lhe apresentava aos olhos parecia árida, pedregosa e áspere. Os filhos de Deus teriam de trabalhar com muito afino para abastecer aquele templo de beleza. Mas, a despeito do sal e das sãs as sementes seriam enterradas. E Brigham Young se ergueu do leito com os olhos chamejantes. "Aqui podemos cultivar nossas batatas e cenô-las; e aqui tenciono permanecer... O deserto se regosijará e florescerá como a rosa."

IV

No Utah os mórmons passaram pelas enfermidades que habitualmente afligem as colônias nascentes — pragas de gafanhotos que assolavam as plantações, ventos que gelavam o corpo, dissensões que paralisavam o esforço. Mas lentamente a colônia foi alcançando vigorosa maturidade sob os cuidados do "Doutor" Brigham Young. Pois este sabia tratar dos corpos, espíritos e almas dos homens. Poderia ter sido novelista ou ator, se não estivesse destinado a ser um estadista; pois conhecia a fundo, como só os grandes artistas conhecem, as molas mais íntimas da psicologia humana. E o seu povo o seguia confiante, naquela aventura de compreensão mútua. Porque Brigham Young não lhes era apenas mestre, mas profeta.

Não era um profeta-poeta; sim, um profeta em prosa. Tinha o espírito enquadado em homílias, não em auréolas. Não imaginava coisas sublimes. Sua fantasia morava na aspereza de suas mãos; cingia-se estritamente ao que aquelas duas mãos podiam executar. Desprezava as teorias. Era incapaz de figurar-se obrigado "a filosofar dez anos, sem erguer um edifício ou fundar uma cida-

SAÚDE
o primeiro passo
para a felicidade

O desequilíbrio do organismo feminino é causa de frequentes aborrecimentos na juventude, chegando muitas vezes a perturbar a felicidade conjugal. Com o correr dos anos, o mal tende a agravar-se, provocando consequências graves. Ovarinteran, contendo o hormônio feminino, equilibra as funções do organismo, garantindo uma juventude feliz e vida tranqüila.

Ovarinteran
EM DRAGAS E LÍQUIDO

RECETO PAUL LITTE
UMA INDÚSTRIA NACIONAL DE CONCEITO UNIVERSAL

TINGIR CABELOS



Água Java

MÚSICA

HAVERÁ OU NÃO, TEMPORADA LÍRICA?

O ELENCO E A GIRAFA ★ OPOSIÇÃO, ÁRIAS E ECONOMIA ★ HAMLETO E A QUESTÃO DAS ÓPERAS

★ O DEPARTAMENTO DE DIFUSÃO CULTURAL DA PREFEITURA

De ROBERTO LYRA FILHO



Especial para REVISTA DA SEMANA

ENQUANTO se discute a próxima temporada lírica, é oportuno evocar, aqui, o gênero de espetáculos líricos que nos têm sido oferecidos, no passado, debatendo as perspectivas, que se abrem, este ano, para os assinantes que reincidem, cheios de esperança e paciência, na aquisição de suas localidades, na teimosa expectativa de récitas memoráveis, eternamente atraídos e traídos pela propaganda ruidosa dos cartazes e das promessas. O mais curioso é que não faltam à Prefeitura os elementos e os recursos: falta organização. Todos estão lembrados do que ocorreu o ano passado, em detrimento do prestígio internacional, já abalado, do nosso Teatro Municipal.

Este ano, nova questão surge e ganha tal repercussão que, a não ser que providências enérgicas e imediatas venham solucionar-lá, ficaremos sem temporada lírica.

O ELENCO E A GIRAFA

Recapitulemos, ligeiramente, os antecedentes do caso.

Quando se cogitou da vinda do elenco do Teatro Scala de Milão, uma das objeções apresentadas foi a seguinte: não há elenco do Teatro Scala... Como a girafa da anedota, seria um bicho que não existe...

Depois, recebemos a visita de um comendador italiano, membro da direção do próprio Scala, que nos falou a respeito de um repertório variado e renovado e indicou alguns nomes que logo despertaram o apetite do público. Gigli, que aqui esteve

o ano passado, voltaria. Schippa reapareceria, no palco, o velho e sempre magnífico Schippa, que, não faz muito tempo, veio matar nossas saudades com alguns recitais. As atrações foram enfileiradas pelo hábil comendador e a opinião geral se orientou, imediatamente, no sentido de garantir a organização da temporada nas bases esboçadas pelo emissário da arte lírica italiana. A preliminar da inexistência de um elenco "do Scala de Milão" perdeu a importância e o relêvo.

— Seja o elenco do Scala, seja do Teatro Real da Ópera da Conchinchina, se este homem trouxer o que promete, valerá a pena, dizia-se. Era voz corrente essa observação. Com base nela, aliás, acrescentou-se, sem demora, que seriam elevados os preços das entradas. Mas ninguém desanimou.

OPOSIÇÃO, ÁRIAS E ECONOMIA

Eis que tem início o segundo episódio dessa aventura. Os vereadores se puseram a discutir o problema da ópera. Na Câmara Municipal, falou-se em compressão de despesas. O sr. Ari Barroso foi à tribuna e entoou árias econômicas e satíricas — árias econômicas, ferozmente econômicas, pedindo que não se gastasse dinheiro; árias satíricas, agressivamente satíricas, em que o vereador estreou na crítica musical, demorando-se na apreciação dos méritos e qualidades dos cantores. Acompanhado de orquestra de gaitas e versando o tema "gaita", que, salvo melhor juízo, na gíria

radiolônica, quer dizer dinheiro, o solo de Ari Barroso recebeu o reforço do coro dos vereadores, a despeito de uma ou outra dissonância. O resultado disso foi: Nada de Scala para os cariocas.

HAMLETO E A TEMPORADA LÍRICA

Haverá ou não temporada lírica? Eis a questão. Ela ficará pairando, como a dúvida que atormentava Hamleto, no espírito dos cariocas.

Chegou, portanto, o momento de convidar o prefeito Mendes de Moraes a examinar o problema e dar-lhe a única solução possível.

A Prefeitura conta com um Departamento de Difusão Cultural, perfeitamente aparelhado e entregue à direção eficiente, dinâmica e capaz de Maciel Pinheiro. Por que não entregar-lhe a tarefa? O Scala não poderá vir. Mas, por outro lado, não podemos ficar sem temporada lírica. Seria, então, oportuna a consulta àquele órgão técnico, de que dispõe o prefeito, e o planejamento de uma temporada de emergência.

Com o Departamento de Difusão Cultural talvez possamos, inclusive, encontrar o caminho seguro para vencer aquela falta de organização que se tem observado nas temporadas anteriores e, já com vistas no futuro, transferir, definitivamente, a responsabilidade da organização das temporadas a quem dispõe das credenciais de capacidade e devotamento e se acha, portanto, apto a desincumbir-se da tarefa com proveito para a Prefeitura e para os cariocas.

de." Desvanecia-se de ter a mente "não corrompida pelos livros." Falava o evangelho do pioneiro que nunca tivera tempo de perceber a utilidade das idéias como material de construção. "A educação não habilita um rapaz a casar e estabelecer-se como chefe de família nas Montanhas Rochosas."

Um profeta prosaico para uma raça prosaica. Homens fortes, ardorosos e simples vinham dos mais obscuros recantos do mundo a fim de estabelecer-se no Utah. O Livro dos Mórmons tinha cruzado o oceano e alcançado as herdades dinamarquesas e os distritos minerais da Grã-Bretanha. E o sangue do

velho mundo veio misturar-se com o do novo. Em quarenta e nove, aventureiros que iam rumo às jazidas auríferas da Califórnia, detinham-se no Utah, esqueciam o ouro e convertiam-se à fé mórmon. Ferreiros e carpinteiros, carneiros e construtores, madeiros e lenhadores — homens de toda classe,

dotados de músculos rijos e fé robusta, vinham armar suas tendas de moradia e cortar novas ruas no Utah. A maioria dos imigrantes era constituída de gente pobre; pois Brigham Young nada tinha que oferecer aos ricos. E quase todos ignorantes. Porque Brigham Young nada tinha que oferecer



Ao ensejo do transcurso do seu 2.º aniversário, a empresa de propaganda "RIO PUBLICIDADE LTDA." reuniu no dia 13 de Junho, numa festa íntima, seus diretores, funcionários e Exmas. famílias. A grande organização publicitária que surgiu do esforço conjugado de Belmiro de Souza Sobrinho, José Viterino de Lima, Ray Palm da Cunha, José da Cunha Lyra e José Alves de Azevedo, encontra-se hoje numa situação perfeitamente sólida, graças à ação inteligente e ao notável esforço de seus fundadores, todos eles elementos ligados aos serviços publicitários de diversos jornais cariocas. Na grande acalima, à esquerda, os diretores da "RIO PUBLICIDADE LTDA.", e à direita numerosos pessoais de acalima social presentes à festa.

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PELE

"SER QUIASE MULHER E SER FELIZ"



Sob o título acima tivemos o prazer de ler uma interessante publicação destinada às meninas-mocas e às mães que, por seu alcance educacional, merece a atenção de quantos se preocupam pela educação e eugenia das novas gerações femininas do Brasil.

Apresentando, às mocinhas púberes e em véspera da puberdade, uma explicação a um tempo discreta e realista das transformações por que passa o organismo feminino nessa importante fase da vida da mulher, o livretinho "Ser quase mulher e ser feliz" é uma dessas publicações que deviam ser postas nas mãos de todas as meninas-moras. Isto porque focaliza o problema acima dos preconceitos correntes, tão prejudiciais à formação moral e física das mocinhas, situando-o num plano superior e transmitindo ensinamentos práticos da maior importância para sua saúde e bem-estar.

Aprovado pelas autoridades educacionais e sanitárias do Brasil, este livretinho, que oportunamente será distribuído a todos os colégios, facilita por outro lado a missão das mães, poupando-lhes o constrangimento que, por vezes, sentem em elucidar suas filhas sobre estes problemas. E — o que não é menos importante — fá-lo de maneira simples e compreensível para o público que é destinado.

"Ser quase mulher e ser feliz", foi editado pela Cia Johnson & Johnson do Brasil, como uma contribuição espontânea para a educação das novas gerações brasileiras. E para que as nossas leitoras o obtenham gratuitamente, basta recortar esta notícia e enviá-la para Anita Galvão — Consultora feminina de Johnson & Johnson, Caixa Postal 136-A, São Paulo, juntamente com Cr\$ 2,00 em selos para porte registrado.

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feia quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.



MENAGOL
REGULA

aos ilustrados. "Nós tomamos os mais pobres que podemos encontrar no mundo... Estamos procurando convertê-los em damas e cavalheiros. Procuramos dar educação a seus filhos, e habilitá-los a reunir em torno de si as comodidades da vida, para que passem a existência como deveria fazê-lo toda a família humana — para que os dias, semanas e meses lhes transcorram amenos."

Brigham tomou o cuidado de evitar que a sua colônia do deserto descambasse num cemitério de fé inerte regada por lágrimas e orações. Admoestava os fiéis a não pedir a Deus que obrassem milagres em favor delas, mas a construir, trabalhar e planificar com as próprias mãos e cérebros. "Não me sinto inclinado a rogar a Deus que faça por mim aquilo que eu mesmo posso fazer", dizia.

Em consequência, os mórmons confiavam em Deus mas mantinham as mãos ocupadas. Comerciam habilmente honestamente com os pioneiros que passavam em direção do Oeste, fundavam empórios, bancos, fábricas, tipografias e escolas. Não tinham complicações com os índios, pois as suas relações com eles obedeciam ao princípio de que era mais barato alimentá-los que combatê-los. Empreenderam — e levaram a cabo — o primeiro projeto de irrigação em larga escala no país. Estabeleceram empresas cooperativas. Concederam direitos às mulheres. Condenavam a escravidão. Contribuíam com dinheiro para a construção duma igreja católica e uma sinagoga judaica. E instituíram o sistema dos dizimos, — isto é, a apropriação da décima parte da renda de cada um para a manutenção dos pobres. A Igreja Mórmon, em outras palavras, interessava-se tanto pelo bem-estar temporal de seus membros, como pelo espiritual. Podemos rir da "descoberta" do Livro de Ouro por Joseph Smith. Mas não nos é dado motejar da aplicação da Regra de Ouro por Brigham Young. O princípio diretor de Brigham, bem como do mormonismo em seus melhores aspectos, pode resumir-se em poucas palavras: Procura satisfazer de preferência a necessidade do teu vizinho, e não a tua própria ambição. "Nunca empobreci ninguém", observava Brigham, ufano. "mas enriqueci a milhares de homens."

E assim, aferrando-se ao princípio da tolerância e dependência mútuas, os mórmons erigiram e douraram uma cidade opulenta. Através dos Estados Unidos, fervilhantes de idealismo e entusiasmados com as narrações de Paul Bunyan, espalhou-se a notícia de que o coração e os músculos americanos haviam operado mais um portentoso milagre. Brigham semeava novamente os dentes de Cadmo, e uma raça de gigantes nascera no deserto americano.

Por fim o Utah foi aceito como um dos Estados da União. A teocracia de Brigham Young fundiu-se na democracia da América. Mas não antes que o Governo Federal tivesse compelido os Santos dos Últimos Dias a abolir a prática da poligamia.

Quando começou esse novo capítulo da epopéia mórmon, Brigham Young já não era o líder da sua grei. Fora em busca do repouso eterno — com a serena confiança dum homem que espera a bênção de uma refrescante chuva sobre o deserto. "Executei fielmente a minha tarefa", disse ele. "Possa eu agora desfrutar um bom sono até a manhã da ressurreição."

(Vida de grandes capitães da fé)

O ASSALTO

(Cont. da pág. 21)

O intendente Luz é filho de mula de padre! — gritou um, isolado.

— Ele é filho de porca!

Com pouco, aos magotes, tinham todos passado para o outro lado, em três ou quatro viagens.

Nazario, Justo e Pedroca ainda hesitavam em ir. Afinal se decidiram e na terceira balçada entraram com os demais.

O movimento fazia parte duma subversão geral da ordem em todo o Esta-

do e Aquela hora, nas Lavras, Horacio de Mattos; no Maracás, o Marconito, também já deviam estar de armas tomando conta de uma vasta região e empilhando prefeitos.

O deputado Laranjeira era o mentor do movimento, e, segundo ele, uma vez desfechada a ofensiva e alterada a ordem no Estado, o governo decretaria a intervenção federal e os sediciosos seriam os donos da situação. As combinações não podiam falhar, estavam convencidos, pois tinham sido firmadas, garantia o deputado, entre os chefes da oposição e o próprio governo federal. O governador Sombra estava decididamente com suas horas contadas, no chão!

Reunidos todos no outro lado do rio, Chavinho na frente, deu este a voz de comando:

— Largar!

O caminho começava ali, entrando a mata, como uma vasta cicatriz, prolongando-se indefinidamente.

Os jagunços precipitaram-se por ele, comprimindo-se numa coluna insofrida, partida por vezes, como uma imensa cobra que se fragmentasse e se recompu-se, alternativamente.

Jornada que ia ser dura, com ordem de parar somente ao atingir a Ladeira do Capitão, para uma aproximação mais cauta da cidade a ser tomada.

O sol fazia calcular umas nove horas.

No máximo, até quatro da tarde, deveria consumir-se a entrada, a bem ou mal. Seguindo a matula, Nazario dizia a toda hora aos companheiros:

— Me acompanhem! Tenho um plano.

Haviam se desviado do leito do caminho, e como outros, no mais espesso da mata, entreendo a espaços o escoar da mó de gente, seguiam, sempre.

Adeante, como cortassem por um atalho da serra, avantajaram-se ao bando, esperando-o. De onde ficaram, o caminho mostrava-se pleno, como um engaste na pelucia verde de redor.

Chovinho foi quem primeiro assomou, impertigado e fogoso; logo se lhe despejou no rastro a onda ululante.

— Disparo? — indagou Pedroca, num som cavo e odiento, vendo-o tão de jeito.

— Não, ainda não é hora. Vão pela minha cabeça — retrucou Nazario.

E se afundaram, de novo, pelo caminho difícil, estrepados, lanhados, fazendo acrobacias difíceis na mata cerrada.

Quando alcançaram a Ladeira do Capitão, Chavinho já lá estava à espera. Então, concentrados todos os homens, fez seguir na frente alguns grupos de três cabras. O primeiro grupo devia fazer uma parada no Poço e em direção da Vila fazer seis disparos, e isso feito esperar quinze minutos e voltar. O outro, no ribeirão onde estava uma pinhuela, fazer também disparos, e conforme, avançar cem metros e repetir os tiros. Feito isso, voltar. O último grupo deveria varejar as balas no telheiro da porteira da fazenda do coronel Plínio, amigo do intendente Luz, e seu conselheiro, dar uma batida pelas vizinhanças, e também voltar.

Chavinho considerava isso a sua tática, antes do assalto.

Tudo foi bem. Os homens, dentro de uma hora, voltaram sem nenhuma anormalidade: só que algumas pessoas fugiram pelos matos e até uma pobre velha diziam que tinha sido levada numa rede, entevada, para o Catulé, isso foi o que informara um raparinho, tremendo de medo, que fora achado num cocho de cacáu fermentando, na fazenda do coronel Plínio.

Deram pela falta de Nazario, Justo e Pedroca quando os procuraram para fazer um grupo de reconhecimento. Leobino logo informou que eles pareciam ter recuado logo na saída, não sabia bem por que, além de que Nazario se mostrava meio fraco de maleita.

— Que fosse para o inferno! — explodiu Chavinho, quando soube. — E dizem que são valentes... Está aí a valentia...

Cinco horas, alcançaram a boca da estrada, com a cidade à vista. A matriz crescia na colina verde. O rio entrava o mar, ondulando, como uma serpente líquida entrando um vasto ninho

(Cont. na pág. 55)

COLCHÃO DE MOLAS "BRASIL"



**GARANTIDO POR 10 ANOS COM
CERTIFICADO**

VENDAS A PRAZO EM 10 PRESTAÇÕES

Exposição e informações com o
Representante exclusivo

A. BLUM SOBRINHO

RUA DO CARMO, 6-10.º ANDAR
Salas 1.009/10 — Fone: 42-2455

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE



O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumuladas nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómez nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

QUANDO A REPÚBLICA NASCIA

(Cont. da pág. 23)

— Atenção! atenção! gritava o presidente que, por sua vez, ria também. E tomando ares sérios! — Cumpre-me dizer ao nobre deputado que a expressão usada por V. Excia não é parlamentar.

Alberto Besamat, representante fluminense, grita com voz de censura para a presidência:

— O que admira é que V. Excia tivesse ouvido impassível, sem reclamar, o que se tem dito contra o Imperador.

O padre João Manoel continua. Apontando com o dedo o barão de Loreto, afirma:

— S. Excia. representa no ministério o elemento puramente aulico.

E passa a explicar:

— Já se acham em jogo interesses do terceiro reinado; é preciso destacar alguém para os arraios do partido liberal, afim de observar bem de perto o movimento dessas reformas que se anunciam e se prometem, para impedir-las caso tenham de ser realizadas. S. Excia., o barão de Loreto, representa no ministério o olho aulico, esse olho providencial que tudo espreita e tudo vê para salvar os interesses da monarquia. No pósto em que se acha, S. Excia. representa um papel que lhe é próprio, uma função que lhe é pessoal e que só ele pode preencher e desempenhar. Entretanto não se pode dizer que S. Excia. seja um ilustre desconhecido, porque mais de uma vez, se tem feito notável pelas vitórias conquistadas nas batalhas das flores.

A gargalhada que rebentou durou minutos seguidos. O orador longamente espera que se restabeleça o silêncio e, em tom pilhérico, diz:

— S. Excia. representa ainda a imprensa porque é redator-chefe do Correio Imperial.

Os risos estalam de novo. O Correio Imperial era um jornalzinho publicado em Petrópolis pelos filhos da princesa Isabel.

O representante potiguar não espera que os risos passem e continua:

— Fique certo o nobre presidente do Conselho de que o povo brasileiro não tem medo de carrancas e muito menos de caretas.

E depois de uma pausa:

— O visconde de Ouro Preto aventurou-se a uma empreza arriscada, temerária, muito superior às suas forças. Fez acreditar nas regiões olímpicas que a permanência do partido conservador no poder aumentava o número dos adeptos da República. Chegou-se mesmo a dizer que só o partido liberal podia salvar a realza do naufrágio a que estava exposta. Por isso, dentre os chefes escolheu-se Ouro Preto como o mais capaz de, usando das próprias palavras que lhe são atribuídas, esmagar a cabeça da hidra republicana, afogando a idéia nova em vilipêndios e em sangue.

— Está enganado o nobre presidente do Conselho, continuou ele. S. Excia. não terá força para conter esse movimento que se levanta possante, não terá força para obrigar essa onda de opinião que sobe impávida e que, um dia, envolverá todos aqueles que ousarem opôr-lhe barreiras. O orgulho e a ambição do visconde de Ouro Preto hão de ser castigados!

E com tom profético:

— S. Excia. será esmagado debaixo da pedra que rola da montanha. Impelida pelas lufadas impetuosas do vento da liberdade.

E erguendo cada vez mais a voz:

— Não nos iludamos, a república está feita. Só falta a consagração nacional. Ela existe, de fato, em todos os espíritos, em todos os corações. Seria arro'ada temeridade ou rematada loucura pretender impedir essa torrente caudalosa de idéia nova que invade todos os espíritos e se derrama pujante em todo o solo da pátria. O aparato belicoso com que o governo procura aterrar o espírito nacional, é desnecessário porque a república não quer brigar.

E mostra como a idéia nova vencerá. A revolução é outra; a revolução pacífica, operada pela centelha do patriotismo, incendiando todas as cabeças, abraçando todos os corações brasileiros, revolução que terá o mesmo resultado benéfico que teve a abolição dos escravos. O emprêgo da força, da violência e da compressão, só poderá fazer vítimas, aumentando consideravelmente o número de agitadores. Cada brasileiro se imporá como dever sagrado defender a sua idéia, agitando a opinião pública, falando à alma nacional, despertando-lhe todos os sentimentos, excitando-lhe todos os estímulos, movendo-

lhe todas as fibras patrióticas, concorrendo para a grandeza e felicidade deste país, que há de elevar-se como um gigante, impondo-se à admiração e ao respeito das nações mais civilizadas, bafejadas pelas auras puras da democracia.

E de braço vibrante, voz mais alta ainda:

— Não tardará, não tardará muito que os brasileiros jubilosos saudem com entusiasmo o alvorecer da aurora brilhante da regeneração política e social. Não tardará que, neste vastíssimo território, no meio das ruínas das instituições que se desmoronam, se faça ouvir uma voz nascida espontânea do coração do povo brasileiro, repercutindo em todos os ângulos deste grande país, penetrando mesmo no seio da floresta virgem, bradando enérgica, patriótica e unanimemente: — Abaixo a monarquia! Viva a república!

Foi como se uma bomba tivesse estourado, ali dentro. Teve-se a impressão de que a Câmara vinha abaixo, abalada por uma descarga de apoiados e protestos. Toda a gente a esguelar-se, gesticulando, em gritos ensurdecedores:

— Viva a República!

— Viva a Monarquia!

— Viva a República!

Os tímpanos não cessam de retinir como se quisessem falar mais alto do que as bocas entusiasmadas. Ouro Preto ergue-se para falar. O barulho recrudescer. Impossível articular uma palavra naquela incrível algazarra de vivas e morras. Como que os republicanos, com os seus gritos pretendiam impedir a oração do chefe do gabinete.

Ouro Preto, com o seu mais alto timbre de voz, ereto, na tribuna, começa:

— Viva a República, não! Viva a Monarquia!

Não se lhe ouve o resto. E' que nas bancadas, nas tribunas e nas galerias recomeçou mais forte o alarido. O presidente do Conselho, altivo e sereno, cruza os braços e espera que cesse a barulhada.

A um canto da sala, o capitão Serzedelo Correia, fardado, grita, agitando, flamejantemente, o quepi:

— Viva a República! Viva a República!

E vira-se imediatamente para trás, por sentir que alguém lhe pousa a mão no ombro. E' Floriano Peixoto, à paisana. O capitão imagina uma ordem de prisão. Mas o general sorri e lhe diz baixinho:

— Como isto está indo depressa, capitão!

"All My Sons"

(Cont. da pág. 29)

vez, ouvira-o contar a história dos cilindros a seu modo. E declarou, dirigindo-se a Chris, que Joe ficara com tudo o que era deles, mas que não ficaria com Ann. Nesse momento, porém, chegou Kate, que, apesar das suas preocupações, viu em George, antes de mais nada, o vizinho de outrora. As palavras afetuosas que lhe dirigiu abrandaram-no. George acabou conversando alegremente, como se não houvesse animosidade entre eles. Joe, que chegou pouco depois, desarmou-o também, com as suas maneiras francas e afáveis. A verdade, disse, em meio à conversa, é que o pai de George nunca aceitara censuras. E George sabia disso. Joe ainda se lembrava da vez em que um erro de Deever custara à firma um dinheirão. Fora preciso despedir um mecânico, para que Deever não ficasse mal. E esse caso não fora o único.

A mesa do jantar, a conversa girou em torno dos bons tempos passados. George observou que Joe era ainda o mesmo homem de sempre. Forte como um touro.

Foi quanto bastou para agulhar-lhe a validade. Ele não tinha tempo para ficar doente, disse. Isso era para os velhos. Nunca estivera doente em toda a sua vida!

George interpretou as palavras de Joe a seu modo. Seria verdadeira, aquela declaração? perguntou. Kate compreendeu a situação, e interveio para dizer que havia uma única exceção: aquele dia... Mas era tarde. George levantou-se, e ordenou à irmã que se preparasse para partir. Ann quis argumentar com o irmão. Kate, atirando a culpa da presença de George a Ann, declarou a Chris que ele devia ter visto que Ann não podia estar ali. Ela era a namorada de Larry.

Chris enfureceu-se. Ann não podia estar presa a um morto. Não, replicou Kate, enquanto ela e o marido vivessem, Larry não estaria morto.

A sós com o pai, Chris perguntou-lhe que sentido tinham as palavras da mãe. Diante da resposta evasiva do pai, e com o procedimento de George a ecoar-lhe no espírito, foi rude: se algum dia soubesse que o pai mentia, haveria de matá-lo.

Aquilo era coisa que se dissesse? perguntou Joe, perplexo. Mas Chris não o ouviu. Caminhou como um sonâmbulo para a porta, onde encontrou Ann, preparada para ir-se embora. Era melhor deixar as coisas como estavam, dissera Kate. Com razão, Ann reconhecia-o agora.

★

Mais importante do que a partida de Ann, para Chris, fora a dúvida, que se adensara agora em seu espírito, da culpa do pai no embarque dos cilindros. Chris amava o pai, mas o seu código de honra estava acima do amor filial. Era imperioso resolver de uma vez por todas a dúvida. Dizendo em casa que ia passar uns dias no Lago Oswego, foi a Columbus, avistar-se com o pai de Ann.

Admirou-se do modo amistoso com que foi recebido. Deever chegou mesmo a aconselhá-lo a não volver águas passadas. Mas Chris insistiu, e acabou conhecendo a verdadeira história. Joe aceitara mais pedidos do que podia normalmente atender. Os tais cilindros defeituosos tinham sido descobertos por um inspetor, que os examinara ao rai-X. Mas urgia cumprir o contrato. Deever perguntou a Joe o que devia fazer. Joe respondeu-lhe que não efetuar a remessa equivaleria a perder a fábrica. E ele não perderia dinheiro apenas. A fábrica era a sua vida... quarenta anos de trabalho. De um ferro-velho, ele a fizera brotar, com o seu esforço.

Isto se passara uma segunda-feira à noite. Na terça, Joe não compareceu ao trabalho. Era o primeiro dia de falta, em quarenta anos. Deever telefonou para casa dele, e tentou convencê-lo. Joe respondera que assumiria inteira responsabilidade do embarque.

No tribunal, porém, não acreditaram em tão pueril alegação. E Joe provará ter estado em casa, doente. Não ordenara o embarque, declarara. Telefones não falam... Era essa a verdade. Chris, porém, lutando com a própria consciência, declarou a Deever que não acreditava. Deever com certeza inventara aquela história, concebera-a nos seus dias de prisão. Mas as palavras seguintes de Deever o convenceram definitivamente: Chris que procurasse saber se era possível fazer fosse o que fosse, na fábrica, sem autorização de Joe. Porventura já não era costume dizer-se lá: "Quer saber, pergunte ao Joe?"

★

Enquanto Chris fora a Columbus, Ann tomara uma deliberação e voltara à casa dos Kellers. Falou então a sós com Kate. Ela amava Chris, e se casaria com ele, apesar de tudo. Larry estava morto. Cairia nas costas da China, no dia 9 de fevereiro de 1944. Provas? Eis uma: uma carta do próprio Larry, escrita no dia de sua morte.

Com mãos trêmulas, Kate leu-a. Terminada a leitura, deixou-se afundar na poltrona, olhando vagamente para a parede. Ann, acabrunhada também, recuperou a carta. Kate disse então que Joe não devia saber daquilo. Não, não devia! Joe era tudo o que lhe restava! Ann, porém, respondeu por sua vez que Chris era também tudo o que lhe restava. E, beijando Kate, retirou-se.

★

De regresso, Chris dirigiu-se à fábrica, onde encontrou o pai arrumando as fichas do jogo, que acabara pouco antes. Ao vê-lo, o pai admirou-se. Imaginava-o no Lago Oswego. Mas Chris confessou que fora a Columbus, entrevistar-se com Deever. Joe lamentou-se: seu próprio filho o espiava! Chris, dominado pelo desejo de esclarecer tudo, exigiu explicações do pai.

Explicações! Explicações! Explicações! explodiu Joe. Havia tempos que ele não fazia outra coisa, senão dadas. Mas não as devia ao seu filho, à sua própria carne!

Chris falava com voz fria. O pai queria dizer, então, que soubera de tudo?

Joe deixou cair os braços, num gesto de desespero. Ele era um homem de negócios. E um homem de negócios não sacrificava quarenta anos de trabalho honesto por causa de uma fornada de cilindros defeituosos. Em verdade, nunca imaginara que os chegassem a aproveitar.

Depois, fizera tudo pelo filho, pelo mesmo Chris. Estava velho... quando poderia recomeçar a lutar pela família, como era seu dever?

Em resposta, Chris bradou que só um homem sem pátria, sem coração, só uma criatura desumana faria aquilo. E, cego pela cólera, derrubou o pai com violento sóco. Em seguida, atirou-se a ele, para estrangulá-lo. De repente, conteve-se, e cobriu o rosto com as mãos, soluçando, para em seguida sair como um desvalhado.

(Cont. no próximo número)



Pode-se assim dizer da ÁGUA INGLESA GRANADO que há mais de 60 anos é usada com os melhores resultados nos casos de ANEMIA, CLOROSE e CONVALESCÊNCIAS.

TÔNICA E APERITIVA

ÁGUA INGLESA GRANADO

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulência, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pilulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-o. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gases e descongestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pilulas Aloicas não são acompanhadas de dores, ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos ressecam-nos cada vez mais. Recorra sempre às Pilulas Aloicas. Elas nunca falham, por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

Cartas: Cx. Postal 2453 — São Paulo

CABELOS BRANCOS?

LOCÃO

Brilhante

QUÍMICA INDUSTRIAL

Estude por correspondência nas suas horas de folga pelo método ultra-moderno da maior escola do Brasil

QUÍMICA INDUSTRIAL

para obter um bom emprego ou ganhar muito dinheiro fabricando: sabões, sabonetes, tintas, vernizes, graxas, etc.

Duração dos estudos: 30 semanas. Mensalidades módicas.

OS ALUNOS RECEBEM GRÁTIS: Equipe de laboratório, matéria para experiências, serviço técnico de consultas com 30.000 fórmulas, receituário industrial, etc.

MANDE HOJE MESMO O COUPON ABAIXO DEVIDAMENTE PREENCHIDO.

INSTITUTO MONITOR LTDA. RUA AURORA, 1021

São Paulo

C 27

Solicite o folheto grátis: "Como ganhar dinheiro na Química".

Nome

Rua

Nº

Cidade

Estado

O ASSALTO

(Cont. da pág. 53)

de águas. Uma alongada ilha furava a corrente, recoberta de coqueiros, como um navio feito de folhas, encalhado. O casario projetava-se em lances interrompidos, alto e baixo, ao rez do mar, ao sopé da colina, na planície. E sumia-se, por vezes, aqui, acolá, por entre as plantações de fundos de quintais.

O sobradão da Intendência mostrava-se a toda a largura, sobranceando as habitações.

Indivíduos carregados de trouxas se esgueiravam pelos oitões, ou passavam, de raspão, de um canto a outro, todos encolhidos.

Viam-se agora canoas, em manobra no rio, distanciando-se na direção de Maraú, cujas terras apareciam sumidas na distância esfumada.

Da boca da estrada o mato ia-se fazendo pelo largo, abarcando numa cintura verde as primeiras habitações e formando pelas vizinhanças bosquetes mais cerrados, onde pés de fruta cresciam mais alto, muito verdes e derramados. Entreviam-se os manguais pelas beiradas do rio, como sobranceiras cor de limo, tarjando a prata da corrente.

Adivinhava-se o pânico das famílias nos raros habitantes que entreabriam a medo uma ou outra janela, para depressa as fechar, sondando o perigo próximo. Alguma cilada? O morro do cemitério, para um lado, era uma interrogação. Não fossem estar ali, prontos para uma surpresa, os cabras do velho Luz, que era também teimoso, isso era, e talvez estivesse preparando a hora do ataque.

Chavinho mandou fazer fogo na direção. Nada foi respondido. Cilada?

Então mandou para um reconhecimento três valentes, que entraram o rio de canoa, surpreendendo, do outro lado, encoberto, o morro.

Com pouco tempo, estes desdobraram um lenço branco, lá, do meio das águas. Era o sinal convenido que tudo ia bem, não havia resistência.

Ainda assim, Chavinho desconfiava, e mandou um emissário entrar na cidade, e ver as coisas de perto.

Foi o Neco, que tinha fama de destemido, apesar de ter um olho só, pois o outro perdera numa luta de faca.

Passava das cinco, quando ele fora. Dai a nada, escurcia.

E o Neco não havia voltado.

Era incontível a vontade da cabroeira de decidir a parada. Tudo aquilo lhe parecia muito demorado, muito excesso de prudência, que mais parecia medo.

Dormiram por ali mesmo, esperando a manhã.

A noite crepitaram fogueiras. Parecia mais uma noite de São João improvisada na orla da mata, pontada dos grandes fogachos que davam aos homens, assando nacos de xarque, uma cor rubra.

Neco trouxera uma grande novidade. Como que vira escondendo-se três cabras, quando renteava, de volta, a pedra da Concha. Já era noite quase mas lhe pareceu ver luzir o metal dos canos das armas nas mãos dos homens. Quis entrar, mas teve um mau pressentimento, até fez a canoa ao largo, de medo de algum tiro. Deram ainda uma batida, mas nem sombra de gente.

Neco estava bem certo?

Veio o dia. O mesmo deserto de gente na direção da cidade. Agora é que parecia mesmo uma terra abandonada.

Aquela glu-glu das águas do rio, que se ouviu quase toda a noite (compreendiam melhor agora), era apenas a evasão de outras famílias, as últimas que tinham afinal se resolvido pela fuga, desertando para o Caubi, na outra margem. De repente, apareceu lá longe, num pedaço de praia, uma flâmula branca, parecendo na extremidade de longa haste, à esquerda e à direita.

Chavinho mandou ter mão no pessoal, que logo se dispunha à invasão, como uma fera que se sente soita.

Chamou Neco: que lá fosse em pessoa e visse tudo!

— Esperar mais o quê? — era a pergunta de todos.

Surpresa que ninguém adivinhava!

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

Neco voltou com alguma demora, trazendo um telegrama do Quartel General, da Capital, com endereço certo ao caudilho. A autoridade o responsabilizava por toda alteração da ordem e suas consequências, no município. Todos os que se haviam mancomunado ao plano subversivo — acrescentava o despacho — já se tinham rendido e uma coluna, afim de repor as autoridades, embarcara aquela mesma manhã, pelo "Porto Seguro", comandada pelo tenente Flávio Gomes.

Todos viram Chavinho empalidecer, coçar a cabeça, desalentado.

Trocando impressões com Tufic, a um canto, meio sumido entre galhos dum molitão verdejante, o caudilho brandia os punhos, cenho cerrado, vermelhão de cólera. E frisava:

— Eu só me meti nisto, certo de não fracassarmos. Quando me entendi na Bahia com o Laranjeira, sempre lhe disse que não se devia tentar nada, sem o apoio do governo federal. E a resposta que ele me dava é que não tivesse nenhuma dúvida sobre isso, e que, uma vez iniciado o movimento, a intervenção viria logo com a vitória da nossa causa. Mas, está o que se vê agora. O Laranjeira confluiu demais.

Domínio-se, afinal, a custo, ante o malogro consumado. E falou à cabroeira intrigada, aconselhando a dispersão em ordem, o retorno em ordem de seus homens, para o bem de todos, a voz meio embargada de emoção.

E foi claro:

— O Governo está contra nós. Ninguém queira responder pelo que fez, quando mais pelo que não fez. Enquanto a coisa esfriava, cada um que ganhasse seu rumo, pondo-se em guarda contra a represália. A tropa do governo já está em marcha. Quanto a mim, sei o que vou fazer, na Capital, para onde sigo pela mata. O Laranjeira nunca mais enganará homem!

Neco anunciava que a canoa já estava preparada para a passagem para o outro lado.

O horizonte, nessa direção, recortava-se pardo, mostrando as terras safaras que se desenrolavam até o Caubi, aqui e ali ponteadas de mangues como arrepios vegetais. Um como leque branco, na areia, desenhava o início da estrada, justo na beira do rio que a folhagem interposta no primeiro plano encobria quase só lhe deixando ver uma espécie de neblina azulada na distância, februada da praia alvamenta e estreita.

Chavinho concentrou-se, diante do convite. Baixou a cabeça, sucumbido de todo, o tronco sacudido pelos soluços. Olhos marejantes, contendo a custo a emoção, espiou depois, de lance, a atitude, montou rápido o bato e alçou-se nareal, deu sua última ordem:

— Companheiros (lembrou-se de Naleão, cuja história já lera numa brochura). Em forma! E agora quero ver vocês desfilar, até sumirem na mata, no rumo da Falsqueira. A guerra tem destas surpresas. Todos os grandes guerreiros passaram pelo que nós estamos passando. Em forma, pessoal!

Chavinho, então, atirou-se para o seu lado, por sua vez.

Seguiu esquiando, suando-se num sulco do terreno, para aparecer lá em cima, de novo, contornando a Pedra da Concha e alcançando a barranca do rio.

Só então uma descarga brutal atropou pelas redondezas.

Os últimos ainda a ouviram, alarmados, pensando que era nem mais nem menos do que a tropa que já chegava, da Capital, no seu engalço, comandada pelo tenente Flávio.

Mas, não era. A arrancada de três cabras, em tropel pela mata, lhe detassava a origem.

A descarga fora certeira. Atingira nos peitos o caudilho fracassado, que rolou do cavalo, como uma bola mole.

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá a cutis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Applique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME
Rugol

Mantém em segredo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:

Tratar com

JARBAS DE FREITAS
GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613

2.º And. Sala 217

Fone: 8-6718

O S.O.S. DO CINEMA FRANCÊS

(Cont. da pág. 34)

Pede-se que, no futuro, nenhum acôrdo internacional se conclua sem que as organizações profissionais sejam primeiro consultadas e que nenhum acôrdo internacional restrinja a faculdade de tomar medidas de proteção no interior.

Pede-se que a produção de cem filmes por ano seja possibilitada. (Muitos explicaram que aparentemente a restrição imposta ultimamente deveria favorecer o nascimento de bons filmes quando, na realidade, é exatamente o contrário que se dá, pois quem faz cem filmes pode talvez fazer dez de primeira ordem, mas quem só faz dez faz, geralmente, dez filmes péssimos).

Pede-se também uma reciprocidade de intercâmbio com o estrangeiro para que um acôrdo permitindo a entrada de muitos filmes estrangeiros no mercado francês permita ao mesmo tempo a difusão, no estrangeiro, dos filmes franceses.

Pede-se que o Parlamento taxe os filmes estrangeiros "doublés" que já estão, geralmente, amortizados antes de chegar até o estrangeiro e representam, assim, uma seria concorrência.

Diversas outras medidas ainda foram sugeridas e adotadas. Não posso explicá-las todas aqui. Se insisti sobre estas conclusões, é porque em um momento de perigo para uma indústria e uma arte nacionais, o movimento que acabo de descrever comprova a união entre pessoas das profissões as mais diversas e tendo opiniões políticas muito diferentes. Esta união certamente terá resultados importantes. É um exemplo que deveria ser seguido para muitas ações. Já que estamos falando em cinema não somente, quanto não lucríamos no Brasil se os espectadores procurassem agrupar-se ativamente em lugar de reclamar sobre a péssima qualidade dos filmes exibidos há mais de um ano em todas as nossas salas de espetáculo sem nada fazer de concreto para melhorar a situação? O público francês compreendeu que não podia mais permanecer passivo. Os nossos problemas não são os mesmos. Temos que resolvê-los de maneira diferente, mas sempre agindo. É por isso que insisti sobre este dia do cinema, cujo slogan era: "S. O. S. ... cinema francês" numa sala onde se liam palavras como "O espectador tem a palavra" ou "O cinema francês também tem o direito de viver", ou "A França precisa de divisas estrangeiras para comprar trigo, carvão, máquinas industriais. Cem filmes franceses por ano são um bilhão de divisas estrangeiras".

A PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO

E para acabar e comprovar até que ponto o público tomou parte nas discussões, citarei ainda alguns trechos de discursos ou interrupções feitos pelos espectadores presentes.

— Lemos nos painéis: "O espectador tem a palavra" disse um senhor. Uma categoria não está presente; as crianças. Fazem-se muito poucos filmes para crianças. Entretanto é preciso dar à infância a possibilidade de fazer outra coisa do que filmes de gangsters. Precisamos de uma censura para os filmes para as crianças, pois como escreveu Arboux "A imagem age sobre o subconsciente e leva a criança a agir, inconscientemente algum dia". Também temos que realizar alguns filmes por ano para as crianças.

"Faço questão de declarar que não tenho nenhuma ligação com o cinema e que também não possuo, em absoluto, espírito chauvinista. Entretanto, tomo a responsabilidade da promessa solene que faço de boicotar os filmes americanos até que uma solução satisfatória seja encontrada em favor do cinema francês".

Outro espectador propôs que se crie um Comitê de visão e leitura para os filmes estrangeiros parecido com o que existe para os filmes franceses, afim de impedir a exibição dos filmes estrangeiros de péssima qualidade.

Enfim, um dos participantes mais ativos das discussões foi um dominicano: o reverendo Padre Pichard. Explicou com muito espírito porque se interessava pelo cinema e porque defendia o cinema francês. "Receio que, em certos países, use-se de temas religiosos com outras finalidades que a de defender o cristianismo". Explicou que para poder fazer filmes servindo à ideologia que defende é preciso que exista uma possibilidade de realizá-los e que isto basta para explicar porque defende a existência do cinema francês.

A PROPAGANDA

Enfim, para terminar este breve resumo das atividades do Comitê de Defesa do Cinema Francês, acrescentarei que toda a propaganda foi feita sem dinheiro. O cartaz aqui publicado, por exemplo, foi reproduzido a centenas de milhares de exemplares. Para consegui-lo, as pessoas que trabalham no Comitê foram visitar decoradores e outros fornecedores trabalhando para o cinema francês quando o cinema francês está produzindo. Pediram-lhe um esforço, comprovando que, da existência do cinema dependiam muitos dos seus lucros pessoais. Obtiveram todos os cartazes gratuitamente.

Se dei estes exemplos é porque comprovam que quando o público está resolvido a agir ele pode obter resultados. A era de hoje exige ação. Passou o tempo das larmúrias. Chegou o momento de ver a maneira como alguns problemas podem ser resolvidos.

Não tive a impressão de que esta espécie de congresso fosse baseado sobre um hiper-patriotismo estreito, avésio às tentativas estrangeiras. Foi simplesmente uma auto-defesa em um momento crítico para o cinema francês.

Fraternidade

(Cont. da pág. 22)

E ainda servia o tentilhão quando a senhora Bliscott desceu o passeio para ver o que ele queria. Prevenido pelas fortes passadas, sentou-se apressadamente. Ela parou diante dele, secando as palmas rubras e balofas no avental. Ele pediu chá, "com um pedacinho de bolo", grato pelas maneiras amigáveis da senhora. Vendo-a retirar-se, tornou a analisar o passarinho, caindo novamente no banco quando ela voltou com a refeição. Quase sem olhar ela distribuiu a louça sobre a mesinha de ferro. O Imprevisto olhava-a de esguêlha, coçando a palma da outra mão. Sorrindo para o resfolegante bule de chá, arriscou uma palavra:

— Desculpe falar nisso, dona, mas esse seu passarinho é muito bonito, — e atirou um dedo por cima do ombro. A senhora Bliscott sacudiu a cabeça e alisou os abundantes quadris. — Tem razão, meu senhor, isso lá tem. Não é mal, não... é um tentilhão, o senhor sabe. Um tiquinho aparvalhado, hoje... às vezes ficam assim, o senhor sabe. — Ela assobiou asperamente, como se a chamar um cachorro, mas o tentilhão não deu confiança. — Amanhã ele está bom de novo, tão certo como a chuva, acredite. Meu pássaro preferido, o tentilhão, o senhor sabe.

O Imprevisto balançou a cabeça enfaticamente. — Parece um pouquinho de nada curto de vista, não é? — perguntou; para logo acrescentar, conciliatoriamente: — Talvez seja o calor.

— Ora essa, não! não é o calor, — encrespou-se a senhora Bliscott retirando a gaiola entre resmungos, sacudindo-a em vão para que o pássaro cantasse. — Vê melhor, agora? É cego, é isso. A gente sempre cega os tentilhões, o senhor sabe... assim cantam melhor. Basta furar os olhinhos deles com uma agulha em brasa, como se fura uma groselha. Não sentem nada, o senhor sabe. E ficaria surpreso se soubesse quanta diferença faz.

— Não sentem nada! — O Imprevisto ficaria mais espantado se seus dentes se tivessem derretido. As palavras coagularam-se em sua boca. Ele amassou o chapéu, visivelmente perturbado. A sra. Bliscott meteu um dedo na gaiola e ele recuou, tal qual o tentilhão. Escaratu-

chando o bolso do colete, retirou uma moeda, que mergulhou na palma rubra como numa água-viva. A sra. Bliscott se retirou, deixando-o apalermado, murmurando: — Pobrezinho...

Com mão trêmula encheu uma chávena, pôs leite e açúcar e mexeu rapidamente. Mas não bebeu. O chá esfriou e ele o impurrou para o lado. E com um dedo pôs-se a rabiscar no tampo da mesa, parecendo hesitar entre duas alternativas. E a visão da sra. Bliscott, que voltava, decidiu-o...

— Seu trôco, — sorriu ela, complacente.

Ele ergueu os olhos, encarou-a, apalpou o bolso do colete e levantou-se devagar.

— A senhora me venderia o camaradinho, dona?

— Meu Deus! Isso é coisa que vale a pena pensar — Muito deliberadamente ela tirou um grampo do cabelo e começou a coçar a cabeça, olhando-o em pensamento. De repente, levantou a voz:

— George! O cavalheiro aqui quer comprar o tentilhão... gaiola e tudo. Que tal?

Um homenzarrão, com um bigode que parecia um par de chifres de barro, uniformizado de guarda da prisão, aproximava-se pelos fundos da casa, pedalando uma bicicleta.

— Que que há? — E ele enterrou mais o kepi na cabeça.

O Imprevisto desviou a atenção, concentrada no passarinho, ao ouvir a grossa voz. Viu o uniforme, retesou-se. Perdeu o entusiasmo. E irrompeu numa breve torrente de palavras:

— Não tem importância... não tem nenhuma importância... me desculpe. Desculpe incomodá-la... Creio... que vou andando. Não tem nenhuma importância...

Com o chapéu espremido nos dedos ele fugiu do jardim, estonteado, as pedras estrondando ao toque das botinas, como que em desgosto. A sra. Bliscott bufou.

— E essa! Já se viu uma coisa assim?

O guarda, calmo, pendurou os prendedores das calças no cinturão, esfregou as mãos uma na outra e pôs na boca um cubo de açúcar, que mordeu com vigorosa satisfação.

— Saiu hoje, — explicou. — Mas essa... que pode ele querer com o passarinho... quem pode imaginar?

"All My Sons"

(Cont. da pág. 54)

Joe levantou-se, e cambaleou até a janela, donde viu o filho entrar no automóvel e partir. Como num gênio, murmurou: — Não, Chris! Não!

★

Passava da meia-noite, quando, não podendo dormir, Joe vestiu o roupão e saiu do quarto à procura da esposa. Encontrou-a na cozinha, diante de uma xícara de café. Tinha os olhos assustados. A carta que Ann lhe mostrara... o que acontecera na fábrica, entre o marido e o filho, e que Joe lhe contara, chorando, a primeira vez em que o vira chorar... a partida de Chris ninguém sabia para onde...

Vendo o marido, sugeriu-lhe que explicasse a própria falta a Chris. Mas ele foi inflexível: não, não pediria perdão a um filho. Ainda estava convencido de que o principal dever de um homem é o que ele tem para com a sua família. Por que pedir perdão? Sózinho, ele com

NESTE MÊS VAI SOFRER OUTRA VEZ?

Esta pergunta dirigimo-la a você presada leitora. A você que, como mulher, está sujeita todos os meses aos terríveis males resultantes do mau funcionamento de seus órgãos femininos. Terríveis males sim porque além de transformarem a sua existência num verdadeiro martírio esgotam com rapidez a sua saúde, a sua mocidade, a sua beleza. Ponha um ponto final neste capítulo de amarguras. Não sofra mais neste mês e em nenhum outro mês de sua vida. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o seu caso — afastará definitivamente os seus males, restaurando-lhe a saúde e com ela a beleza, a mocidade e boa disposição física e moral. O Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes — o N.º 1 e o N.º 2 — de acordo com as naturezas diferentes dos males femininos. O N.º 1 se aplica nas regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fadiga, etc. O N.º 2 se aplica na falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc. O Regulador Xavier lhe dará saúde todos os dias do mês e todos os meses do ano.

**GRIPE
RESFRIADOS
NEURALGIAS**

**DORES
de CABEÇA**

TRANSPIROL



NINGUEM ESCAPA

Um folhetim-sintético-ilustrado de REVISTA DA SEMANA — Direitos adquiridos ao King Feature Syndicate.

História de FAITH BALDWIN — Desenhos de J. SCHABELITZ



Na salinha havia uma moça...



— O senhor me assustou!



— Posso esperar aqui?



Os dois se chocaram...

Foi num radioso dia de Outubro, em 1940, que o jovem advogado de Nova York, Tony Dennison, chegou a Benfield, cidadezinha da Nova Inglaterra. Desembarcando o seu metro e oitenta de trás do volante, ele subiu ao escritório de Timothy Wheaton, no sobrado do banco. A porta que dava para o gabinete do promotor Wheaton estava aberta. Entre o gabinete vazio e a sala de espera havia uma salinha com uma mesa, um telefone e uma janela. Havia também uma pequena, Linda. Tinha vinte e dois anos. Seus cabelos eram castanhos claros, com reflexos rubros e dourados, e os olhos eram azuis; as mãos sobre o teclado da máquina eram bem feitas, murchas, fortes e queimadas de sol. Tony sorriu. Aquela

moçoinha que trabalhava assobiando e parecia feliz como uma borboleta era qualquer coisa de novo para ele. Tony abriu a boca: — A... acho que estou desafiado, hoje. — O esalar da máquina de escrever cessou de repente. Linda girou na cadeira. — Eu... o senhor me assustou.

— Sinto muito, — disse ele, sem sentir coisa alguma. — Meu nome é Anthony Dennison. Quero falar com o dr. Wheaton. — A pequena se levantou. — Sou Linda Wheaton. Papai está no tribunal, mas não deve tardar.

— Posso esperar aqui? — Tony sorriu. Ela o conduziu para o gabinete. Sentados, ele explicou: — Estou a caminho do Maine. Resolvi parar aqui para conhecer seu

pai. Meu pai foi colega dele na faculdade... William Dennison. — O rosto de Linda resplandeceu: — Bill Dennison? Já ouvi mais de cem histórias a respeito dele... — E o rostinho dela ficou sério. — Lembro-me agora... faleceu há algum tempo, não é?

— Dezoito meses. Estava doente há muito tempo. — Aqui Tony fez uma pausa, e prosseguiu: — Estou numa firma de Nova York, um desses negócios de produção em massa...

Nesse instante ouviu-se uma voz na sala de espera. Tony e Linda se ergueram ao mesmo tempo e se chocaram diante do velho Wheaton...



Linda saiu sorrindo. — Ela vai se casar, — disse o velho.



— Rix é propriedade de Linda.



Peg Reynolds fitava a amiguinha.

Tony foi recebido carinhosamente. E o promotor Tim Wheaton virou-se para a filha: — Linda, vai para casa agora mesmo e diz a tua mãe que avante o quarto vazio. Temos um hóspede de honra. — O dr. Wheaton interrompeu os protestos de Tony, quando Linda saiu. — Filha única. Estragada pelos mimos mas muito boazinha. Dentro em pouco eu e a velha estaremos de novo sós. — E a pergunta de Tony: — Ela vai se casar, ralos! Conheceras o noivo hoje à noite. Trabalha no banco aqui em baixo... o pai é o presidente... proprietário de quase toda esta rua. Tu mesmo farás uma idéia sobre ele, logo mais.

Escurecia quando os dois saíram, e Tony levou o velho no seu carro. Ele estava um tanto estonteado por aquela brusca alteração de planos. Mais tarde, naquela noite, foi apresentado a Rix, o noivo de Linda. Rix era o rapaz mais bem apossado que ele já vira, mesmo no cinema. Suas feições eram até perfeitas demais. No entanto, o seu aperto de mão foi forte e ardoroso. Wheaton apresentou-os: — Rix é proprietário de Linda... ou será depois de 3 de Janeiro. Cresceram juntos... sabes como são essas coisas. Onde está Linda? — Rix explicou que ela estava esperando Peg, uma velha amiguinha que ela convidara para fazer companhia a Tony. Quan-

do Peg perdera a mãe, Linda a persuadira a abrir uma casa de modas em Benfield. E se Rix Anderson era um dos mais elegantes rapazes que Tony já encontrara, Peg certamente era uma das mais lindas mulheres... Não era exatamente o seu tipo, mas era adorável. Ao lado dela, Linda parecia uma criança... uma criança feliz. Tony então reparou no olhar dela para Rix, no sorriso, e viu que se tratava de uma mulher feliz, feliz, e segura de si.

Tony se voltou e viu também a curiosa expressão com que Peg Reynolds olhava para Linda...



Tony ouviu um murmúrio. Linda e Rix estavam na calçada...



Seus vultos se fundiram.



Linda cantarolava baixinho.

Durante o jantar Tony observou em Peg, frequentemente, aquela mesma expressão estranha. Parecia ansiosa... uma espécie de olhar faminto, vazio, desesperado depois para chegar finalmente ao desafio... Se Linda notou, não deu o menor sinal. Depois do jantar foram ao cinema: Linda com Tony, por obrigação social, e Peg à frente com Rix. Tony quis saber se Linda e Rix pretendiam mudar-se da cidade, depois de casados. — Eu e Rix? Claro que não, — respondeu ela, rindo. — Se eu tivesse alguma influência trataria de convencê-los a irem para Nova York. Eu mesmo ajudá-la a fazer carreira lá, — explicou Tony. — Mas eu não quero carreiras,

— temeu Linda. — Quero é casar-me com Rix, ter minha casa e um bando de filhos... — Tony duvidou um pouco...

Assim que regressaram, Tony foi se deitar. Chegando à janela ouviu um murmúrio de vozes. Debruçou-se e viu Rix e Linda na calçada em baixo. Recuou, mas assim mesmo não pôde deixar de ver o abraço, os dois vultos que se fundiam, aquele momento de mágica renúncia. Alguém bateu na porta. Tony mandou entrar. Era Wheaton, enorme no seu chamele estampaio. — Vim te dar boa noite, — explicou. Conversaram em voz baixa. Wheaton queria saber o que Tony achava da guerra e

das recentes convocações. — Oh, ninguém ficará de fora, — Tony profetizou. Seus próprios planos, explicou, estavam em suspenso, à espera da chegada de sua mãe. Depois, levou o amigo até a porta do quarto. Ouviram então os saltos de Linda batendo na escada. Quando passou por eles, ela cantarolava em surdina. Tim Wheaton sorriu. — Está feliz... queira Deus que fique sempre assim. Quando Tony apagou a luz, bocejou ruidosamente, deitou-se e pegou no sono quase que instantaneamente. Linda, em seu quarto, ouviu-o bocejar e sorriu. Excelente rapaz, Tony Dennison. Era bom que ele e Peg... talvez...

NINGUEM ESCAPA

Tradução de **JORGE A. FORTES**,
especialmente para
REVISTA DA SEMANA

Este folhetim continuará
no próximo número, nestas
mesmas páginas



— Um presente!



— E' de Tony Dennison!



Linda olhou para Rix. Ele andava bebendo muito, ultimamente.

Era o Domingo anterior ao dia de Natal, menos de duas semanas para o casamento de Linda e Rix. Rix e Tim Wheaton preparavam a iluminação da árvore de Natal, sob as ordens da sra. Wheaton. Linda enfeitava os ramos inferiores, e Peg, mais alta, os superiores. Entrou a criada com um pacote. Linda gritou: Presente de casamento! Peg ajudou-a a desembalar a pequenina e rica salva de prata. Linda leu o cartão. — Vejam... é de Tony Dennison. Sentou-se sobre os calcanhares. — Ah... pena que não possa vir! — Ela sorriu para Rix e Peg se afastou, rosto imóvel e grave, sem expressão. Mas seu coração era um torvelinho de emoções... Era tão

difícil odiar Linda! Peg então encontrou o olhar sombrio de Rix, alertador. Oh, Rix; pensou, desesperada, que será de nós? Rix era um covarde, pensou depois. Não havia a menor firmeza sob aquele encanto, aquela promessa de energia. Seria muito mais fácil odiá-lo do que a Linda.

Pouco depois entrava na sala a mãe de Rix, mulher alta e corpulenta, se bem que magra. Seus cabelos eram brancos, grossos e crespos. Explicou: — Vi a casa acêsa.

Enquanto as senhoras tomavam chá, Tim Wheaton propôs um uísque com soda. Rix concordou. Linda olhou-o, atenta... Rix andava bebendo muito ultima-

mente. Desejava que ele não o fizesse. E andava nervoso... irritadíssimo. Já tinham brigado duas vezes desde Outubro. Ela falara com o pai a respeito. — Excitação devida ao casamento, — fora o diagnóstico.

Terminado o chá, a sra. Anderson pediu ao filho que a levasse para casa. Linda então sentou-se e ficou olhando a árvore. — E' a mais bonita que já tivemos... Será o nosso mais feliz Natal!

E Peg Reynolds ergueu-se de repente, tão bruscamente que quase derrubou a mesinha ao lado, com copos e tudo, e saiu correndo da sala...



Linda fechou as gavetas.



— Que aconteceu?



Alice Anderson entrou...



— Rix fugiu com Peg!

Nos dias que se seguiram, Linda andou preocupada com a amiga. Era a única pessoa que sabia do que Peg fizera quando perdera a mãe... excesso de soporíferos. Passou o Natal e ficou faltando apenas uma semana para o casamento. Havia mil e uma coisinhas de última hora. Linda fechou as gavetas de sua mesa pela última vez e foi para casa. Estava sozinha quando o telefone chamou. Falou uma voz desconhecida: — Linda? — Sim... Quem?... — Mas logo percebeu: era a mãe de Rix. Devia estar resfriada, tão rouca era a voz. Alice Anderson falava pesadamente. — Seu pai... ou sua mãe? — E Linda se assustou. — Não. Aconteceu algu-

ma coisa? Que foi? — Alice terminou dizendo que iria até lá.

A espera foi interminável... uma eternidade. Linda caminhava de um lado para outro, e nada! Algo acontecera a Rix. Talvez um desastre. Ele fora a Boston... as estradas estavam péssimas!

Ouvindo passos na calçada Linda correu para a porta. Alice entrou, sacudindo a neve do casaco. Estava pálida como a morte. Caminhava como uma velha, trôpega. — Linda... — E a sra. Anderson a abraçou. — Não chore! — Linda não percebera que estava chorando. — Linda... eu preferia morrer a ter que lhe dizer isso... mas meu

filho... — E Linda chorava. — O que foi? Que lhe aconteceu?

— Foi embora... fugiu... com Peg Reynolds. Encontraram-se em Boston. Foram para Nova York, onde vão casar. Recebi um telegrama, pedindo-me que lhe dissesse, Linda... — E Alice não pôde mais: — Oh, minha filha, — soluçou, — não fique desta maneira, não trema assim...

— Não acredito! — disse Linda em voz firme, quase gritando. — Mas é verdade! — Alice Anderson soltou a moça e caiu numa poltrona, como se fosse desmaiar. — E' a verdade! — repetiu...



O velho médico aliviou-a...



— Não fique desse jeito, papai.



Linda afinal desabafou: — Não aguento mais. Preciso sair daqui!

Só muito tarde, naquela noite, Linda percebeu que estivera por demais aturdida para sentir qualquer coisa de real, para compreender de fato o que houvera. O velho dr. Mac, chamado pelos pais preocupados, afinal a fizera chorar, pondo-a depois a dormir com um poderoso sedativo. Ela despertou na manhã seguinte com uma insuportável dor de cabeça, mas de qualquer jeito conseguiu descer para o café. Encontrou o pai. Wheaton puxou um pigarro. — Tua mãe passou muito mal a noite. Sentiu muito o que aconteceu. — Nos olhos de Linda passou o fulgor que o pai esperava; e ele acrescentou: — Fica desesperada quando te vê sofrer. — Ai passou a criada com a bandeja para a sra. Wheaton.

Linda tomou-lhe a bandeja e foi para a escada. Parou no primeiro degrau e disse para o pai: — Eu não quero que você fique desse jeito, sabe?

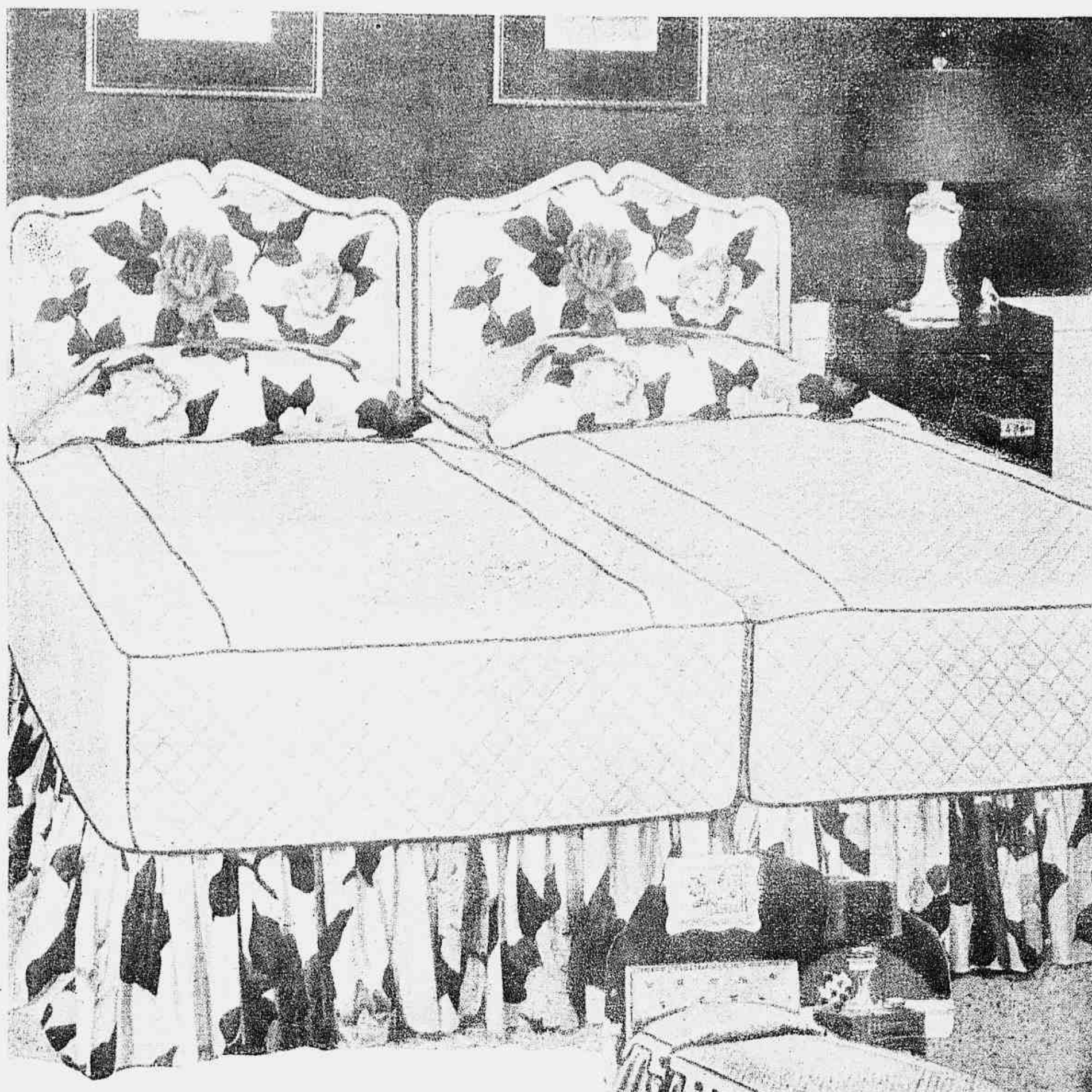
Passaram-se dias. A vida em Benfield era simples... e ao mesmo tempo tão complicada... Talvez algum jornal publicasse o rompimento do noivado... o que seria muito esquisito com Rix já casado em Nova York. Praticamente todos já sabiam... "Lá vai ela... Não é horrível? Contadinha!"

Os presentes foram todos devolvidos, inclusive a salva de prata de Tony Dennison. Linda procurava esquecer. Recebia convites para festas... os rapazes corteja-

vam-na. O telefone tocava... queria ela ir a um baile, ao cinema, a um jogo de basquetebol? Ela ia, endurecendo o queixo, controlando as mãos, rindo quando se esperava que o fizesse. Mas finalmente, cerca de um mês após a fuga de Rix... e Peg... ela disse ao pai: — Não posso mais suportar isto aqui!

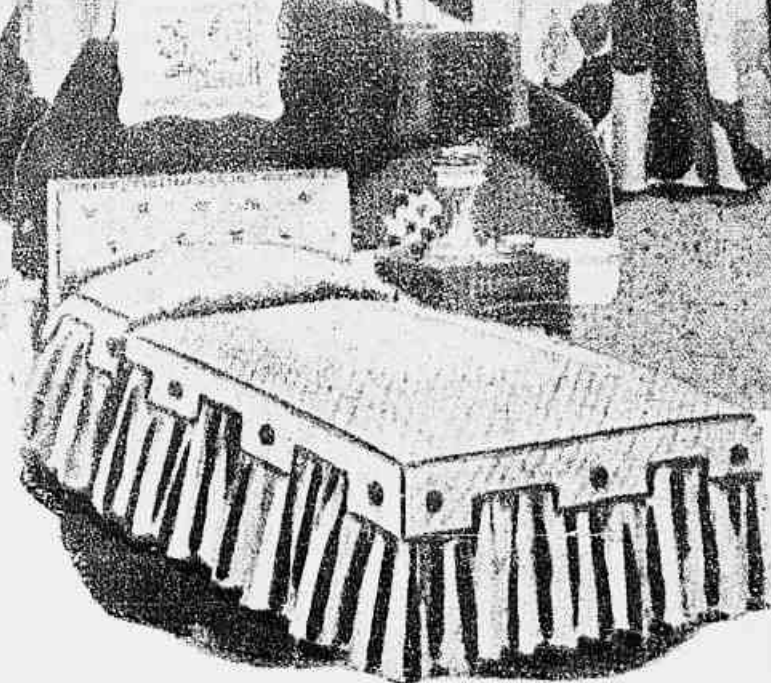
— Então, — disse Tim Wheaton, já com os olhos marejados. — Tenho feito força, tenho resistido ao máximo. Todos sabem. Todos sentem por mim...

— Não sofra assim, minha filha! — E logo depois ela concluiu, como se não tivesse ouvido: — Preciso sair daqui. Nada mais me resta em Benfield...



DORMITÓRIO MODERNO

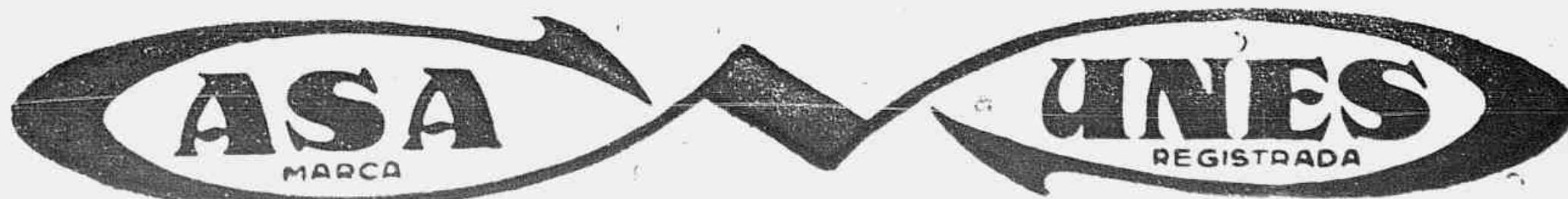
Móveis laqué creme, em contraste com a cor verde-escuro das paredes. As grandes flores do schintz estampado alegam e realçam a simplicidade ambiente, despretensiosa e natural. A forração do piso foi executada em passadeira bouclé de tom cinza-claro



Mobiliários e Decorações

TAPETES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

NACIONAIS, FRANCESES, INGLÊSES, AMERICANOS, PORTUGUESES, INDIANOS, PERSAS, (LEGÍTIMOS), ETC.



Fundada em 1912 — 65, RUA DA CARIOCA, 67 — Rio



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz



NELSON